AXL ROSE revela sua trágica infância

BIZZ

EDITORA AZUL

5561 • MAIO 1992 • ANO 08 • N.º 5 • EDIÇÃO 82 • CR$ 8 000,00

BRUCE SPRINGSTEEN

ERIC CLAPTON

ALICE IN CHAINS

C + C MUSIC FACTORY
REIS DO REMIX

U2
A MEGATURNÊ

RADICALIZOU!

FAITH NO MORE

a primeira entrevista sobre o novo disco "as taras de Mike Patton", por João Gordo!

CHILI PEPPERS • CIDADE NEGRA • URBAN DANCE SQUAD • PRONG • CHIC

MIKE PATTON - San Francisco
BONO VOX - Dublin
MARCELO HASHIMOTO SOUSA - São Paulo
ELTON JOHN - Pinner
BERNIE TAUPIN - Lincolnshire
ROBINSON SCHALCH - Santos
BOB MARLEY - St. Ann
MARTA J. COIMBRA - São Paulo
STING - Wallsend
IRINEU ERNO HARTEMINK - Santa Maria
NUNO BETTENCOURT - Açores
RICK DAVIES - Londres
FRANCISCO FERREIRA LIMA JR. - Recife

Esta é a lista de passageiros da Polygram Vídeo para a

Volta ao Mundo da Música em Dez Vídeos.

Se o seu nome está aí em cima, aguarde contatos imediatos!

* Marcelo, Robinson, Marta, Irineu e Francisco são, pela ordem, os vencedores da promoção. Aguardem o contato da Polygram Vídeo para a entrega dos prêmios.

PolyGram Video

Para frente, para trás, para os lados. Esta BIZZ está viajando mais no tempo que o Mazda de *De Volta Para o Futuro*.

Falamos do que está rolando *agora*: Red Hot, Urban Dance Squad, C+C Music Factory. Voltamos aos anos 80, em que Bruce Springsteen foi votado pela *Rolling Stone* "homem da década". Aos 70 do Chic, o maior grupo da discoteca. Aos 60 que revelaram Eric Clapton. Ao rock inocente dos 50, através de Buddy Holly.

Mas, como sempre, a ênfase é no que o futuro nos reserva. Por isso nos adiantamos um mês no tempo, para revelar com exclusividade a você como é um dos lançamentos mais aguardados do ano: o disco novo do Faith No More. A banda está mais afiada que nunca, revela José Emílio Rondeau, que capturou o FNM no estúdio em Los Angeles. É o tipo de matéria que dá alegria de publicar — fomos os primeiros da imprensa mundial a ouvir o disco, e *você* se deu bem por causa disso. Leia tudo sobre o LP *Angel Dust* na página 18.

E um epílogo à série *Barulho*, um serviçao ao leitor que gosta de distorção: os principais endereços do underground americano (pág. 37). Dá para abrir o apetite para o livro *Barulho*, que chega este mês às bancas e livrarias de todo o país.

Mês que vem: a capa mais (in)esperada dos últimos anos.

PolyGram

Fotos da Capa: Frank Forcino LFI (FNM), Larry Busacca Retna (U2), Sony (C + C)

6 **SHOWBIZZ**
A dura infância de Axl Rose

12 **FAST FORWARD**
A década mais jeca da história não morre

24 **CIDADE NEGRA**
Reggae revelação, agora para exportar

28 **ERIC CLAPTON**
Deus fala

31 **C+C MUSIC FACTORY**
Os donos da dance music

35 **BRUCE SPRINGSTEEN**
O durão se casou, sossegou e amoleceu

40 **CONEXÃO BRASIL**
Especial: rock carioca

43 **JUKEBOX**
Billy Fury, o primeiro *rocker* inglês legal

44 **DANCE MUSIC**
A volta do Chic

46 **AO VIVO**
Red Hot, UDS, Korzus, Pin-Ups

51 **DISCOS**
Bruce, C+C, Clash, Jovem Guarda

56 **CD**
Os anos dourados de Lou Reed, Big Star

60 **VÍDEO**
Doors, Elvis, Lennon

61 **PARADA**
Em novo formato!

62 **LETRA**
"Man In A Box", Alice In Chains

64 **CARTAS**
Esses críticos não prestam

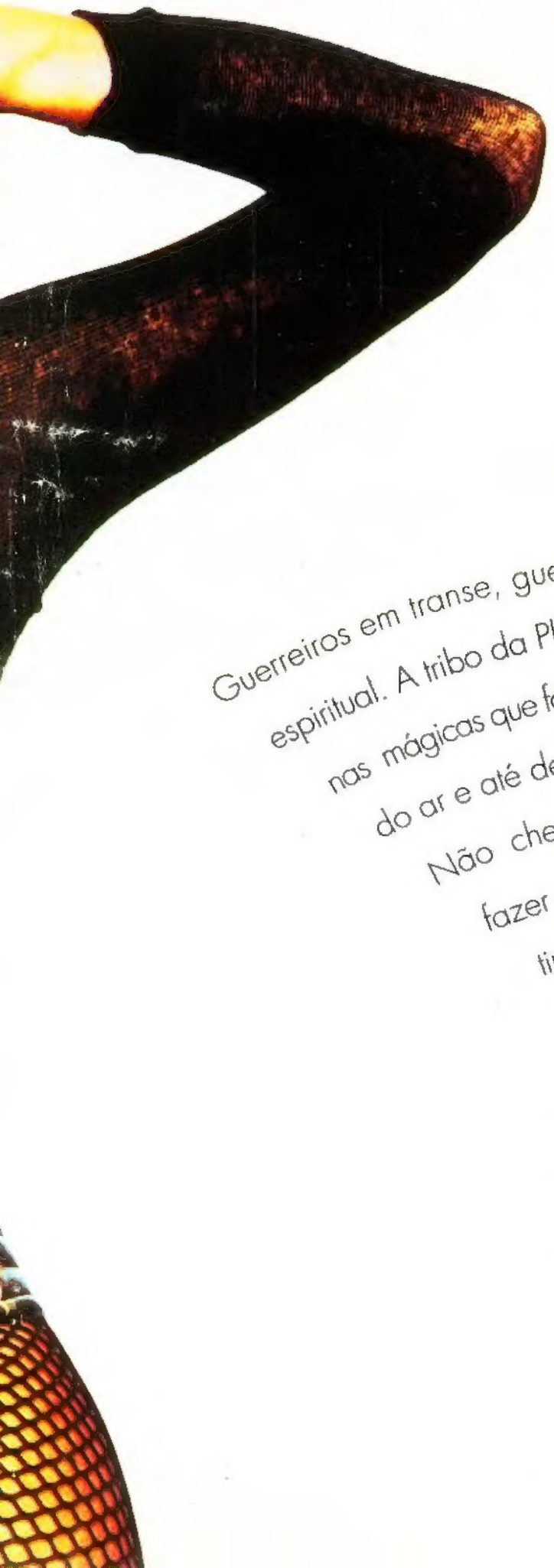
66 **DISCOTECA BÁSICA**
Legend, Buddy Holly

PHILIPS

STANDARD

PHILIPS

DANÇANDO SOZINHA?
ONDE ESTÃO OS OUTROS DA TRIBO?
JÁ ENTENDI. VOCÊ É A TRIBO.



AQ6518

Guerreiros em transe, guerreiras em meditação, chegou o som para o seu retiro espiritual. A tribo da Philips fez Moving Sound. E Moving Sound tem máquinas mágicas que falam e tocam música. Muito estranho. Captam o som do ar e até de fitas cassete. Se falam com antepassados? Não chegam a tanto. Mas com elas você pode fazer sua própria dança da chuva. E curtir um ritual de som com muito prazer e nenhum sacrifício.

MOVING SOUND

THE SOUND OF ALL TRIBES

PRODUTO IMPORTADO

SHOWBIZZ

ROUPA SUJA

A edição de 2 de abril da *Rolling Stone* publicou uma entrevista bombástica com Axl Rose, do tipo "ele conta tudo"

TRAUMAS DE INFÂNCIA

Axl, ao falar sobre a música "Back Off Bitch", acusada de sexista, explica que sempre teve muita raiva de mulheres. "Fui rejeitado pela minha mãe desde que era um bebê. Ela sempre preferiu ficar com meu padrasto desde que o conheceu. Ela via ele me surrar e na maior parte das vezes não fazia nada."

"Minha avó tinha problemas com homens e lembro de ouvi-la falar mal deles. Tive problemas com minha masculinidade por causa disso. Fiquei puto com minha avó por causa de seus problemas com homens e como isso me fazia sentir pelo fato de ser homem. Então escrevi sobre meus sentimentos nas canções."

Axl conta ainda que acabou descarregando sua raiva nas mulheres. "Eu e Erin (ex-esposa de Axl) sempre tratamos um ao outro como merda."

Em fevereiro de 91 ele começou a fazer terapia e regressão. Descobriu que a gravidez de sua mãe não era bem-vinda. Seu pai verdadeiro ("um cara bem fudido na vida") tratava muito mal sua mãe. "Então, quando nasci, eu simplesmente desejei que o f.d.p. estivesse morto."

Mas Axl só viria a saber que seu pai não era seu padrasto quando ele tinha dezessete anos. "Nunca fui Bill Bailey. Eu nasci William Rose." Segundo conta, seu pai verdadeiro o raptou quando ele tinha dois anos. "Lembro de uma agulha. Lembro de ter tomado uma picada. E lembro de ter sido violentado sexualmente por este homem e de uma coisa horrível ter acontecido a minha mãe quando ela veio me buscar. Não podia me permitir ser um homem de verdade, porque os homens eram maus e eu não queria ser como meu pai."

Depois sua mãe se casou com seu padrasto e teve uma filha. Além de espancar os dois constantemente, seu padrastro molestou sua irmã por vinte anos. Ele só ficou sabendo sobre sua irmã ano passado, quando os dois passaram a se ajudar resolvendo seus traumas do passado.

"Meu padrasto é um dos seres humanos mais perigosos que eu já encontrei", disse Axl.

A SAÍDA DE IZZY

Axl acha que Izzy deixou a banda porque ele nunca quis se envolver com algo tão grande. "Havia responsabilidades com as quais Izzy não queria lidar. Não era sua intenção que a banda crescesse tanto, ao contrário de mim e Slash. Ele não queria fazer clipes."

Axl conta que tudo aconteceu na época das filmagens de "Don't Cry". Izzy mandou uma carta "fria e curta" e não apareceu. "Eu falei ao telefone com Izzy por quatro horas e meia. Cheguei a implorar e chorar, tentei tudo para mantê-lo na banda. Mas ele faz exigências impossíveis de cumprir."

A "LIMPEZA" DO SOM DA BANDA

Depois que o grupo passou a levar seção de metais, *backings* e mais um tecladista, muitos passaram a dizer que preferiam a banda com a formação básica. Os shows passaram a ser considerados mais polidos e profissionais. "Não acho que o show esteja perdendo sua energia. Há muito mais energia agora. Tem gente que prefere uma garota com o mesmo penteado que ela tinha há dez anos atrás. Entendo isso, mas nós estamos evoluindo e somos *nós!*"

Starlie Shaw Stills

INDÚSTRIA CEDE E ACABA COM CAIXAS LONGAS DOS CDS

Por causa da reclamação dos ambientalistas, claro. Aquela caixa maior gasta mais papel, "desnecessariamente", segundo as entidades ecológicas. Daqui para a frente os CDs das seis maiores gravadoras do mundo — BMG, MCA, Sony, PolyGram e Warner — virão só nas caixinhas, com um plástico protegendo (é como os compact-discs são vendidos em todos os lugares do mundo fora dos Estados Unidos). A Warner usará em alguns de seus selos algo chamado Eco-Pak, um "embrulho" de papelão.

BMG-Arola

NINFA ☺ MANÍACA

A cantora dos Nymphs, Inger Lorre, não toma jeito. Primeiro fez xixi na mesa de um diretor de sua gravadora, o que já rendeu um certo bochicho para a banda (merecido, porque o grupo é legal; o disco de estréia deles saiu aqui).

Agora ela foi mais longe. Num show na Califórnia, em março, Inger — reclamando que sua voz estava muito ruim — chamou o namorado para o palco e caiu de boca. Chupou tranqüilinha o rapaz, enquanto a platéia se dividia; alguns aplaudiram, outros vaiaram e um chegou a jogar uma garrafa na dupla. Inger pegou o microfone e explicou: "É assim que uma garota católica e boazinha recupera sua voz. Não estou soando melhor?"

LONDRES

Na volta de sua fracassada "tour" africana, Michael Jackson passou alguns dias em Londres, onde lojas (Tower Records e Hamley's, o paraíso dos brinquedos) foram fechadas para que ele pudesse gastar dinheiro em paz. Multidões de fãs passaram dia e noite na frente de seu hotel. Os jornalistas tentaram de tudo; um se vestiu de árabe rico, outro usou mulher e bebê para se registrar no hotel. Em vão. Nem Prince B, do PM Dawn, foi recebido ● Problemas com censura: "Reverence", do Jesus And Mary Chain, foi proibida no programa de TV *Top Of The Pops*, o mesmo que preferiu expulsar os Red Hot Chili Pepers a deixá-los aparecer tocando de vestido ● O clube mais quente do momento é sem dúvida o Kinky Gerlinky. A noitada é uma verdadeira celebração do *camp*, com homens vestidos de mulher desfilando ● Sorte de quem estava no show de Jocelyn Brown no Jazz Cafe: a cantora parou o show para chamar uma amiga ao palco — nada menos que a grande Chaka Khan, que arrasou ● Vistos: Nick Cave no show da Rollins Band; os Chili Peppers no show do Soundgarden ● A festa dos Beastie Boys, no Marquee, contou com os convidados mais ilustres do mês: EMF, Wendy James, Pop Will Eat Itself, Tim Simenon do Bomb The Bass e membros do Blur ● Morrissey trabalha no seu novo disco com o lendário guitarrista Mick Ronson, ex-Bowie (fase Ziggy Stardust) e Mott The Hoople.

ANAMARIA G. DE LEMOS

Matt Anker Reina

RÁPIDAS E RASTEIRAS

Oficial: Kurt Cobain, do **Nirvana**, casou com Courtney Love, do **Hole** + Chuck Moseley, ex-Faith No More, agora também é ex-**Bad Brains** + O **Dexys Midnight Runners** voltou + **Titãs** e **Paralamas** participam de um festival de rock latino no México + Detroit presenciou quatro dias de festa para levantar grana para os filhos de Rob Tyner, cantor do MC 5, que morreu ano passado. Com Dee Dee Ramone, Cult e uma reunião do MC 5 + **Joe Strummer** está oficialmente nos **Pogues**, gravando disco e tudo + Fecharam as contas do **Live Aid**, finalmente: a organização de caridade fundada por Bob Geldof rendeu cerca de 200 milhões de dólares + **Madonna** gravou uma faixa inédita para o desfile dos estilistas italianos Dolce e Gabana. A música é house com detalhes tecno.

OUÇA ESSA

"O Right Said Fred é minha banda favorita no momento. Eles são tão esquisitos, tinham que ser ingleses mesmo."
Mike Patton, Faith No More

"Nunca quis ser mulher, gosto demais do meu pau. Ele é maravilhoso, a maior bênção que um homem pode ter."
Richard Fairbrass, vocalista do Right Said Fred

"Fui convidado para substituir Vince Neil no Motley Crue. Talvez até conseguisse convencer a banda a não pôr mais garotas peladas nos videos. Mas não dá."
Eddie Vedder, cantor do Pearl Jam. E não é piada, ele foi sondado mesmo

U2 cai na estrada

Retna

A banda irlandesa iniciou sua primeira turnê americana em cinco anos com um show na Flórida. São 32 datas em 55 dias. A *Zoo TV* é a excursão mais ambiciosa do U2. Ela envolve cinco automóveis Trabant pendurados sobre o palco e um canal de televisão — a "Zoo TV" — completo, com equipe de filmagem, câmeras computadorizadas e uma antena parabólica ligada em transmissão de satélites.

Graças a essa complicação toda, os primeiros shows na Miami Arena atrasaram bastante para começar. Os shows dos Pixies, que estão abrindo para o U2 na parte americana de tour, foram prejudicados.

A parte inicial dessa excursão é em ginásios cobertos, menores dos que o U2 costuma ocupar. A Miami Arena tem lotação máxima de oito mil pessoas (os ingressos para o primeiro show esgotaram em quinze minutos). Essa fase da tour estava planejada para se estender até 23 de abril, em Vancouver. Depois, o grupo iria para a Europa e o Oriente.

A banda se preparou cuidadosamente para essa volta aos palcos, depois de dois anos. Eles ensaiaram durante dois meses na Irlanda. O show abre com seis músicas de *Achtung Baby* e inclui uma cover de Lou Reed, "Satellite Of Love". Entre o merchandising à disposição do público, a camisinha com a inscrição "Achtung Baby" é a que está fazendo mais sucesso.

A excursão deve se estender até 93, quando a banda voltará para os EUA para tocar em estádios maiores, a céu aberto; o palco dessa fase da tour deverá ser mais complicado ainda. Existe ainda a possibilidade de o U2 fazer um show-monstro em algum lugar do leste europeu, entre julho e agosto.

AS BAIXARIAS DE BONO

O cantor dá a primeira entrevista em dois anos, de porre.

Foi durante a entrega do prêmio irlandês *Hot Press Awards*. Bono usava óculos escuros, fumava uma cigarrilha e bebia conhaque sem parar. Entre as pérolas que o rapaz soltou:

"O resto da banda devia estar aqui também, mas eles não gostam de vocês, jornalistas. Eu gosto".

"O som do The Edge, sou eu que faço. Larry Mullen é uma bateria eletrônica, que eu programo" (quando perguntaram por que ele não seguia carreira solo).

"Adam Clayton tem o menor pinto no U2."

"Escrevem muita merda sobre a banda. Escrevem muito sobre o que fazemos e onde vivemos e quanta grana ganhamos, e muito pouco sobre nossa música."

Bono disse ainda que a banda fará um vídeo para cada música do disco *Achtung Baby*, que atingiu 6,5 milhões de cópias vendidas mundialmente no final de março.

LOS ANGELES

Frank Zappa lançará mais um caixote "pirata", com sua versão de lançamentos antes disponíveis somente em edições bootleg, chamado *Beat The Boots Vol II.* ● Também apetitoso para colecionadores é *Live At The Whisky*, álbum ao vivo de Alice Cooper gravado num show de 1969 na histórica casa noturna de Sunset Strip, Los Angeles. Pamela Des Barres — a ex-groupie número 1 que se tornou escritora desde que transformou em memórias literárias seus encontros sexuais com astros de rock dos anos 60 — assina o texto da capa do disco ● A miniturnê de George Harrison pelo Japão — com Eric Clapton a tiracolo — foi transformada em disco ao vivo. O álbum, repleto de antigos sucessos dos Beatles, sai no final de junho ● Mais uma contratação na vã tentativa das gravadoras para encontrar "o próximo Nirvana", resultado do megassucesso repentino do power trio alternativo dos arredores de Seattle, "a capital do rock". A Virgin — recém-adquirida pelo grupo empresarial Thorn-EMI — assinou com o The Fluid, de Denver, Colorado, e está dizendo para Deus e o mundo que tem em seu elenco... o próximo Nirvana! ● O mundo não acaba na MTV. Com isso em mente, a Slammin' Gladys, banda de rock de Los Angeles contratada do selo predominantemente rap Priority, fez um clip não para passar na Music Television, mas no canal a cabo da Playboy! ● Depois de dois anos seguidos em Nova York, a entrega dos prêmios Grammy volta para Los Angeles em fevereiro.

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

UMA NOITE NA MICHAEL LÂNDIA

Michael Jackson puxando um cordão de carnaval ao som de "Toda Menina Baiana", de Gilberto Gil?

Michael cercado pelos ganhadores do concurso, durante a festa. A loirinha no colo dele foi apresentada como sua "filha adotiva"

Sigma

Meninos, eu vi, e aconteceu no deserto da Califórnia, a uma hora de Palm Springs, onde Jackson recepcionou 100 vencedores (e seus respectivos acompanhantes) do concurso *My Dinner With Michael*, promovido pelas MTVs do mundo inteiro.

Os premiados — entre eles a brasileira Maria Alessandra Cordeiro de Mello, do Rio de Janeiro — foram levados para uma tenda branca de circo montada literalmente no meio do nada, próximo ao set de filmagem do novo clipe de Jackson, "In The Closet" — um cenário construído para parecer uma cidade desolada do interior do México. Lá, jantaram pratos internacionais — comida indiana, comida japonesa, comida mexicana — rigorosamente vegetarianos, preparados pela cozinheira particular de Michael, Akasha. Enquanto comiam, eram entretidos por artistas "étnicos", como uma banda de música caribenha, dançarinas do ventre e a banda brasileira The Rio Thing, acompanhada de cinco passistas e dois dançarinos de capoeira. O clima geral era, na verdade, circense e infantil: era vetado o consumo de álcool, enquanto mágicos, palhaços, engolidores de fogo e animais selvagens (panteras, elefantes, chimpanzés) passeavam entre os presentes, antes de Michael aparecer.

Quando chegou, finalmente, ao som de "Bad", Jackson foi abordado pelos fãs mais jovens que haviam ganho o concurso — como o menino francês que deu-lhe uma miniatura da Torre Eiffel — e, com eles a tiracolo, dirigiu-se para a mesa principal do jantar, no meio das demais mesas. De óculos escuros, camisa vermelha, calça e botas pretas, ultramaquiado com uma pesada camada de base e delineador preto nos olhos, ele sentou-se com o diretor Herb Ritts, a modelo Naomi Campbell (seu par no clipe novo), mais uma equipe de seguranças. Comeu muito pouco do que Akasha, em pessoa, lhe trouxe, bebeu ocasionalmente de um frasco pequeno e misterioso, e passou a prestar a maior atenção ao show do Rio Thing.

Michael estava quieto no seu lugar até que as passistas o cercaram e o puxaram para o meio da pista de dança. Foi a deixa para todos os vencedores do concurso levantarem e formarem um cordão de carnaval. Michael sorria animado, cercado das passistas, de Naomi Campbell e do diretor Ritts. As dançarinas do ventre não se contiveram e entraram na roda. Alguém, a essa altura, especulou que os daiquiris de banana "virgens" (sem álcool) haviam sido "envenenados" com LSD: psicodelismo perdia!

Uma hora depois de ter chegado, após a apresentação um tanto *mondo cane* do grupo caribenho — com direito a rolação por cima de cacos de vidro, bem Cinelândia —, Michael levantou-se e dirigiu-se ao miniestúdio montado para que ele fosse fotografado com os vencedores. Posou com o maior espírito esportivo (dando instruções o tempo todo para o fotógrafo) e desapareceu da tenda, sendo dirigido para uma locação desconhecida.

Na manhã seguinte, no ônibus que a levava para o aeroporto de Los Angeles, Alessandra, a ganhadora brasileira, comentaria sua impressão de Michael. Ou melhor, do aperto de mão dele: "Parecia a mão de alguém que trabalha no campo, mãos ásperas. Foi uma surpresa para mim". Um jornalista francês, que se fez passar por ganhador e também apertou a mão de Michael, discordou de Alessandra: para ele, a mão de Jackson parecia banhada em talco, mais suave do que a de um bebê.

Alguém mais corrosivo comentou que Michael cheirava a Clorox, um parente americano da água sanitária. Era uma gozação com o *skin bleaching* de Jackson, o processo químico que fez a pele dele ser mais branca do que a da Branca de Neve. E isso não é exagero. *J.E.R.*

Antigamente você era obrigado a obedecer a sua mãe.

Que bom que você cresceu.

Que bom que hoje você sabe o que é melhor pra você. Aveia Quaker combina com tudo: leite, iogurte, banana, maçã, mel
É 100% natural, rica em fibras e deixa tudo mais saudável e gostoso. Com Aveia Quaker você repõe as energias todo dia.

Aveia Quaker. Saúde toda vida.

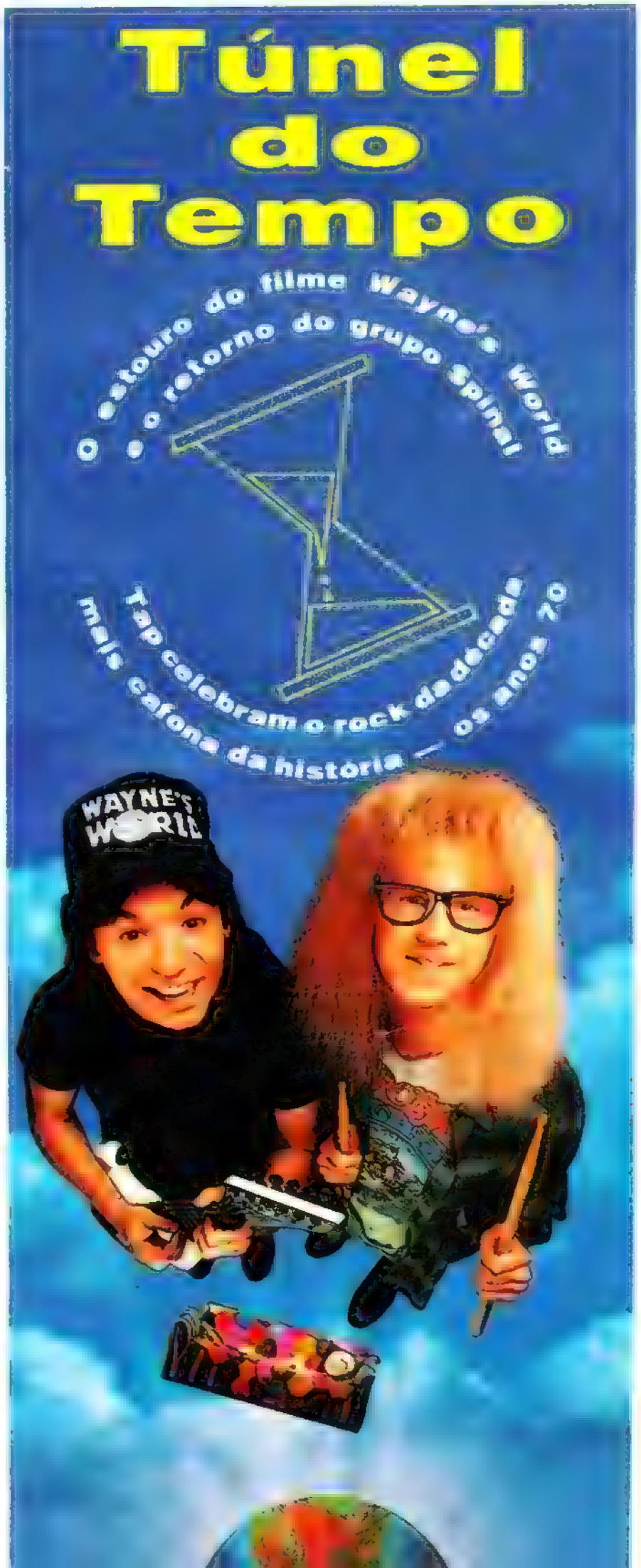
FAST FORWARD

WAYNE'S WORLD

O atual maior sucesso de bilheteria nos cinemas dos Estados Unidos — renda de 80 milhões de dólares em apenas um mês e meio de exibição — nasceu, ironicamente, na TV. *Wayne's World*, o filme, é o filhote do quadro homônimo constante do programa semanal de humor *Saturday Night Live*, em que dois metaleiros docemente abilolados e perpetuamente vestindo jeans e camisetas de rock — Wayne e Garth — apresentam seu programa através de um canal a cabo de acesso publico, direto e ao vivo do porão da casa de Wayne, nos cafundós de Aurora, cidade do Illinois. A vida de Wayne e Garth resume-se ao amor por hard rock e *babes* (brotos) exatamente nessa ordem. Seu vocabulário não vai muito além do ocasional "excellent!" ou "party on!"

Pode não parecer grande coisa ou não fazer muito sentido para quem nunca viu nem ouviu falar do "programa" de Wayne e Garth, mas, para se ter uma (palida) ideia da popularidade da dupla nos Estados Unidos, *Wayne's World*, o programa, já foi visitado por megaastros como Aerosmith e Madonna. A atriz que faz a mãe gostosa de Garth (e o tesão enrustido de Wayne) é ninguém menos que Candice Bergen. E o ator que vive Garth na telinha e na telona, Dana Carvey, é o humorista mais famoso a se destacar do elenco de *Saturday Night Live* desde John Belushi e Eddie Murphy.

Os bordões usados por Wayne e Garth, embora dificilmente consigam ser traduzidos com facilidade do inglês para qualquer outra língua, estão na boca do povo americano: do "xuiiiiin!" (saudação oral a gostosonas à vista, seguida de uma elevação do pelvis e um rosnado felino igual ao de Roy Orbison cantando "Pretty Woman") aos trocadilhos ("se ela fosse presidente, se chamaria *Babe*raham Lincoln", "ela é a Rainha da *Babel*ônia"), ao "shoh!" de Wayne (uma expressão de sarcasmo, comparavel ao "eu tô", quando usado para sacanear a afirmação de alguém).



Foi por causa de *Wayne's World* que o Queen ressuscitou das próprias cinzas recentemente, com a disparada de "Bohemian Rhapsody" nas paradas e no playlist das rádios e da MTV. Numa das cenas mais hilariantes do filme, Wayne, Garth e três asseclas dublam o velho single do Queen enquanto trafegam pelas ruas de Aurora no Jubilomóvel — a charanga azul de Wayne.

Mesmo com a popularidade dos personagens via *SNL*, ninguém ficou mais surpreso com o sucesso do filme do que seus proprios realizadores: o comediante canadense Mike Meyers (o Wayne, e o inventor dos personagens), a diretora Penelope Spheeris (a mesma da serie *The Decline Of Western Civilization*), os produtores Lorne Michaels (criador do *SNL*) e Howard W. Koch Jr. (diretor-assistente de *Chinatown*) e o estudio que deu luz verde ao projeto, Paramount Pictures.

Ninguém esperava que um filme rodado às pressas — em apenas quarenta dias — e dentro de um orçamento espartano, baseado em personagens de TV, viesse a se tornar coqueluche nacional. A *Familia Addams*, porém — lançado nos Estados Unidos tambem pela Paramount — desmantelou a ultima parte dessa teoria.

Mas o resultado da metal-satira foi tão bom que ja esta sendo filmado *Wayne's World 2*. Afinal, isso e Hollywood.

-JOSE EMILIO RONDEAU

SPINAL TAP

Infelizmente, pouca gente viu *This Is Spinal Tap*, documentário sobre o legendário Spinal Tap, o triunvirato máximo do hard rock britânico: David St. Hubbins, o vocalista loiro e "estrela"; o *guitar hero* Nigel Tufnel; e o neandertalesco baixista Derek Smalls. O filme — que, em vídeo, rodou bastante pelo Brasil nos tempos da pirataria — contava a história toda da banda. Do rhythm'n'blues dos anos 60 à psicodelia, ao flerte com o rock progressivo e aos anos 80, em que se consagraram como uma das maiores lendas do rock.

This Is... entrevistou ex-esposas, fãs, empresários. Contou como o grupo nunca conseguiu manter um baterista por mais de um disco. Incluía até críticas de álbuns clássicos do grupo, como *Intravenous DeMillo* e *Shark Sandwich*, que até hoje fazem a cabeça da moçada.

Ou não?

Não. O Spinal Tap é uma farsa, e *This Is Spinal Tap* era um documentário falso sobre uma banda que nunca existiu. Dirigido por Rob Reiner (o mesmo que depois faria *Harry E Sally*, *Conta Comigo* etc), o filme sacaneava — com afeto — a pompa e a burrice do rock dos anos 70, com sua vontade de transformar barulho em "arte" e roqueiros velhuscos em miliardários objetos de culto.

Deu certíssimo, graças a Reiner e aos atores principais.

O ator e hoje diretor (do elogiado e aqui inédito *The Big Picture*), Christopher Guest, faz "Nigel Tufnel". O também ator Harry Shearer, que substituiu Dan Aykroyd no *Saturday Night Live*, é o baixista brucutu "Derek Smalls". E o ator Michael McKean é o cantor David St. Hubbins.

O filme é hilariante, a crítica adorou e a trilha sonora (que "atravessa 25 anos de história de rock") vendeu na época duzentas mil cópias. Isso em 83.

Pois agora é 92, a nostalgia dos 70 está à toda e o Spinal Tap está de volta com um álbum, *Break Like The Wind*, que tem participaçoes de Cher e Dweezil Zappa. O primeiro single já é a canção mais politicamente incorreta do ano — o nome diz tudo: "Bitch School" ("escola de piranhas"). O Tap está excursionando pelos EUA para promover o disco (os três tocam mesmo).

Por baixo da palhaçada, o investimento é alto. A Matsushita-MCA gastou meio milhão de dólares, entre a tour e a gravação do disco. Mas o retorno está valendo: os shows estão enchendo, o clip está rolando e os três pilantras deram dezenas de entrevistas (sempre fazendo os papéis de seus personagens roqueiros,com perucas e tudo).

O grupo já tem até uma groupie famosa: a gostosaça Jamie Lee Curtis, na vida real mulher de Christopher Guest (sortudo, ele). É o *comeback* do ano, se você me perguntar.

ANDRE FORASTIERI

Acima, os *metalheads* cinematográficos Mike Myers (Wayne) e Dana Carvey (Garth) em *Wayne's World*.

Nigel Tufnel, Derek Smalls e David St. Hubbins, do ressuscitado Spinal Tap

ALTA ROTAÇÃO

A REDAÇÃO RECOMENDA

Hoje, com a hegemonia do barulho, é que dá para sacar a importância do **Jesus & Mary Chain**. Agora, depois do quase paródico **Automatic**, os irmãos Reid voltam em **HONEY'S DEAD** a fazer o que sabem melhor: tempestades de feedback sobre melodias chicletudas. *A.F.*

Marcelo Nova disse que ele é "o Chuck Berry brasileiro". Não é, mas é tão safado quanto. **Genival Lacerda** faz em seu novo disco, **RAMBO DO SERTÃO**, exatamente o mesmo que em todos os anteriores: um rasta-pé infernal. *R.M.*

Quem é bom já vem do ovo. E continua mesmo depois de virar galo velho. É o caso da agremiação **Little Village**: nada menos que Ry Cooder, John Hiatt, Nick Lowe e Jim Keltner soltando a franga no mesmo galinheiro. Seu álbum de estréia homônimo só podia dar caldo de primeira. *C.P.*

Preservando o mesmo clima suave de *The Trinity Sessions* e *The Caution Horses*, os canadenses dos **Cowboys Junkies** conseguem tornar mais pop o seu folk/blues em **BLACK EYED MAN**. *J.J.E.S.*

Rui Mendes Azul

MOCIDADE INDEPENDENTE

O MOLEQUE DE RUA chega ao primeiro álbum pelas mãos do titã Charles Gavin

Eles ficaram conhecidos como a banda das latas, uma poderosa mistura de samba e rock'n'roll, miséria e malandragem. Arregimentados nas ruas da Vila Santa Catarina, periferia de São Paulo, pelo bancário Duda, os moleques cataram o material que tinham na mão — latas de tinta, frigideiras e pinicos — e construíram instrumentos inusitados. Verdadeiros kits de percussão. É mais ou menos como se o som industrial tivesse surgido no terceiro mundo e fosse derivado do samba.

Hoje as latas são apenas parte de um complexo harmônico que inclui um chinelofone (!) e uma escala de tamborins. Os moleques de 1983, quando o grupo começou, viraram adolescentes escolados na música pelas maratonas de shows que — mesmo tendo percorrido desde praças até teatros — quase sempre se restringiram a São Paulo. Também não é fácil transportar uma turma de onze músicos mais a parafernália instrumental dos caras.

Não foi mole pra rapaziada encarar esses nove anos de independência e "faça você mesmo". Foi preciso converter as adversidades em inspiração. Coisa que fizeram muito bem, chegando às páginas da grande imprensa e descolando clip para a Globo, entrevista no *Jô Onze E Meia* e um contrato com a Sony Music.

Os olhos da mídia se abriram para o Moleque de Rua com um compacto independente lançado em 88.

O álbum de estréia da banda ainda soa bem simples — ao contrário do que se possa idealizar pelos instrumentos pouco convencionais usados. Entra quase redondo no ouvido.

"Não quero que seja um som de tribo. Eu quero é que entre na cabeça da empregada doméstica como entra uma música do Agepê. Para mostrar que é pobre não precisa falar: é só escutar as vozes do Caio e do Bombinha, os dois cantores, que você vai ver que é voz de pobre. É só olhar a foto da banda. Tá na cara que todo mundo nasceu e se criou no meio da malandragem", sentencia Duda.

A intenção porém não é soar como "coisa de pobre". Duda filosofa: "Não adianta pensar que todo mundo vai entender que a gente não tem recursos, e por isso comprar o disco. Tem que competir com o mercado. Somos pobres mas viemos para quebrar também".

O Moleque de Rua chega a ser uma espécie de centro comunitário. "O lance é que o Moleque seja uma banda com canais abertos. Eu penso em mais pra frente comprar um terreno e montar uma estrutura, mais ou menos como o Joaozinho Trinta faz no Rio, para o pessoal tocar e construir instrumentos."

Agora, imagine a cara do pessoal do estúdio ao ver esses instrumentos sendo montados por onze moleques malandros. Duda conta: "No começo os caras não botaram uma fé que ali rolava um som. Mas quando a música começou a tomar corpo os caras ficaram espantados. Se animaram todos"

Para botar em ordem tamanha complexidade sonora e aprisionar a fúria das ruas na fita magnética, o produtor Charles Gavin, dos Titãs, meteu a mão na massa. Junto à moçada, ele deu uma limpada nos arranjos e costurou as levadas com discretas conduções de bateria.

Ele também é o articulador das letras, sacadas do cotidiano da rapaziada. Dor de dente, xepa, corrupção e malandragem são temas constantes das músicas do Moleque. Pouca gente consegue fazer soar tão bem versos como "se você não sabe/precisa de saber/que Herodes tá bem vivo/ele é o dono do poder/ele decretou a fome/uma forma mais sutil/de matar as criancinhas/que nasceram no Brasil".

Duda e o Moleque de Rua dão uma aula de como ser rock e ser brasileiro. Raul Seixas deve abrir um sorriso lá em cima ao ver que nem tudo está perdido

CARLOS EDUARDO MIRANDA

DOSE DUPLA

EM CD/K7/LP

BRUCE SPRINGSTEEN

APOIO:

LANÇAMENTOS

Sony Music

Tommy Victor Ted Parsons Troy Gregory

Sony

Hard core para o século XXI

Tommy Victor deve ter jogado as mãos para o céu quando soube que Ozzy Osbourne havia quebrado o pé. O intervalo obrigatoriamente imposto à excursão que Ozzy fazia tirou o Infectious Grooves da tour. Em seu lugar, colocou na estrada o Prong, o power trio de metal mutante liderado pelo vocalista e guitarrista Tommy.

"Era para o Prong ter feito a excursão com Ozzy desde o começo", explica Tommy num quarto de hotel em Dayton, Ohio, uma das 30 paradas que são a última parte da tour *Theatre of Madness*. Ele dá a entender que o Grooves — um estilhaço do Suicidal Tendencies — tomou a vaga na marra, "depois de ter feito a maior manha". Na hora que soube do acidente de Osbourne, o próprio Tommy telefonou oferecendo-se para cobrir uma eventual defecção da banda de abertura. Armou e se deu bem.

"Surpreendentemente, a reação do público nos shows da tour tem sido bem legal. A parte mais velha da platéia — os fãs mais antigos de Ozzy — meio que desconfia da gente. A ala mais jovem tem sido bem receptiva. Mas, o que se poderia esperar? Os caras nem sabem quem somos nós."

"Mas esse é o objetivo da excursão", conclui, "nos expor a um público que ainda não nos conhece."

De fato, os fãs do Prong ainda são uma minoria. Descobriu a banda nova-iorquina através de seus lançamentos independentes (como o EP *Primitive Origins* e o maxi-single "Third from the Sun"), dois álbuns gravados para a Epic Records (*Beg to Differ* e o novo *Prove You Wrong*) e das visitas cada vez mais freqüentes que a banda faz à escalação do Headbanger's Ball, a segmentação metal da MTV norte-americana.

Apesar de ativa desde meados dos anos 80, só agora a banda se destaca numa selva hard rock onde os gatos são cada vez mais pardos. O que, aliás, talvez não seja tão difícil assim, considerando-se que a mistura musical única do Prong está mais para o som industrial do Nine Inch Nails do que para a bateção de peito do Iron Maiden.

Não pergunte a Tommy se o Prong integra o esquadrão do heavy metal. "De certa forma, somos uma banda de metal", ele diz, "porque, infelizmente, fomos produzidos, embalados e marketeados como tal. Mas não somos totalmente metal."

Um dos elementos na atual popularidade do Prong foi a entrada do novo baixista, Troy Gregory. Ele é egresso do mesmo Flotsam & Jetsam que deu ao mundo Jason Newsted, o homem que entrou no lugar de Cliff Burton no Metallica. Pela primeira vez num disco do Prong ouve-se com clareza o que faz o contrabaixo. Acredite, nenhuma outra banda de hard rock — metal ou não — soa igual, graças a Troy.

"O que Mike Kirkland fazia antigamente ao vivo era simplesmente inaudível", explica Tommy para justificar a virtual ausência do instrumento nas faixas do primeiro álbum do Prong, de 1990. "Ele era aquele tipo de baixista que fica na dele, apenas preenchendo uma função. E eu achava que nós precisávamos de alguém com força e personalidade audíveis no palco e no disco. Se o nosso desejo era dar um passo à frente, era preciso achar um outro baixista. E esse cara era o Troy."

JER

METAL HARD THRASH

Os carecas do 4-Skin embarcaram no metal e, de cara, chutaram o barraco. O EP de estréia do Heavy Metal Outlaws (a alcunha escolhida), *Sex For Sexism's Sake*, não foi aceito por nenhuma fábrica na Inglaterra. Por causa de suas letras ejaculatórias • Quem tem asco de dance music vai ter que dar o braço a torcer para o KLF. Além de ter feito um remix de seu mega-hit "3AM Eternal" com participação especial do Extreme Noise Terror, lançaram agora um single com uma nova versão de "What Time Is Love?" com Glenn Hughes (ex-Deep Purple) no vocal. O jornal britânico *Melody Maker* peitou o disco como o single do milênio. É ruim? • Dois ex-Iron Maiden de bandas novas na praça. O guitarrista Adrian Smith com o Untouchables e Paul Di' Anno com o Killers • Novidade máxima no front do rap metálico — três negrões e três branquelos se juntaram para formar o The Hard Corps. Nas pegadas de Run-DMC, fizeram uma cover de "Back In Black" do AC/DC. Dizem por aí que seu disco de estréia, *Def Before Dishonour*, é uma pancada como nunca antes vista no gênero • Os leitores da revista inglesa *Kerrang!* devem ser meio patetas das idéias. Elegeram ao mesmo tempo o Guns N'Roses terceiro melhor e pior grupo de metal de 91. *Use Your Illusion* também foi considerado o melhor e pior disco do ano, enquanto Axl Rose só perdeu o título de chato-mor para sua própria banda.

EVIL OTTO

chiclete já era!

Você pode gostar de chiclete,
mas leia isto:

Tablete Valda é elaborado com plantas medicinais.
E o chiclete, é?
Tablete Valda é alívio e saúde pra sua garganta.
E o chiclete, é?
Tablete Valda é refrescante com sabor prolongado.
E o chiclete, é?
Esquece chiclete. Procura Tablete Valda
à venda nas farmácias.
Você vai sentir a diferença.

tabletes VALDA Surf-Pro
III Etapa do Campeonato Brasileiro de Surf

FEST VALDA
INTERCOLEGIAL DE MÚSICA

VALDA
ingredientes naturais

"O FNM faz mais sucesso no Brasil que lá fora." Até agora, isso era verdade. Mas a coisa pode mudar rápido. A própria banda diz (e nosso repórter, que ouviu em primeira mão, concorda): o novo disco do Faith No More, *Angel Dust*, é *muito* melhor que *The Real Thing*. E daqui a um mês, assim que o LP sair, o FNM vai cair na estrada — provavelmente, abrindo para o Guns N'Roses. É pouco ou quer mais?

"E aí, trouxe fumo?" é a primeira, sacana e diretíssima pergunta (feita em português mais que passável!) do baixista Billy Gould quando abre sorrindo a porta do estúdio Scream.

O prédio baixo e pequeno fica na avenida principal do Vale de San Fernando, subúrbio de Los Angeles, onde três quintos do Faith No More — quatro, se contarmos o produtor Matt Wallace, o sexto fênemê — estão encerrando a terceira e última semana de mixagem de *Angel Dust*, o novo álbum do grupo e o segundo com Mike Patton como letrista e vocalista.

Diante de uma negativa, Bill retoma seus afazeres. Ele está jogando bilhar com um jornalista italiano que veio entrevistá-lo para um press-kit eletrônico da gravadora na Europa, entre paredes brancas cobertas de desenhos pornográficos e trechos de salmos da Bíblia. O baterista Mike Bordin — Puffy, para os colegas de banda — assiste a um Kurt Cobain mudo encenando as palavras de "Smells Like Teen Spirit" na MTV, enquanto o tecladista Roddy Bottun traz o produtor Matt dos intestinos do estúdio para uma reunião rápida que definirá as tarefas do dia, antes que os músicos deixem Wallace sozinho em Los Angeles e retornem para seu QG, em San Francisco.

O guitarrista Jim Martin já foi para casa, e Patton está em turnê com sua segunda paixão fixa, o Mr. Bungle. O encargo de dar o polimento final em *Angel Dust* fica, portanto, nas mãos de Puffy, Billy e Roddy.

"Acho que gravamos dezessete faixas em doze dias" explica Bordin, confuso, "ou terão sido vinte? Onde foram parar as outras?" Sem se decidir pelo destino que as canções pretensamente desaparecidas tomaram, ele diz que hoje o grupo encerra uma série de remixagens.

"É como fazer pinturas. Quanto mais você pinta, melhor você pinta. E essas faixas que estamos remixando são os primeiros 'quadros' que nós pintamos. Fizemos dezessete mixagens e essas que estamos refazendo foram as primeiras do lote. Naturalmente, as que foram feitas por último soam muito melhores que as feitas antes. Agora, então, estamos colocando as primeiras no mesmo nível de qualidade das últimas."

O disco novo

Ao todo, *Angel Dust* terá de doze a catorze faixas. Duas gravações irão direto para os lados-B: um *remake* do antigo hit "As The Wurm Turns", do primeiro álbum, mas com Patton fazendo os vocais que antes eram de Chuck Mosley; e um cover de um dos pilares dos shows do FNM, "I'm Easy", dos Commodores. O álbum será composto de um material variadíssimo que inclui a countryficada "RV" e a canina (confira na hora que ouvir a música) "Caffeine", músicas que antes de gravar a banda burilou ao vivo (e em primeiríssima mão) durante os shows que fez no Brasil. Uma faixa, em especial, foi composta num soundcheck em Belo Horizonte, "Crack Hitler".

"É meio uma música de super-herói", define Billy, "como era 'Shaft' nos anos 70. É sobre um cara que é *vapor* de crack, que só viaja de primeira classe, só bebe do melhor champagne, que vive perigosamente. É uma sátira." O disco traz, ainda, um cover da música-tema do filme *Perdidos Na Noite* (Midnight Cowboy) "em versão muzak", conforme Gould, "aquele tipo de coisa que você ouve em elevadores."

Para o baixista, esta última inclusão serve para ajudar a "dar equilíbrio ao álbum". Já a partir do título (e não há no disco faixa alguma chamada "Angel Dust"), esse é um álbum de muitos significados, muitos deles contraditórios.

"O nome Angel Dust sumariza todo o disco", argumenta Billy, "que tem partes muito feias e partes verdadeiramente bonitas. Angel Dust é uma droga horrível, mas uma droga horrível que tem um nome lindo. E o disco é isso: um monte de associações de idéias diferentes."

A capa do disco prossegue essa jornada numa trilha de contradições. Na frente, vê-se uma foto bonita de um pássaro branco em pleno vôo, para Billy "quase uma coisa New Age". Na contracapa, estão carcaças de galinhas e a cabeça apodrecida de uma vaca, tudo pendurado em ganchos dos usados em frigoríficos. "É como o nome do disco", diz Gould, "é lindo e é feio. Equilibrado."

De toda a discografia do Faith No More, esse é o álbum mais rico e complexo. Traz sons industrialistas aparentados com os do Godflesh ("Malpractice", sobre uma mulher que gosta de sentir as mãos do cirurgião explorando suas vísceras durante uma operação e, portanto, vive querendo ser operada), sons orientais misturados com rock'n'roll ("Small Victory", sobre pessoas que são realmente competitivas, para quem pequenas coisas têm um significado enorme", explica Billy, antes de adicionar que talvez Patton estivesse querendo se referir a competições esportivas quando escreveu essa letra, índios americanos (cantando em "Smaller and Smaller", sobre pessoas que se multiplicam à medida que são oprimidas) e harpas (na abertura de "Kindengarten", que fala de "como mesmo adulto você se sente como se fosse criança, porque é tratado como uma criança").

Perto de *Angel Dust*, *The Real Thing* parece um mero rascunho, um ensaio, na melhor das hipóteses. A banda está mais integrada do que nunca, e Patton, sobretudo, evoluiu 200% — e ele já era um dos melhores vocalistas, letristas e *showmen* de sua geração.

Brigas na banda

"Sem querer soar progressivo demais", diz Gould, "demos o maior duro nesse disco. De certa forma, é um disco mais pop. Por outro lado, também é um disco menos pop, porque é bem mais pesado do que o disco anterior. É mais o que estamos ouvindo hoje em dia dentro das nossas cabeças. E nos sentimos confiantes o bastante para experimentar um pouco mais dessa vez. E acho que deu certo. Acho que o disco é ótimo. Mas ele pode ser um disco ótimo que não venha a fazer muito sucesso. Não vamos saber se terá sucesso até que ele chegue às lojas e comece a vender."

"De certa forma", continua Billy, "botamos a faca no nosso próprio pescoço, porque em cada canção um de nós está fazendo algo que normalmente não faria." Como assim? "Existe um elemento em cada canção que provoca o maior desconforto em alguém do grupo. Mas esse alguém acaba fazendo aquilo porque todo mundo na banda também está fazendo. E isso é bom, porque você pode se isolar se permanecer fazendo sempre a mesma coisa segura — ou que você considera ser segura — o tempo todo. Então, todo mundo na banda se desdobrou um bocado em cada canção. E isso foi muito bom, porque só assim você cresce."

Para Mike Bordin, o processo de composição do disco foi especialmente complicado, porque o único tempo que a banda tinha para compor era na estrada. Por isso, "metade do disco foi composta — ou trabalhada, ou polida — no Brasil, porque o único tempo que tínhamos para trabalhar nas músicas novas era nos sound checks. Assim, em todo sound check usávamos o tempo para trabalhar nas músicas novas."

A mecânica de composição foi semelhante à usada em vezes anteriores. Bordin, Bottum e Gould juntaram-se para dar início aos trabalhos.

Patton entrou em cena "bem cedo" com as letras e, pelo menos nesse disco, com um tanto de influência na estrutura das canções. Jim Martin ficou de fora da composição, "por estar se sentindo um pouco desconfortavel de tocar conosco", de acordo com Bottum, "então ele recebia fitas em casa e inventava o que ele iria fazer na canção."

Os conflitos provocados pela fricção natural criada quando idéias criativas se entrechocam intensificaram mais ainda o grau de complicação do processo. "Na verdade, somos apenas um punhado de caras que cresceram juntos e brigam o tempo todo."

Mike, o maduro

Uma das surpresas de *Angel Dust*, mesmo para os fãs mais atentos, e que, mais do que no disco anterior, *The Real Thing*, Mike Patton canta, em vez de apoiar-se demasiadamente em raps.

"Nós temos um cantor fenomenal", rejubila-se Puffy, antes de iniciar um longo relato que explica o desenvolvimento dos talentos de Patton. "Ele estava na banda há apenas dois meses quando gravou o primeiro disco da vida dele. Excursionamos por dois anos direto, passamos por problemas, tivemos sucesso, todo mundo cresceu, todos nós vimos o mundo. Uma experiência dessas ou afasta os integrantes de uma banda ou os aproxima e fortalece, na minha opinião, a experiência fez da banda algo do qual me orgulho muito. É uma banda boa à beça. Forte e arredondada."

"Quando chegou a hora de compor esse disco", diz Puffy, "Falamos: 'Bem, as pessoas gostaram do que fizemos antes, de algo que quisemos fazer naquela época. Agora vamos fazer algo ainda melhor, algo que nos dê mais orgulho ainda, algo mais desafiador' E Patton topou o desafio. Ele não queria deixar no papel a primeira coisa que vinha a cabeça dele: teve letras que ele reescreveu quatro, cinco, seis vezes. Ele deu o maior duro." "Mike esta cantando muito melhor", concorda Gould, "e ele contribuiu muito mais para este disco do que para *The Real Thing*."

"Alem disso", complementa Bottum, "ele esta mais velho, mais amadurecido. Está afiadíssimo."

O Produtor

Outro elemento importante da receita do FNM que não pode ser desprezado é o produtor Matt Wallace. Billy conheceu Matt quando leu um classificado num jornal local de sua cidade, Berkeley, anunciando os serviços de um novo estúdio de oito canais — e bem barato. "Quando cheguei no lugar, vi que era a garagem da casa dos pais dele", lembra Billy, "e Matt tinha uns tape decks lá. Depois, Puffy e eu nos conhecemos e começamos a trabalhar juntos, e fomos procurar Matt, que, a essa altura, já tinha crescido um tanto. Nós também tinhamos aprendido a tocar melhor nossos instrumentos. Gravamos com ele o primeiro disco, *We Care A Lot*, independente. Daí assinamos com a Slash e decidimos nos produzir sozinhos, mas trabalhando com Matt, que já estava conosco há anos. E deu certo tambem em *The Real Thing*."

"Quanto mais sucesso fazemos, menos confiamos nas pessoas", ele continua. "Porque se você não se da bem com o produtor arrisca desperdiçar um monte de dinheiro. Com Matt, ele nos conhece como banda e como pessoas, ele sabe como queremos soar."

Brasil

Por que só trabalha com a banda no estudio, Matt não viajou ainda para o pais onde o Faith No More é mais famoso do que em seu torrão natal, onde, em vez de abrir para Billy Idol, Robert Plant ou Guns N'Roses, o FNM excursiona com mais moral e prestígio do que Beatles e Nirvana juntos: o Brasil.

"Ainda bem que você não disse Jesus Cristo", brinca Puffy, referindo-se ao comentário de John Lennon que minou a popularidade do Fab Four nos anos 60. "Não sei exatamente o que aconteceu no Brasil para dar tanta popularidade ao grupo", interfere Bottum, "mas foi chapante para nós. Foi um choque."

"Mas foi um barato", emenda Puffy. "Fiquei surpreso", diz Billy. "Fomos ao Japão depois do Brasil e odiei! Todo mundo ficava sentadinho no seu lugar, batendo palminhas, limpando o lixo que deixou cair no chão. Depois da primeira música, Patton e eu nos olhamos e caímos na gargalhada, porque o público estava tão calmo! Foi a pior coisa do mundo para mim. No Brasil nos divertimos, tivemos interação com o público, as pessoas riam das piadas que contávamos, se jogavam dos camarotes. Isso tem mais a ver conosco."

Os músicos do Faith No More falam do Brasil com a familiaridade de quem consegue fazer nas mãos uma batida de partido alto, pronuncia com sotaque carioca a pérola cultural "sai dessa, seu bicha!" e já visitou mais lugares no país do que a maioria de seus cidadãos: Manaus e arredores ("me lembrou do México", diz Gould), Recife, o morro do Salgueiro (onde Patton empunhou um tamborim e Bordin tocou cuíca), uma academia de capoeira no Rio de Janeiro e um centro de macumba em São Paulo ("e no primeiro dia da Primavera", Bordin faz questão de notar).

Billy diz se identificar com os brasileiros e acha que vice-versa se aplica. "Temos um desprezo natural pela autoridade, uma coisa que não é filosófica, é um instinto básico. E eu acho que os brasileiros são bem anarquistas, a seu modo, no jeito como têm dificuldade em se organizar e fazer as coisas: isso tem tudo a ver comigo." De todos os lugares onde Bottum esteve nos últimos anos, "o Brasil foi o que me fez sentir mais em casa. Não ache que estou querendo puxar o saco do Brasil, não é isso, mas acho que é o país mais sensacional do mundo. E ser tão bem recebido por esse país foi extremamente lisonjeiro".

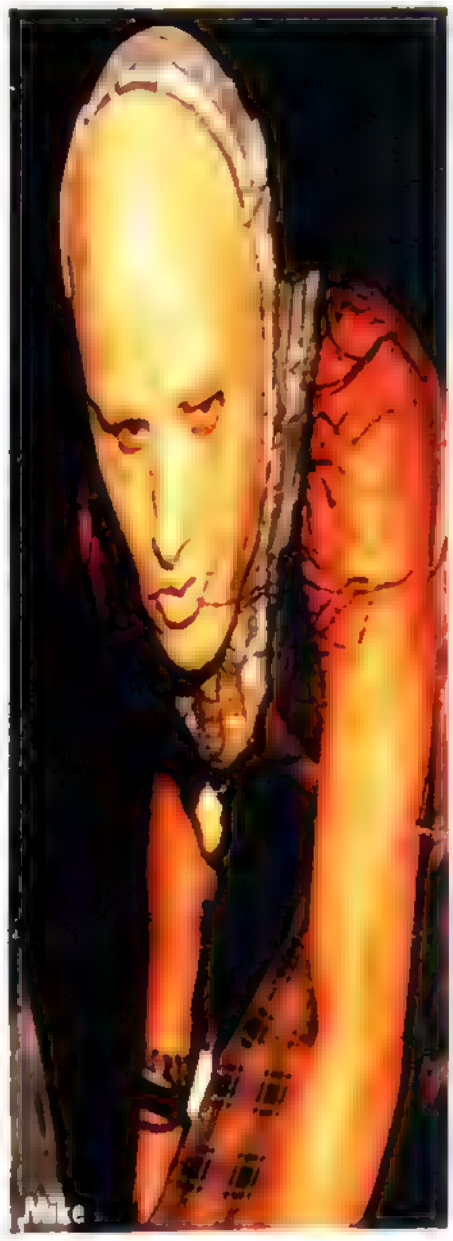
Em breve o Faith No More retornará ao Brasil. O disco sai em junho, mas antes disso, em maio, a banda já terá começado uma excursão européia de dois meses, abrindo para o Guns N'Roses. No fim dessa tour, a banda faz shows nos Estados Unidos e, a seguir, parte para praças mais distantes, como Nova Zelândia, Austrália e Brasil.

Para Billy Gould, a banda ainda está longe de ser um sólido sucesso. "Não temos ainda o poder de excursionar nos Estados Unidos e escolher quem abrirá o nosso show. Do jeito que a indústria nos trata, acho que nos consideram um acaso feliz. Na hora em que nos levarem a sério — e lembre que não estou falando das pessoas que compram os discos, mas da indústria com que temos de lidar no dia-a-dia, a gravadora que não nos dá a liberdade que queremos, os agentes que não nos deixam levar para a estrada as bandas que desejamos —, aí, sim, vou achar que chegamos lá. E, se esse disco for bem, vamos chegar lá."

JOSE EMILIO RONDEAU

AS TARAS SECRETAS DE MIKE PATTON

por João Gordo



Quando conheci o Mike Patton nos camarins do Olímpia, jamais poderia imaginar que aquele belo rapazola com cara de bonzinho fosse um tarado com gostos bizarros.

Cheguei a essa conclusão após assistir ao terrível *Video Macumba*. É uma compilação de filmes de sexo escravo alemães e japoneses misturados com cenas de violência explícita, pastores evangélicos e outros absurdos. Editado pelo próprio Patton especialmente para mim, para Max do Sepultura e para Priscila da revista *Animal*, o vídeo é capaz de deixar até Marquês de Sade com náuseas.

O vídeo começa com cenas de acidentes horríveis e pessoas carbonizadas. Paramédicos retiram um garotinho de cinco anos afogado numa piscina de água podre, fazem respiração boca a boca. O menino vomita, a mãe desmaia... É deprimente. Passado o primeiro choque começa a baixaria. Um pastor maluco grita que se for preciso entrará na sua casa empunhando a espada de Deus para decapitar o demônio que vive em seu lar.

De repente mulheres amarradas pelas tetas gritam de dor. Também, enfrentando alfinetes na bunda, chicotadas, minhocas vivas, vela derretida, depilação a seco etc. etc...

Mais cenas de filmes "nada-a-ver". Logo depois de cenas de uma missa negra de 1912, começam filmes japoneses estranhíssimos. Sexo com garotinhas de 11 anos, mordidas animalescas e... eca! Uma japonesa aleijada defeca uma diarréia na cara de um japa idiota que fica vários minutos sorvendo o fedor!

A melhor parte do vídeo é um clip da música "Travolta" do Mister Bungle, a outra banda do Patton. Proibido pela MTV americana, ele é praticamente uma *bad trip* sadomasoquista. Tem palhaços com cara de mau, pessoas enforcadas e bonecas sem cabeça.

E a baixaria continua. Lábios vaginais são pregados numa mesa! Isso mesmo, com prego e martelo. É mais sexo horrível, bizarro, doentio. A essa altura já não se agüenta mais tanto horror.

Aí aparece aquela famosa cena do político corrupto americano que se mata em público sem cortes. O tio estoura os miolos com uma 45, o cérebro sai pela cabeça e pelos ouvidos, do nariz sai uma cachoeira de sangue. Tudo isso se repete 10 a 15 vezes a mesma cena. Uau!

Mas a grande surpresa está no final. Um sujeito cheio de espinhas come e se delicia com 4 generosos bocados de cocô saídos de um ânus horrendo! Para mim isso foi demais. Quase chamei o Juca.

Enfim, dizem as más-línguas que o Mike é assexuado e não gosta de transar. E que perdeu a virgindade faz pouco tempo. Será zoeira ou verdade?

Não sei e não quero saber. Só sei que ele é um cara simples e legal, que gosta de ser tratado como uma pessoa comum e não como um rock star.

TEARS FOR FEARS

TEARS ROLL DOWN (GREATEST HITS 82-92)

As Músicas Que Você Adora Estão Aqui
Confira

WOMAN IN CHAINS SHOUT EVERYBODY WANTS TO RULE THE WORLD PALE SHELTER
SOWING THE SEEDS OF LOVE HEAD OVER HEELS ADVICE FOR THE YOUNG AT HEART
I BELIEVE MAD WORLD CHANGE MOTHERS TALK e ainda a inédita LAID SO LOW (TEARS ROLL DOWN)

fontana

CD • LP • MC • VHS

PolyGram

Reggae exportação

Roberto Pinto Azul

CIDADE NEGRA, A GRANDE REVELAÇÃO DE 91, CHEGA AO SEGUNDO DISCO COM OS OLHOS NO MERCADO INTERNACIONAL

De Belfort Roxo para o mundo. Nada mal para os rapazes do Cidade Negra. Seu segundo álbum *Negro No Poder* chega agora às lojas e tem tudo para continuar a curva ascendente do grupo. Estatisticamente, eles podiam já ter virado presunto, em algumas das muitas encruzilhadas da Baixada Fluminense mas, realmente lutando para viver, se firmaram como "a banda de reggae brasileiro". O fato de terem saído de uma cidade na periferia do Rio de Janeiro onde os índices de violência batem recordes mundiais, acabou ajudando. Foram os caras certos, no lugar barra-pesada certo com a mensagem "politicamente correta", esperando a hora certa.

Um marketing perfeito e, em princípio, inatacável, já que sem armações. Os resultados estão aí: um dos clips brasileiros mais exibidos na MTV, 35 mil cópias vendidas do álbum de estréia, *Lute Para Viver*, grupo revelação de 91 segundo crítica e leitores da *BIZZ* e também da *Revista de Domingo* do *Jornal do Brasil*, bons shows em todo o Brasil, abertura da turnê brasileira do Aswad, marcante presença no recente Hollywood Rock e agora seus primeiros shows no exterior. No final de abril o grupo estava fechado para tocar com o Steel Pulse (no Festival da Primavera, em Paris), tocando em seguida em Milão (Itália) e Toronto (Canadá). A partir de julho, se as coisas correrem bem, eles fazem o Reggae Sunsplash Festival (Jamaica) e excursionam pelos Estados Unidos. Cidade Negra na cabeça.

Ninguem discute que a força da música popular deste século se deve principalmente às contribuições dos povos trazidos da África para as Américas. Do samba ao blues, passando pelo jazz, o merengue, a rumba... no início eram os cânticos tribais, a pulsação rítmica. Mas, para muitos pensadores, neste processo de assimilação pela indústria cultural, uma lei informal e perversa vem se verificando através de décadas: os negros criam e os brancos se apropriam e faturam.

Isto pode ser verificado passo a passo, ou estilo a estilo, em praticamente toda a trajetória do jazz, mas foi no período do swing (anos 30 e 40) que se tornou mais gritante, com a febre das orquestras brancas de Benny Goodman ("o rei do swing"), Glenn Miller, Tommy Dorsey...

O rock and roll também espelha com nitidez este curso. O que seria do gênero sem os *race records*? As sementes plantadas pelo rhythm and blues de gente como Muddy Waters, Willie Dixon, Bo Diddley, John Lee Hooker, Howlin' Wolf, Lloyd Price e Chuck Berry — este o maior compositor da primeira dentição roqueira, nos *fifties*. No entanto, como estamos cansados de saber, foi necessário um branco, com voz e gingado negróides, para o rock rolar mundialmente.

Enquanto os artistas e o público brancos se apropriavam, ou assimilavam, numa tática de resistência — não importa se consciente ou instintiva — a cultura negra procurava-inventava novas formas — ou outros guetos — musicais. E, a partir dos anos 60, muitos destes novos gêneros mostraram-se bem mais imunes à diluição branca. É claro que o funk e o soul, por exemplo, serviram de inspiração para muitos artistas brancos, mas ninguém conseguiu tirar o cetro e a coroa de James Brown, Sam Cooke, Sly Stone, Marvin Gaye... Mesmo que muitos destes mestres tenham tido mortes trágicas ou tenham sido marginalizados e presos. Quanto aos lucros, bem, sempre foram parar nas mãos dos capitalistas branquelos e, nos últimos tempos, nipônicos. Chegamos por fim ao reggae, o primeiro ritmo do Terceiro Mundo a ascender ao universo do pop planetário. O som jamaicano continua tendo como Deus Bob Marley, numa adoração que beira o irracionalismo, mesmo sendo um dos mais vilipendiados pela massificação. O que se cometeu de reggae bunda mole na década de 80 não dá para contabilizar. O gênero que tinha como base ideológica combater o "Babylon System" parecia condenado ao extermínio, virando até jingle de cartão de crédito. Era preciso muito saco para agüentar reggae sueco, francês, japonês, holandês e, um dos mais letais, "emepebês". Por aqui, qualquer indigente musical mandava suas flácidas fusões "reggadas".

Foi preciso um retorno às catacumbas para a revitalização do ritmo. E hoje na Jamaica, ou através de imigrantes radicados principalmente na Inglaterra, o reggae dá sinais de renovação. Na sua forma tradicional ou através de subgêneros high-tech como o dub, o dance hall e o raggamuffin.

No Brasil, com focos também no Maranhão e na miscelânica Bahia, o reggae foi encontrar na Baixada Fluminense um habitat similar ao seu natural. A pobreza em que vive a sua população, em grande parte negra e de migrantes nordestinos, não deve nada aos guetos de Trench Town, Kingston. E foi ali que desde o meio dos anos 80 grupos como Kmd-5, Ubandu Du Reggae, Dom Luiz Rasta, Sérgio Rasta, Mac Donny's Guiné-Bissau, entre outras, começaram a sacudir as *dreadlocks*. Entre eles estava o Novo Tempo, depois Lumiar, hoje Cidade Negra.

O guitarrista Da Gama lembra que o Novo Tempo foi formado para participar de um festival estudantil, no final de 84, reunindo uns dez músicos: "Mas não dava para segurar com tanta gente e o pessoal foi debandando. Já tínhamos mudado o nome para Lumiar quando o Bernardo chegou. Ele começou na percussão, e quando as duas meninas que cantavam saíram, assumiu os vocais". Nesta época, no meio de 85, a formação atual do quarteto se consolidou. Além de Da Gama e Bernardo (este o único não nascido na Baixada, veio criança de Londrina, Paraná), contava com Bino (baixo) e Lazão (bateria). O dinheiro era curto, os shows escassos, mas foram resistindo. Além do precário circuito da Baixada, em 86 os grupos de reggae criaram uma cabeça-de-ponte na Zona Sul carioca, através do Núcleo Experimental da Cultura (NEC), na sede da UNE — um sobrado caindo aos pedaços no bairro do Catete. Os shows no NEC começaram a atrair novo público e promover um intercâmbio de informações. Em 87 eles esbarrariam no seu atual produtor, Nelson Meirelles (ex-baixista dos Rapazes de Vida Fácil e dos Robôs Efêmeros), que então comandava na Fluminense FM o programa *Batmacumba* — especializado nos sons do Caribe.

"Sem ele muita coisa não aconteceria. Nelson é o quinto componente da banda", credita Da Gama. "Como nosso empresário ele nos deu confiança para prosseguir numa trilha mais profissional, e tambem nos forneceu muita informação musical." "A gente gostava do reggae do Bob Marley e tambem muito do Steel Pulse", completa Bino, "mas a nossa formação também incluiu soul e funk, Gilberto Gil, Jorge Ben. Com o Nelson fomos mais fundo no reggae, passando a ouvir tambem Burning Spear, Black Uhuru, Yellowman..."

A estrutura continuou precária, os instrumentos alugados, os ensaios num quarto na casa de Da Gama incomodando os vizinhos, mas o horizonte pintava promissor. Eles não hesitaram em largar os empregos mal pagos — Da Gama era pintor de carros numa funilaria, Bernardo era operário metalúrgico, Bino estudava, Lazão estava no Exército — para ralarem mais fazendo o que gostavam. Aos poucos as coisas melhoraram. Uma outra banda já tinha o registro do nome riponga Lumiar e o

quarteto foi no mais óbvio e contundente. Um documentário da BBC sobre a Baixada flagrou um ensaio do Cidade Negra, que assim começou a ser conhecido no exterior antes mesmo do contrato com a então CBS. Eles chegaram à gravadora indicados pelo letrista Bernardo Vilhena, sem muita fé — "A CBS era a última gravadora que a gente iria procurar, sabíamos que nosso grupo não tinha o perfil deles", entrega Da Gama. "Mas os caras estavam num momento de mudança, queriam novos artistas. Tanto que o Sérgio Lopes (na época o diretor artístico nacional) viu a nossa foto na fita demo e se amarrou no ato no visual."

De olho numa mexida no mercado jovem, a Sony prometeu não interferir na personalidade do grupo e cumpriu. Ajudando no que pôde, convidando o seu também contratado Jimmy Cliff para participar da faixa "Mensagem". Outra prova das boas intenções da companhia foi deixar a produção nas mãos do estreante Nelson Meirelles. O mesmo do novo disco, que promete já a partir do título, *Negro No Poder*. "A gente ouve falar de igualdade, mas no Brasil não vemos ministros negros, são muito poucos os representantes negros no Congresso", explica Da Gama. E Bino completa: "As pessoas não se assumem, há muito mestiço tentando esconder as suas origens. Nós queremos combater a discriminação, fazemos questão de levantar estes problemas". E vocês não sofrem outros tipos de descriminação, gênero "crioulo carioca tem que fazer samba", como Luiz Melodia, Banda Black Rio sofreram?

"Realmente rolam estas coisas, até o Living Colour sofre este tipo de preconceito por fazer rock pesado em vez de funk" (Bino)

"Esta cobrança é comum. Mas o ritmo negro é universal, as tribos foram espalhadas pela América. O que era até uma técnica dos colonizadores: dividir as tribos para que não pudessem se organizar e resistir à dominação. Por isso os ritmos negros, da América do Sul ao Norte, têm muita relação. É natural tocarmos com influência do blues, do funk ou do samba. Mas não tentamos forçar uma mistura do reggae com o samba" (Da Gama)

"Não há forçação alguma, mas fazemos questão de andar junto com a incrível musicalidade do Brasil. Daí podermos incluir instrumentos como agogô, berimbau nas nossas musicas" (Bernardo).

> **"fazemos questão de trabalhar com a incrível musicalidade brasileira"**

Quase todo o material do novo álbum (nove faixas no vinil e onze no CD) é recente. Da safra de *Luta Para Viver* restaram "Selva de Pedra" e "Incandescente Ser" (esta apenas a letra), e eles ainda incluíram os covers de "Zumbi" (Jorge Ben) e "A Mosca" (Raul Seixas). "Não foi difícil reunir o repertório para o novo disco", explica Da Gama. "O fato de todo mundo no grupo compor ajuda muito. E além disso tivemos muita ajuda nos arranjos dos músicos que nos acompanham."

Todos os acompanhantes já tinham participado das sessões do disco de estreia e estão na estrada desde então: o ex-Blitz Ricardo Barreto (guitarrista solo), Alex Meirelles (teclados) e os sopros de Antônio Saraiva (sax), Paulo William (trombone) e Saulo Alencar (trompete). O Cidade Negra está aí, de volta, pro que der e vier.

ANTÔNIO CARLOS MIGUEL

Roberto Boca Azul

DIRETO PARA VOCÊ, O LIVRO-ROCK QUE É A MAIOR VIAGEM!

Um repórter brasileiro de 23 anos foi ver de perto o que rola de mais radical no rock dos Estados Unidos. Foram 2 meses de estrada convivendo com as bandas mais quentes. O resultado é BARULHO, o livro-rock com entrevistas exclusivas e revelações surpreendentes, para você ler e viajar.

SÃO FRANCISCO

Jello Biafra, ex-Dead Kennedys, fala da antiga banda e de seus projetos solo. E um papo com os Cramps no camarim dos deuses do psychobilly.

LOS ANGELES

Os Red Hot Chili Peppers dão entrevista pela primeira vez em pleno ensaio.

NOVA YORK

Uma excursão de 2 dias com os Ramones, pioneiros do punk dos EUA. A cena do hardcore novaiorquino: Agnostic Front, Murphy's Law, Sick of It All, Lunachicks, Sheer Terror e muitas outras bandas

CHICAGO

Ministry, a banda expoente do hardcore eletrônico, é flagrada no estúdio terminando seu novo LP.

SEATTLE

Entrevistas com TAD, Mudhoney e com o fenômeno Nirvana na meca do novo rock americano. Fotos ao vivo com direito a quebra-quebra no palco

E MAIS DEZENAS DE BANDAS COM BIOGRAFIA E DISCOGRAFIA COMPLETAS!
128 PÁGINAS COM 188 FOTOS INÉDITAS!

GRANDE IDÉIA DE PRESENTE PARA UM AMIGO ROQUEIRO!

DE ~~Cr$ 22.000,00~~
POR Cr$ 19.800,00
Oferta válida até 16/06/92

10% de desconto para leitores de BIZZ.

ENVIE HOJE MESMO ESTE CUPOM!

É simples: preencha o cupom com seus dados, recorte e ponha num envelope endereçado para:
EDITORA PAULICÉIA - Caixa Postal 1932, CEP 01059, São Paulo, SP.
(Se preferir, pode também mandar seus dados em papel separado.)

OU TELEFONE PARA: (011) 871-4111

QUERO ROCK. QUERO BARULHO

Quero receber ___ exemplares do livro-rock BARULHO por apenas Cr$ 19.800,00 cada exemplar (o desconto de 10% já está incluído).

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____

Telefone _____ Data _____

Assinatura _____

BIZZ-82

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA

Você só pagará quando receber o livro pelo Reembolso Postal.

"Através dos anos 70, virei um bêbado, um

louco, tentando destruir a imagem de herói..."

Glórias e desventuras de um guitarrista em um papo com Eric Clapton

Depois de um período recente cheio de tragédias — a morte do amigo Stevie Ray Vaughan e depois do seu filho —, Eric Clapton parece pronto para enfrentar o mundo novamente. Lançando um novo álbum (o duplo *24 Nights*, gravado ao vivo no Royal Albert Hall) e prestes a embarcar com o velho colega George Harrison para uma turnê pelo Japão (ocorrida em dezembro de 91), ele aparenta ter dado a volta por cima.

O local escolhido para o retorno é um dos prediletos de Eric: um hotel aristocrático no centro de Milão. De óculos escuros, terno e camisa marrons, ele fuma sem parar. Mas parece estar bem consigo mesmo e com os outros

Como você se sente ao enfrentar uma entrevista após todas as coisas tristes que ocorreram em sua vida particular recentemente?

Me sinto bem. Somos adultos e sei que você é uma jornalista séria. Sei que será sensível e compreensiva quanto às perguntas pessoais.

Alguém disse uma vez que o blues/rock era a única linguagem metafísica ainda existente em nossa civilização hoje em dia...

É... as pessoas me perguntam se falo italiano, francês ou outros idiomas. Digo que não, porque sou músico e não reconheço nenhuma outra língua. É algo que atravessa o tempo e o espaço. Ainda jovem, fui tocado pelo som feito pelos negros do Mississippi. E quanto mais pensava no assunto, percebia que a música sempre será universal, algo para o qual o coração e a alma humana respondem. Uma coisa sem idade nem tempo.

Dá para entender esta linguagem, mas não há muitos músicos que a falem atualmente. Você disse pouco tempo atrás à *Rolling Stone* que o blues parece estar morrendo lenta e graciosamente.

É verdade. Aquilo que Andy Warhol disse foi uma profecia terrível. Das pessoas serem famosas por quinze minutos. Agora, a ambição dos jovens artistas e músicos é estabelecer-se rapidamente. Isso tem afetado a música e a arte.

Você sente-se uma relíquia de tempos distantes?

Sim, sou um dinossauro. Mas espero que haja gente inteligente e disposta a procurar, pesquisar e voltar ao passado, para descobrir que somos parte de uma longa cadeia de eventos.

Você nunca se sentiu satisfeito com a fama e o dinheiro? Nunca foi atrás destas coisas?

Não, nunca as entendi. Não compreendo a razão do desejo humano ser tão ligado à vaidade e às emoções superficiais... é perigoso. Uma pessoa como Madonna, por exemplo: eu admiro sua escalada para a fama, mas é um fenômeno do qual me sinto totalmente afastado. Fama e dinheiro são obstáculos que você tem que colocar de lado para poder pegar numa guitarra. Se tenho tudo, porque vou querer tocar? No fim, vira uma doença, um desejo insaciável por coisas materiais.

Como você lidou com a fama nos anos 60?

Muito mal. Desde o mito "Clapton is God" — que sempre achei perturbador e me causou muitos problemas — tive um péssimo relacionamento com ela. Através dos anos 70, tentei me esconder e fazer o mínimo possível, para deixar este mito morrer. Muita gente se decepcionou com minhas performances no palco e em discos. Virei um louco, um bêbado, tentando destruir esta imagem de herói. Depois de um tempo percebi que minha sobrevivência estava sendo ameaçada e tive que parar, pois queria viver.

Você se vê como um sobrevivente?

Sim, por um motivo espiritual. Tomei overdoses de drogas que teriam matado qualquer outra pessoa, passei por situações onde outros morreram e eu sobrevivi. Então, concluí que tenho um propósito a servir, uma missão a executar.

Parece bem religioso...

Sim, mas de forma não-religiosa, espiritual.

Fale um pouco sobre o álbum *24 Nights*.

Bem, na verdade foram 36 noites. Usamos as melhores gravações que fizemos no Royal Albert Hall em 90. Tive a idéia de juntar quatro formações diferentes para fazer o disco: um grupo pequeno, outro grande, uma banda de blues e uma orquestra.

Suponho que algumas noites tenham sido melhores do que outras...

Em algumas noites, a banda inteira sabia que a coisa não andava bem. Mas normalmente não havia tanta diferença assim. Foi difícil ser objetivo para escolher as faixas do disco. Numa noite, tudo

a voz de DEUS

a voz de DEUS

Reina

QUATRO HITS NA VIDA DE CLAPTON

"For Your Love" (Graham Gouldman) "Foi o motivo principal pelo qual deixei os Yardbirds, em 65. Era uma canção pop demais. Antes éramos uma ótima banda de blues, mas 'For Your Love' marcou o fim desta fase, definitivamente".

"Sunshine Of Your Love" (Jack Bruce/Pete Brown/Eric Clapton) "Ela foi composta especialmente pelo Jack depois que viu o Jimi Hendrix tocando pela primeira vez, em Londres. Foi uma bela homenagem".

"White Room" (Jack Bruce/Pete Brown) "Outra grande parceria de Jack com Pete Brown. Assim como 'Sunshine...', ela tambem aparece em *24 Nights*. Eu tinha me esquecido dela, até que a toquei no show de David Letterman e alguém sugeriu que a música fosse incluida no disco".

"Layla" (Eric Clapton/Jim Gordon) "Minha obra-prima, a melhor coisa que já fiz... So não esta presente no álbum por minha culpa. Pensei que ela já estivesse em outros discos ao vivo que gravei, mas agora me disseram que não *(risos)*. Quem sabe no proximo... daqui a uns dez anos".

estava bom, menos a voz. Em outra, tudo OK, exceto pela bateria... E ainda tive que parar no meio do processo, quando ocorreu a tragédia com meu filho. Nem conseguia escutar as músicas e deixei tudo para o produtor, coitado.

Por que você resolveu fazer esta turnê com George Harrison pelo Japão?

Porque é longe, todo mundo lá é supereducado e hospitaleiro, e ninguém vai nos criticar *(risos)*. E nos divertiremos. O George não toca em público há muito tempo e está nervosíssimo. Se começássemos pela Europa ou os EUA, seria capaz de eu acordar um dia e descobrir que ele tinha fugido para casa *(risos)*.

Quem teve a idéia deste encontro?

Ambos. Em minha última turnê muita gente me perguntava onde estava George, se ele iria tocar. Ele não acreditava que houvesse gente querendo ouvi-lo tocar. O cara é assim. Eu o convenci: ele não teria que fazer nada, só pegar na guitarra. O resto ficava por minha conta e da banda.

Você e George têm um relacionamento longo e estranho.

É tudo em família! Somos muito próximos e nos conhecemos desde jovens. E aprendi que é fácil perder amigos, na vida e na estrada. Ele é meu irmão. Temos opiniões diferentes, mas nossa ligação é muito forte. E o casamento dele e o meu... A mulher entre nós é um ponto forte de nossas vidas. Na verdade, nós três nos amamos muito. Somos como uma pequena família

Você acha que foi escolhido para ser uma espécie de Robert Johnson inglês?

Se fosse, já estaria morto *(risos)*, não teria 46 anos. É o preço que pago: a tristeza de estar sozinho, de ter perdido amigos queridos como Jimi Hendrix, Freddie King e recentemente Stevie (Ray Vaughan). Muito do que faço tem a ver com a expressão desta tristeza. Já vi muitas mortes na minha vida e o resultado disto é que poucas coisas me perturbam.

Você sente que o mito do *guitar hero* ainda está vivo e forte no panorama musical de hoje?

Sim, é algo indestrutível. Ele vem do conceito mais antigo da música: o trovador viajando com seu instrumento. Só que atualmente ele viaja com a banda, amplificadores, luzes...

Quem você destacaria enquanto guitarrista na nova geração?

Todos são interessantes, mas para mim o mais importante é a consistência, que vem da alma. E sao poucos e raros aqueles que a obtêm.

Quem, por exemplo?

Robert Cray é o primeiro que me vem à cabeça. E os grandes guitarristas de blues que ainda tocam: Hubert Sumlin, Robert Lockwood, Buddy Guy...

E gente mais rock, como o Steve Vai?

Ele me deixa frio. Não quero ser injusto, mas acho que há guitarristas demais nesta escola. Não gosto de ginástica, nem de velocidade. Prefiro simplicidade.

Você tocou na faixa "Mr. Bluesman", do album solo de Richie Sambora...

Ele faz parte desta escola a que me referi, mas está aprendendo a simplificar, ainda que pareça ainda não ter encontrado sua identidade musical Eu não saberia dizer se é o Richie, o Eddie Van Halen ou o Steve Vai que está tocando. Qualquer cidadezinha americana está cheia de guitarrista tocando assim. É triste. Grandes guitarristas são raros, mas é assim que deve ser.

Então, por que aceitar tocar no disco dele?

Não quero prejudicá-lo, mas vou contar a história... Ele me mandou uma carta dizendo o quanto minha participação era importante. Meu ego foi inchando e não pude recusar. Mas foi difícil achar uma maneira de colocar blues naquela música, apesar do nome da faixa.

Você ainda é influenciado por algum guitarrista?

Sim, gente como Muddy Waters, B.B. King, todos os grandes *bluesmen*. Mas se eu fosse copiar alguém hoje em dia, acho que seria o Robert Cray

Mas é ele que te copia! (*risos*)

Não! Ele me lembra mais o Bobby Bland Creio que ele copia os melhores *(risos)*.

O que você acha do sampling?

Acho que não faz sentido reclamar disso, senão você acaba passando o resto da vida num tribunal. Algumas coisas sao legais e outras bem chatas. O importante é o resultado final.

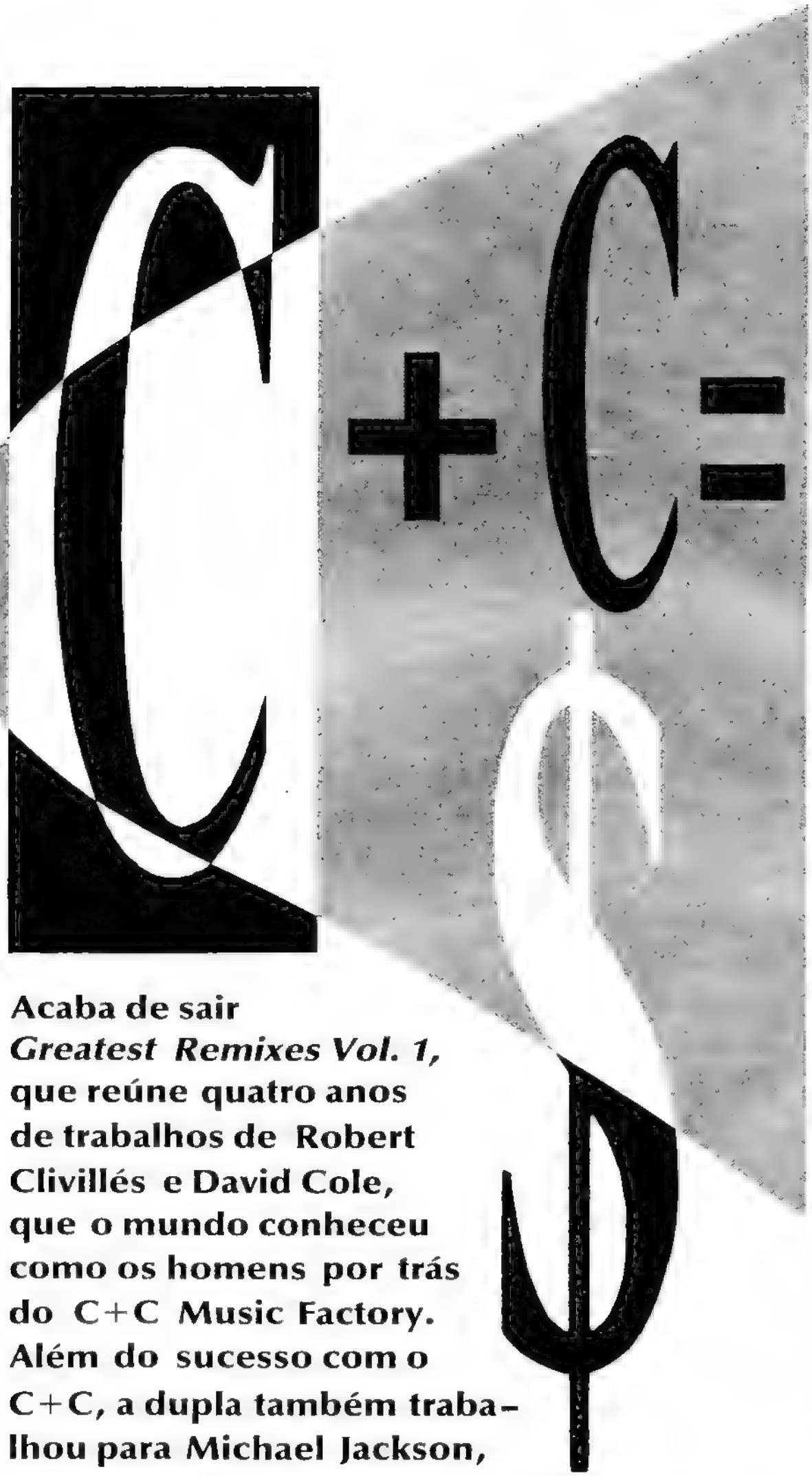
Quando foi a última vez que te chamaram de Deus?

É uma coisa que sempre volta. Quando toquei em países do Terceiro Mundo há algum tempo *(N. R. inclusive o Brasil)*, a garotada vinha me dizer isso. Eu não me importei, pois, considerando bem, isso é um elogio e tanto.

Como é ser chamado de Deus?

Não posso responder esta pergunta com seriedade *(risos)*. *ANAMARIA G. DE LEMOS*

c+c music factory



Acaba de sair *Greatest Remixes Vol. 1*, que reúne quatro anos de trabalhos de Robert Clivillés e David Cole, que o mundo conheceu como os homens por trás do C+C Music Factory. Além do sucesso com o C+C, a dupla também trabalhou para Michael Jackson, New Kids On The Block, Mariah Carey e Lisa Lisa & Cult Jam. Seriam eles o Lennon e McCartney da geração dance? Ou os Nile Rodgers e Bernard Edwards dos anos 90?

O DJ Robert Clivillés e o tecladista David Cole são representantes de uma geração de músicos/produtores surgida nos EUA na segunda metade dos anos 80 com o estouro da house e da nova dance music. Assim como David Morales, Steve "Silk" Hurley (que agora remixa Michael Jackson e Paula Abdul), Frankie Knuckles, Larry Heard, Little Louie Vega, Todd Terry, todos começaram como DJs em clubes suarentos nos *bas fonds* de Nova York e Chicago. Todos lançaram suas primeiras produções em demos fundo-de-quintal via gravadoras independentes e assim se projetaram no cenário dance. Boa parte está muito bem estabelecida como remixadores e produtores na dance music e no pop hoje.

Mas Clivillés e Cole conseguiram ir além: alcançaram status de popstar com seu muliplatinado C + C Music Factory.

O produtor no pop é geralmente a peça-chave na música de qualquer artista, apesar de que pouca gente sabe quem ele é e menos gente ainda se importa com quem é. O que seria dos Beatles sem George Martin? Ou da Motown sem nomes como Holland-Dozier-Holland e Norman Whitfield? Ou do meio milhão de cópias do último Red Hot Chilli Peppers sem Rick Rubin?

Na dance music a importância do produtor é ainda maior, e por isso seus nomes dizem muito mais sobre um disco do que o do cantor. Portanto, *existem* longas carreiras de muitos discos na dance music, só que não de artistas e, sim, de produtores.

A maior parte desses novos produtores de dance veio provar seus dotes musicais através de remixes. Por só ter oportunidade de remixar artistas e não produzir, inventaram um novo conceito de remix — aquele que recria 100% a faixa. O remix deixou de ser uma versão mais dançante, que realçava certas partes da música, mudava algumas de lugar e era mais comprida. Hoje em dia, um remix de uma música é *outra* música — tipo uma cover bem feita.

O remix que Clivillés e Cole fizeram para "Black Or White", de Michael Jackson, por exemplo, tirou a

c+c music factory

base funk e instalou no lugar uma veloz batida house com outros timbres, sons e andamento. O riff de guitarra foi eliminado. A linha de baixo é diferente. Na verdade, a única coisa que as duas versões têm em comum é o vocal. Seria incomum eles terem mudado a ordem de entrada e a importância de algumas frases, o que Steve "Silk" Hurley fez em seu remix para "Remember The Time", repetindo várias vezes o "prrrra-pa-pa-p-pa".

"E para que Michael Jackson iria querer uma nova versão de 'Black Or White' se ele já estava em primeiro com a original?", perguntaram a Clivillés e Cole num programa de entrevistas careta da TV americana.

Remixes visam atingir os freqüentadores de pistas de dança, um público que não quer ouvir no clube o que ouve no rádio o dia inteiro. Afinal, a versão normal de uma música não tem mesmo graça numa pista. Algumas músicas ganham versões hip hop, swingbeat, instrumental, house, tecno, uma para cada público diferente. Mercadologicamente é genial, porque cobre todas os setores. Artisticamente, o saldo também é positivo. Pode-se escolher como se quer ouvir uma música, e sempre é interessante ver como uma obra pode ser recriada. Clivillés e Cole foram um dos pioneiros nessa prática, hoje extremamente comum.

David Cole, 29, nasceu em Johnson City, Tennessee, e foi criado numa família de músicos. Até a adolescência, cantou em coros e tocou piano em igrejas. Quando tinha dez anos, sua família mudou-se para Nova Jersey. Segundo contou à revista *Entertainment Weekly*, "fui sacaneado do momento em que desci do ônibus. Eu era provavelmente o negro mais claro que já tinha aparecido por lá. Tinha cabelo vermelho e sotaque caipira arrastado. Dava pena de mim".

Em pouco tempo, Cole já estava dando suas idas às casas noturnas da vizinha Nova York. Uma de suas preferidas era a Better Days, um clube predominantemente negro, onde o DJ assistente era Robert Clivillés, 27, filho de porto-riquenhos e nova-iorquino da gema. Se tornaram amigos e logo formaram uma equipe: enquanto Clivillés fazia o som, Cole improvisava riffs e solos de teclado em cima de faixas instrumentais.

Depois de alguns primeiros trabalhos de estúdio em 85 e 86, como coadjuvantes de produções de dance (como na faixa de Lydia Lee Love), Clivillés e Cole lançaram em 87 seu primeiro trabalho.

"Do It Properly" foi feito em parceria com o (então desconhecido) DJ nova-iorquino David Morales e Chep Nunez, metade da equipe de produção Latin Rascals, morto em 90. Ao projeto deram o absurdo nome de 2 Puertoricans A Blackman And A Dominican (respectivamente, Clivillés, Nunez, Cole e Morales).

"Do It Properly" se tornou um dos hits de pista do ano, vendendo mais de cem mil singles 12. Na Inglaterra, antes do single ser lançado oficialmente, já havia mais de quinze versões circulando entre piratas.

Os vídeos, (todos do ex-publicitário alemão Marcus Nispel, amigo de Clivillés e Cole) elevaram o clip de dance à categoria de arte. Além dos tradicionais números de dança e da edição veloz, Nispel introduziu elementos gráficos, recursos de iluminação e inúmeros truques usados em comerciais.

E o mais importante, a música. Definida na capa do álbum *Gonna Make You Sweat* como rock + soul + pop + tecno + funk, ela realmente contém o melhor desses mundos: energia, emoção, apelo instantâneo, pé no futuro e ritmo.

O nome do grupo pega carona na tradição das grandes "linhas de montagem" de hits do pop negro: Motown, Stax, Philadelphia, Def Jam etc. Música trabalhada à perfeição, tanto artística como mercadologicamente. O conceito de formação é o mesmo de quase todo o grupo de dance: as cabeças por trás e na frente vocalistas que não são fixos no grupo.

"Ficamos de saco cheio de trabalhar com esses grupos que tornamos famosos"

Durante 88 e 89 eles fizeram, entre outros, Grace Jones, Communards, Whitney Houston, Aretha Franklin, Natalie Cole (um de seus melhores trabalhos) e Seduction.

O Seduction deu a Clivillés e Cole o primeiro gosto do sucesso pop. O grupo teve quatro hits nos EUA, sendo que "Two To Make It Right" chegou em segundo lugar. As três garotas do Seduction — Idalis Leon, Michelle Visage e April Harris — eram lindas e não faziam questão de vestir muita roupa. Um girl group para os anos 90, sexy e dançante. O Seduction foi uma experiência bem-sucedida, mas não era adequado para o objetivo definitivo da dupla: inventar o grupo pop perfeito para a década de 90.

Entra o rapper Frederick B. Williams (Freedom, que havia trabalhado com C e C no projeto The Crew), um ex-*bodybuilder* com muito jeito para dançar. Entra a cantora Zelma Davis, uma belíssima diva. Ambos na medida para o vídeo.

Deu muito certo. Além de três mega-hits (a faixa-título do disco, com o grito do ano nas pistas, "Here We Go" e "Things That Make You Go Hmmm..."), o álbum *Gonna Make You Sweat* vendeu onze milhões de cópias ao redor do mundo, sendo três nos EUA. Um feito raríssimo para um grupo de dance music. O C + C Music Factory recebeu ainda dois MTV Awards e mais cinco American Music Awards. O grupo também chegou a ser nomeado para um Grammy, mas o conceito de "canção" da academia ainda é dos tempos de Nat King Cole — nada a ver com refrões soltos, riffs jogados e rap.

Os convites para remixes para Clivillés e Cole continuaram, só que o patamar da fama agora é outro: Mariah Carey, New Kids On The Block e Michael Jackson.

Claro que pedras no meio do caminho apareceram. A mais inconveniente atendia pelo nome de Martha Wash.

Ex-Two Tons O'Fun e ex-Weather Girls, a obesa Martha acusou o C + C de usar sua voz em "Gonna Make You Sweat" sem dar o devido crédito e pagamento. Aproveitando, Martha lembrou que a voz em "You're The One And Only", do Seduction, também era dela. Segundo Clivillés e Cole, Martha cantou na faixa do Seduction e fez o refrão de "Gonna...", foi paga corretamente mas decidiu abandonar tudo por uma carreira solo — motivo pelo qual ela não aparece no vídeo, segundo C e C.

Martha ainda reinvindicou o direito de concorrer ao Grammy junto com o C + C, o que foi recusado pela academia. No fim das contas, o vídeo de "Gonna..." ganhou um bizarro crédito de "vocais adicionais de Martha Wash, visualizados por Zelma Davis". E para quem colocou em dúvida a capacidade vocal de Zelma, em várias oportunidades, incluindo o MTV Awards, ela provou que tem uma garganta abençoada, sim, senhor.

Mas por hora Clivillés e Cole dispensaram coadjuvantes. Clivillés disse à revista *Entertainment:* "Como não temos tempo, achamos pessoas que interpretem nossas idéias. Mas ficamos de saco cheio de trabalhar com esses grupos que tornamos famosos. De repente você tem que lidar com esses egos que você mesmo criou". Cole completa: "É, eles acabam esquecendo como rolou, quem tem o controle do processo".

Por isso Clivillés e Cole são os nomes que estão indo nos créditos dos novos hits, como a versão tecno para "Pride (In The Name Of Love)" do U2 e "A Deeper Love". Os vocais nas duas faixas são cortesia de Deborah Cooper, ex-vocalista do grupo de *disco* Change.

O C + C Music Factory não foi extinto, está em recesso. Os dois garantem que quando ele voltar não será necessariamente como Zelma ou Freedom ("A idéia sempre foi de alternar quem está à frente do grupo"). Aliás, existe até o boato — não-confirmado — de que Freedom estaria providenciando uma carreira solo.

Independente disso, Clivillés e Cole prosseguem. Jovens, milionários, talentosos e com muito para fa[illegible]. Por enquanto, é aguardar o [illegible] grito de guerra. *CAMILO ROCHA*

GREATEST REMIXES VOL. 1 FAIXA POR FAIXA

Todas as faixas do disco são versões inéditas para trabalhos de Robert Clivillés e David Cole nos últimos seis anos.

"MTV Medley" **C+C MUSIC FACTORY**
Um megamix dos hits do C + C, chato e desnecessário como esse tipo de coisa costuma ser. Esqueça.

"Because Of You" **COVER GIRLS**
Trio feminino de Nova York, um dos mais famosos do pop-dance hispânico conhecido por latin hip hop. Um empréstimo rápido de Afrika Bambaataa e Soul Sonic Force para um ritmo demolidor.

"Don't Take Your Love Away" **LYDIA LEE LOVE**
Um dos primeiros trabalhos com envolvimento da dupla, ainda de 86. Se tivesse só a introdução, já valeria a pena.

"Two To Make It R'ight" **SEDUCTION**
Três garotas lindas descobertas por Clivillés e Cole, que com eles tiveram quatro hits nos EUA. A música é house com um forte acento pop, contribuição dos vocais algodão-doce do trio.

"Pride (In The Name Of Love)" (Techno House Version) **CLIVILLÉS & COLE**
A versão para o clássico do U2 contida aqui não é a que está tocando em todas as rádios e pistas. A batida quebrada foi trocada por uma marcha house fluida. A roupagem tecno exagerada permanece, mas os efeitos de videogame são outros.

"Let The Beat Hit' Em (Part 2)" **LISA LISA & THE CULT JAM**
Irreconhecível tratamento garage em cima da segunda etapa do hit de LL (ex-namorada de Clivillés) — que só tem o nome em comum com aquela que todo mundo conhece. Uma das melhores coisas é o teclado inicial com um timbre fabricado no sétimo céu.

"Mind Your Business" **CLIVILLÉS & COLE**
Outra inédita. Sampleia a guitarra de "Need You tonight", do INXS, com bom resultado. O ponto contra é o medonho vocal rock.

"You Take My Breath Away" **DAVID COLE**
Cole prova que, assim como Zelma Davis, ele também sabe cantar. A percussão é uma latana maravilhosa e o resultado geral é bom.

"A Deeper Love" **CLIVILLÉS & COLE**
O outro lado do single de "Pride" aqui em sua melhor versão, ainda gloriosamente garage. A vocalista Deborah Cooper é uma garganta-prodígio.

"Clouds" **CHAKA KHAN**
Uma das obras-primas da cantora, lançada originalmente em 80. C e C o remixaram originalmente para a coletânea de clássicos de CK *Life Is A Dance.*

"True Love" **BILLY**
Billy não é um cara e sim uma obscura diva nova-iorquina. A faixa é house tradicional sem mistério nem surpresa.

"Notice Me" **SANDEE**
Sublime disco-house para jogar os braços para cima. Inclui um dos melhores habitos dos dois Cs, aqueles riffs de teclados fanhosos ("cuem-cuererem-cuem").

"Do It Properly" **2 PUERTORICANS A BLACKMAN AND A DOMINICAN**
O primeiro hit da dupla de 87. Originalmente um épico house cheio de variações com quase dez minutos. A versão nova traz uma mulher cantando no lugar do cantor do original. Tem até um pouco de Black Box, mas não bate nem de longe a primeira.

O QUE FALTOU

Bons trabalhos de Clivillés e Cole que não apareceram no disco

"Pink Cadillac" **NATALIE COLE**
O primeiro remix importante da dupla, de 88. É também o primeiro remix conhecido a diferir completamente do original.

"Get Dumb" **THE CREW**
Quase um pré-C + C Music Factory, já que Freedom Williams fez rap e participou na composição dessa faixa de 90. Uma linha de baixo que cai como uma bomba e o memorável refrão "Get dumb/ Dã-darã-darã-darã".

"Heartbeat" **SEDUCTION**
Tão boo quanto "Two To Make...". Bem, uma linha que ficar de fora mesmo.

BRUCE SPRINGSTEEN

Feliz da Vida

Fotos Sony

DE VOLTA COM DOIS LPS SIMULTÂNEOS,

O EX-BARDO DOS DESCAMISADOS

AGORA CANTA AS ALEGRIAS DA VIDA FAMILIAR

A gestação foi demorada e o resultado, enfim, é um par de gêmeos. Fora de atividade há quatro anos e meio, Bruce Springsteen reemergiu dia 31 de março não com um, mas com dois novos álbuns, lançados simultaneamente, *à la* Guns'N'Roses.

Human Touch e *Lucky Town* — respectivamente os álbuns de número 10 e 11 na discografia do Chefão — são os desdobramentos iniciais de mudanças radicais operadas recentemente na carreira e na vida de Bruce: eles trazem as primeiras composições e as primeiras gravações de Springsteen feitas desde que dissolveu sua banda, a E Street Band, e desde que se tornou pai de dois filhos, o menino Evan James (um ano e nove meses) e a menina Jessica Rae (cinco meses).

As canções dos dois álbuns foram selecionadas de um volumoso repertório de quarenta novas faixas. O material de *Human Touch* saiu de gravações feitas entre 1989 e 1990 numa variedade de estúdios em Los Angeles. *Lucky Town* foi gravado logo a seguir, mas no estúdio caseiro de Bruce em Beverly Hills.

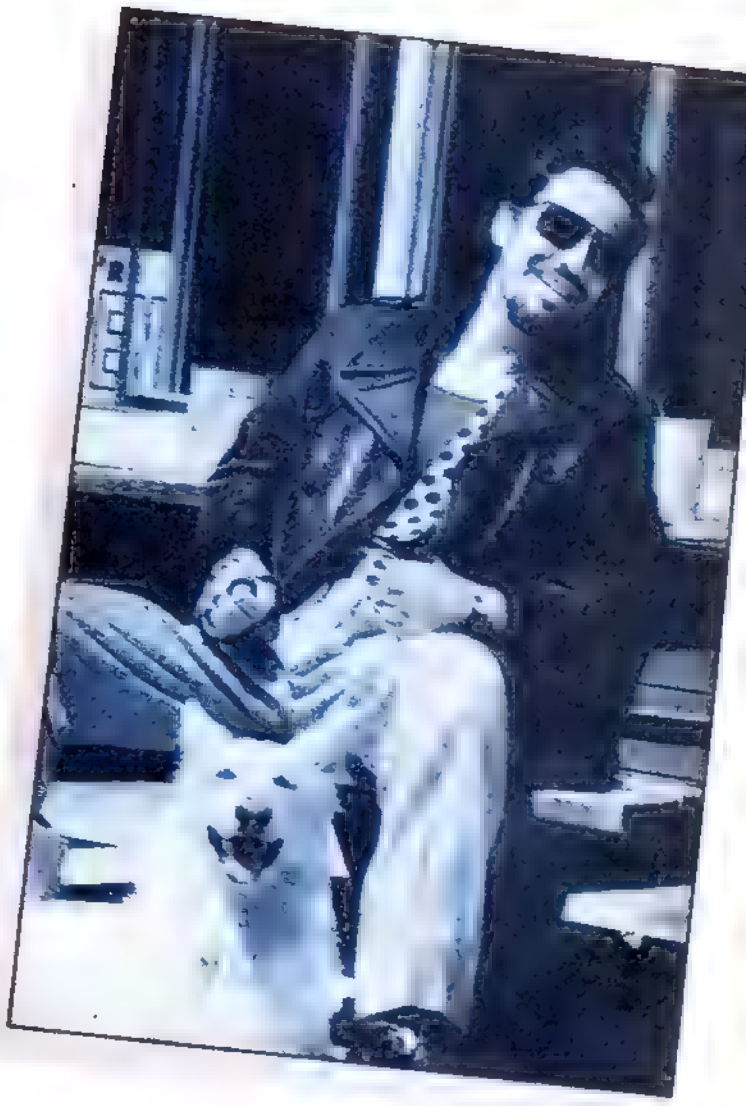
Os únicos ex-integrantes da finada E Street Band que participam dos novos discos são, por coincidência, dois tecladistas: Roy Bittan e David Sancious (este, de uma das primeiras formações da banda). Os demais músicos são ases de estúdio — o baterista Jeff Porcaro (com quem ele trabalha desde que gravou uma versão de "Viva Las Vegas" para um álbum em homenagem a Elvis Presley, o baterista Gary Mallaber — e convidados especiais. Como os vocalistas Sam Moore (da dupla soul dos anos 60, Sam and Dave), Bobby Hatfield, (dos Righteous Brothers, aqueles de "Unchained Melody", sucesso da trilha do filme *Ghost — Do Outro Lado da Vida*), Bobby King (da banda de Ry Cooder) e Patti Scialfa, também esposa de Springsteen.

Das músicas incluídas nos novos álbuns, apenas três já são velhas conhecidas dos fãs de Bruce: "Real World", "Soul Driver" e "57 Channels", todas apresentadas em dois shows beneficentes de que Springsteen participou em 1990 no Shrine Auditorium, em Los Angeles. A recepção dada a "Better Days" e "Human Touch", os primeiros compactos lançados dessa leva fresquinha, indicou bons presságios para o desempregocomercial dos álbuns a que pertencem. Algumas redes de lojas de discos nos Estados Unidos registraram vendas de trinta unidades/hora, o que indica ótima procura inicial. Mas será que a boa receptividade à volta de Bruce será duradoura?

Rita Wilde, diretora musical de um dos pilares da radiofonia classic-rock de Los Angeles — a KLOS-FM —, admitiu que seu ouvintes não foram especialmente hospitaleiros aos novos singles. Segundo ela, a reação foi "misturada. Tem gente que adora tudo o que ele faz. Mas também tem gente que está de saco cheio de Bruce".

A gravadora de Springsteen, a Columbia, preferiu não apostar tudo no prestígio de Bruce junto ao público e aos lojistas — afinal de contas, ele está fora do olho público há tempo demais para garantir a mesma popularidade dos tempos de *Born In The USA*, quando conseguia vender, sem maiores esforços, 11 milhões de unidades somente nos Estados Unidos. Com isso em mente, a Columbia introduziu um novo atrativo para os lojistas, dando um desconto de três por cento na compra dos álbuns. Também limitou a quantidade de discos que cada lojista pode comprar

Mesmo com esses atrativos, os lojistas estão cautelosos. Numa entrevista a revista semanal norte-americana *Entertainment Weekly*, Stephen Bergman, presidente da rede de lojas de discos Schoolkids Records, no meio-oeste (foco notório de bruce-maníacos), anteviu uma certa confusão inicial a ser provocada pelo lançamento simultâneo de *Human Touch* e *Lucky Town*. "Não temos certeza de onde foi parar o mercado de Bruce ", disse Bergman. "Não sabemos se os nossos compradores mais jovens são fãs de Springsteen nem sabemos se os fãs mais velhos se distanciaram muito dele. O fato é que as vendas de catálogo (dos discos antigos de Bruce) não têm sido tão fortes como antigamente." *JER*



"Não sabemos se os nossos compradores mais jovens são fãs de Springsteen"

parte 4

NA ROTA DO NOISE

OS PRINCIPAIS ENDEREÇOS DO UNDERGROUND AMERICANO, PARA QUEM QUER IR AOS EUA CONFERIR OU SIMPLESMENTE PARA ENCOMENDAR UM DISCO

Apesar das insistentes declarações dos punks e alternativos em geral — garantindo que as coisas já foram bem melhores na terra do Tio Sam —, o que se vê hoje nos EUA é uma cena independente forte, com boas revistas, gravadoras combativas e shows lotados.

As gravadoras grandes finalmente notaram que o underground era uma fatia rentável do mercado e se dedicaram a contratar todas as bandas com alguma força comercial (veja o caso da Sub Pop, que já teve e já perdeu Nirvana, Mudhoney, Tad, Soundgarden e L7). Mesmo assim, as independentes ainda resistem e revelam a cada ano grandes bandas.

No Brasil, a esmagadora maioria dessas bandas ainda é desconhecida, por causa da cegueira das filiais nacionais dessas gravadoras, que teimam em não lançar discos bons no mercado e se dedicam a promover a mediocridade do *mainstream*. Mas para os brasileiros que querem ficar por dentro do que se faz de mais radical e interessante no rock dos 90, uma boa saída são os pedidos pelo correio (*mail order*), prática comum no resto do mundo que agora também é permitida no Brasil (mais informações no correio mais próximo da sua casa). Todas as gravadoras e lojas citadas nessa matéria fazem mail order. Os preços, já incluindo a postagem via aérea, raramente passam dos onze dólares para um LP e dos dezesseis para um CD, em média 50% mais barato do que os extorsivos preços cobrados pelas lojas brasileiras que lidam com discos importados.

São Francisco, na Califórnia, tem sem dúvida a mais bem organizada cena underground americana, apesar dos próprios moradores da cidade renegarem esse título.

Boa parte dessa fama vem da revista **Maximum Rock'N'Roll** (P.O.BOX 288, Berkeley, California, 94701-0288), uma das mais importantes publicações underground dos Estados Unidos. Apesar de sua linha editorial priorizar as bandas hardcore (verdadeira mania em São Francisco), a *MRR* dedica grande espaço ao grunge de bandas como as de Seattle, e a qualquer outra barulheira em geral. Membros do staff da MRR são responsáveis pela inacreditável loja dos discos **Epicenter** (475 Valencia Street, 2nd. fl., São Francisco, California, 94103). A loja não tem compromisso com o lucro: os discos são vendidos a preços irrisórios e os funcionários são todos voluntários, não recebendo nada pelo trabalho. Lá, pode-se comprar qualquer LP do Butthole Surfers a três dólares e CDs a um preço médio de sete dólares. Junto à Epicenter funciona a **Blacklist Mailorder** (no mesmo endereço), com um grande catálogo de vendas pelo correio. Vale a pena pedir um catálogo.

A principal casa de shows alternativa em SF é a **Gilman Street**, em Berkeley, um clube governado por autogestão, onde o ingresso nunca custa mais do que cinco dólares e onde, todos os finais de semana, bandas novas e conhecidas se apresentam.

Jello Biafra, ex-Dead Kennedys, é o dono da **Alternative Tentacles** (P.O.BOX 424756, São Francisco,

barulho

parte 4

California, 94142), a gravadora independente mais conhecida da cidade. No seu catálogo, além dos clássicos LPs dos Kennedys, constam Butthole Surfers, Alice Donut, Les Thugs, DOA e Nomeansno, entre outros.

Para quem gosta de eletrônico, uma boa pedida é o mail order da **Wax Trax** (1659 N. Damen Avenue, Chicago, Illinois, 60647), a mais famosa gravadora independente especializada em som eletrônico, que deslanchou a carreira do Ministry. A Wax Trax tem uma grande loja no centro de Chicago, especializada em podreiras ciþernéticas.

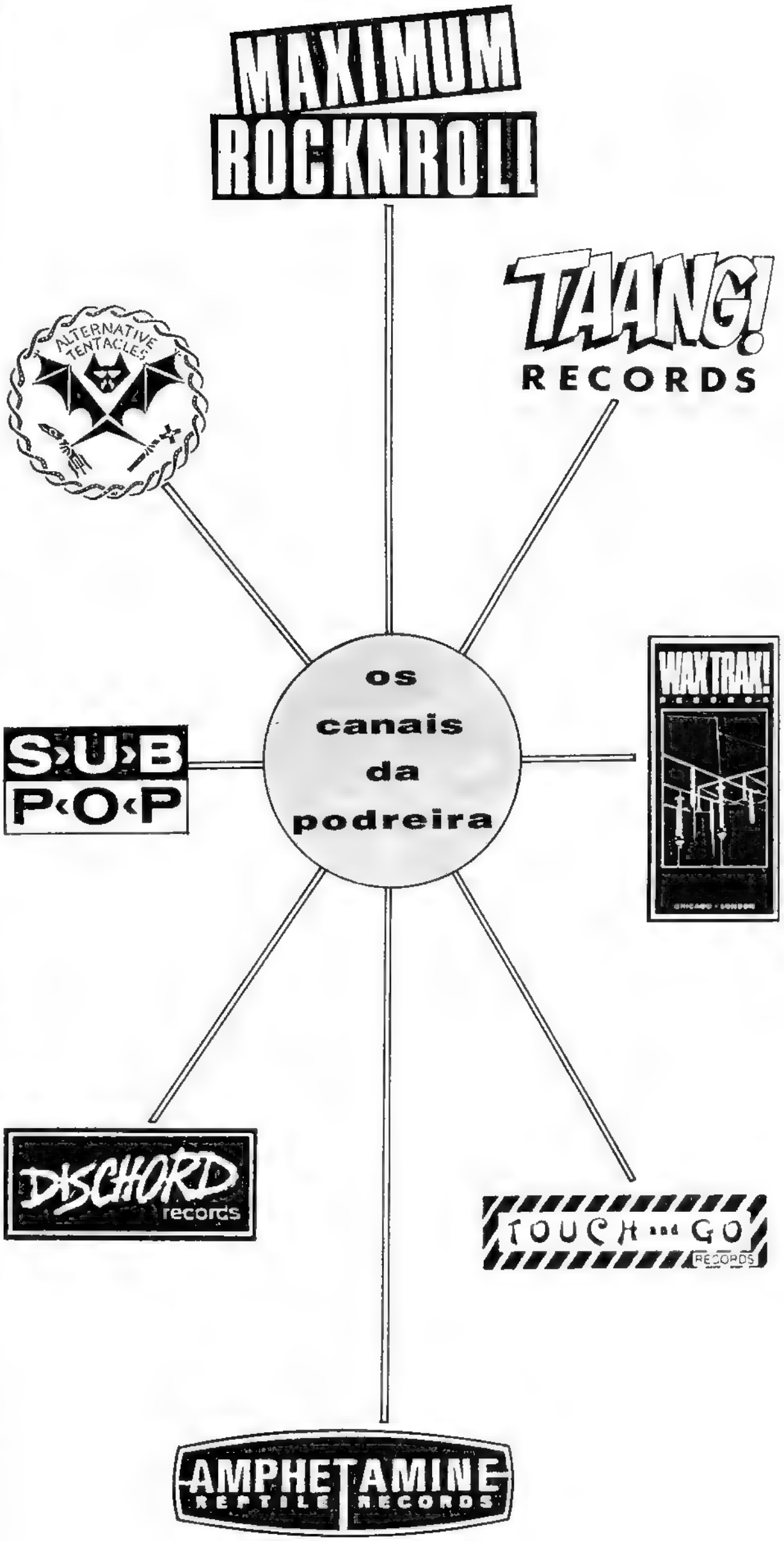
Da mesma Chicago vem a gravadora mais barulhenta dos EUA, a **Touch And Go** (P.O.BOX 25520, Chicago, Illinois, 60625), casa de Laughing Hyenas, Killdozer, Urge Overkill e de metade dos projetos de Steve Albini, Big Black e Rapeman.

Outras gravadoras muito barulhentas são a **Amphetamine Reptile** (2541 Nicollet Avenue S., Minneapolis, MN, 55404), casa de bandas tipo Vertigo, Tar, Helmet, Helios Creed, Halo Of Flyes, Surgery etc. A **Taang!** (P.O.BOX 51, Auburndale, MA, 02166) é a gravadora dos australianos Hard-Ons e do Lemonheads; e a **Dischord** (3819, Beecher Street NW, Washington D.C., 20007) é casa do Fugazi e de muitas bandas hardcore.

Na linha mais conhecida, a **Sub Pop** (1932 1st Ave., 1103, Seattle, Washington, 98101), também faz seu mail order. Nirvana, Tad, Green River e Mudhoney a preços bem em conta, além de singles raros.

Para quem quiser uma lista mais completa das gravadoras independentes americanas, vale a pena comprar a revista **Circus** (3 West 18th Street, New York, NY, 10011) de março, com o Nirvana na capa. A revista compilou as mais importantes gravadoras do país, além de endereços de estações de rádios, revistas e fanzines.

ANDRÉ BARCINSKI



Stamp

CAMISETAS - BLUSÕES - CALÇAS

MALHA MERCERIZADA - TAMANHOS P.M.G.
PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES
TEL.: (011) 299-7478

CALÇAS DE MOLETON
NAS SEG. REFERENCIAIS:

CA1: GUNS N'ROSES
CA2: SEPULTURA
CA3: RED HOT C. PEPPERS
CA4: METALLICA
CA5: U2
CA6: NIRVANA
CA7: SLAYER
CA8: SKID ROW
CA9: ENGENHEIROS DO HAVAII
CA10: LEGIÃO URBANA

DESCONTOS!

ENVIE CHEQUE NOMINAL À STAMP OU VALE POSTAL (JÁ COM O DESCONTO) E GANHE:
1. NA COMPRA ATÉ 3 PEÇAS: 20% DE DESCONTO
2. NA COMPRA DE 4 OU MAIS: 30% DE DESCONTO

PREÇOS

MANGA CURTA (MC):	Cr$ 26 500,00
MANGA LONGA (ML):	Cr$ 32 500,00
BLUSAO MOLETON (MT):	Cr$ 44 500,00
CALÇA MOLETON (CA):	Cr$ 40 000,00
BLUSÃO C. CAPUZ (BZ):	Cr$ 45 500,00

VALIDO ATE A PROXIMA BIZZ

- PREENCHA O CUPOM AO LADO (OU CÓPIA) E ENVIE PARA STAMP
RUA HELIODORA, 321 — CEP 02022 — S. PAULO SP
- VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.
- TODAS AS ESTAMPAS ESTÃO DISPONÍVEIS NOS 4 MODELOS: CAMISETA MANGA CURTA (MC), MANGA LONGA (ML), BLUSÃO SIMPLES (MT) E BLUSÃO COM CAPUZ (BZ).

ESTOU ENVIANDO CHEQUE ☐ VALE ☐ NO VALOR
DE
PREFIRO PAGAR AO RECEBER ☐

REF	TAM	MOD	REF	TAM	MOD

Nome
End
CEP Cid Est
Assinatura
RG Tel
DADOS SUGESTÃO PARA ESTAMPA

BIZZ 82

DE VOLTA PARA O FUTURO

Esta seção tem desovado periodicamente novas bandas que surgem na cena carioca. Mas a verdade é que não está dando mais para dar vazão ao fluxo renovador.

Do metal aos neoprogressivos, fusões de funk e samba e o diabo a quatro, a movimentação é intensa. Ainda está restrita aos subterráneos, longe dos olhos da paquidérmica indústria e dos ouvidos viciados da programação radiofônica, e em muitos casos ainda apresenta qualidade precária. Mas há fumaça no ar.

O público adolescente, que desde o berço vem escutando a geração 80 (produto de um *boom* que, no comecinho, era parecido com o que se vê agora), já não se satisfaz com a dieta de Paralamas-Barão-Legião-Titãs-Engenheiros. Independente da qualidade maior ou menor desses grupos. E sede de novidades.

Silvio Vegas Azul

ESPELUNCA DE LUXO

No meio do ano passado, Hanns Jr. alugou um sobrado caindo aos pedaços perto da Praça da Bandeira. Centrão, entre o Maracanã e a rodoviária, num dos trechos mais poluídos e *quentes* do Rio. A partir de setembro, ajudado pelo produtor Fábio Costa, nascia o Garage Art-Cult. Além do palco e espaço para 350 pessoas, um miniestúdio para ensaios, um bar e um pequeno apartamento para hospedar as bandas de outros estados completam a precária estrutura do local

Mendel Rabinovitch

Musicalmente, no entanto, o público assíduo não tem o que reclamar da espelunca. E a única opção para as novas bandas cariocas, gaúchas (a veterana mas sempre *outsider* De-Falla, Elektra), mineiras (Virna Lisi, The Myst, Sepulcro, Sarcófago, Expulser), paulistas (Pin Ups, Volkana, Korzus, Via Lumine, Tisaris, No Sense, Genocídio).

Entre os cariocas com predominância metálica, têm se apresentado **Anschluss**, **Hicsos**, **Eros**, **Morbid Death**, **Reator**, **Tubarões Voadores**, **Dementia**, **Profecy**, **Incinerator**, **Arena**, **Wild Sex Machine**, **Taurus**, **Extermínio**, **Eram Os Deuses Astronautas**, **Veneno Perfeito**, **Cavalast**, **Medellin**, **Beach Lizards**, **Dead Colours**, **Second Come**, **Euphoria**, **Endoparasites**... E isso é apenas a ponta do iceberg. Voltaremos a falar delas.

CIDADE ECLÉTICA

Guilherme Frazão Bacelar

Quem começa a ocupar uma posição no cenário independente é a produtora Cidade Elétrika. Montada por Liziane Perthuis e Carlos Mauro (também líder do grupo A Mosca), ela oferece assessoria às bandas iniciantes e já promoveu um festival com o seu cast no Garage

O destaque, por enquanto, é o **Urge**. Uma banda já antiga no cenário, mas que lançou há pouco tempo seu primeiro disco, em regime de co-produção com a Heavy Discos (Lançamentos BIZZ 80). **Leprechaun** (progressivo), **Indague** (mescla de rock e MPB), **Catedral Da Desordem** (pós-punk, que procura um crossover hardcore MPB), **Pandemonium** (heavy), **Dia 35**, **Alumina** (heavy), **Johan Heyss E As Relíquias Digitais** ("speed new age"), **Raubvögel** (rock industrial, noise) e **Censura Livre** (hard rock da cidade de Friburgo) são as outras, todas já com fitas demo. *ANTONIO CARLOS MIGUEL*

RÁDIO

Globo FM (92,5)
Radiola (Quarta, 22 as 24h) Programaçao ecletica do rock a polKa, pedidos dos ouvintes e convidados especiais
60 Minutos Com... (Toda segunda terça-feira do mês, 22 às 23h) Um artista de rock tem sua obra revisada

Fluminense FM (94,9)
Body Club (Domingo, 18 as 19h) Esportes radicais, reggae e surf music
Fluminense Classic Rock (Diariamente 18 as 19h) Grupos classicos do rock
Fluminense Hard Rock (Diariamente, 0 as 2h) Rock pauleira
Zion Train (Quarta, 21 as 24h) Reggae
Positive Vibrations (Sexta, 22 as 23h) Reggae

RPC (100,5)
Happy Hour (Diariamente, 18 às 19h) Dance music
Batidão (Segunda a Sabado, 13 30 as 15h) Dance music com o DJ Claudinho
RPC Megamix (Segunda a Sexta, 22 as 24h, Sábado, 20 as 24h, Domingo, 16 as 18h) *Dance* com o DJ Marcelo Mansur

Transamerica (101,3)
Domingão Ao Vivo (Domingo, 17 as 18h) Gravações de shows de bandas nacionais e internacionais
Naftalina (Diariamente, 6 as 7h e 13 as 14h) Hits do passado, de 65 para cá
Adrenalina (Domingo a Sexta, 14 às 15h, Sábado, 19 as 21h) Dance music
Sarcófago (Sexta, 21 as 22h) *Disco*

Imprensa (102,1)
Furacão 2000 (Segunda a Sexta, 14 as 19h) *Black music*
Elvis Brazilian Friends (Segunda, 22 as 23h) Elvis Presley e a musica dos 50
Charm Club (Sabado, 17 as 19h) Especializado no *charm*

Cidade (102,9)
Novas Tendências (Domingo, 22 as 23h) Lançamentos importados do pop e do rock
Amnesia (Diariamente, 6 as 7h e 12 as 13h) Velhos sucessos da musica pop
Só Se For Dance (Diariamente, 13 às 14h) Dance Music
Invasão Da Cidade (Sem dia fixo, 17 as 18h) Uma banda de sucesso tocando ao vivo no estudio
Festa Da Cidade (Sábado, 19 às 21h) Dance music

Universidade (107,9)
Toca-fitas (Domingo, 17 às 17 30h) So toca fitas demo
Overnight (Sexta, 22 as 2h) *Dance*
Coast To Coast (Sabado, 17 as 18h) Hard rock

Jornal do Brasil AM (940 KHz)
Balanço Do Rock (Domingo, 19 às 20h) Rock n roll dos anos 50 e 60
Jo Soares R&B (Sabado, 20 às 21h) Veteranos ou novos *bluesmen*

Um dos melhores grupos da safra, o **Second Come**, esta lançando em tiragem limitada uma cassete com oito musicas Pedidos para Spider, R. Visconde de Piraja, 281 CEP 22410, fone fax (021 521-8040, Ipanema, Rio de Janeiro

- Trabalhamos com os catálogos anteriores
- Preços válidos até a próxima edição da revista

NEW ROCK

PREÇOS

Manga Curta (MC) Cr$ 26.000,00
Manga Longa (ML) Cr$ 32.000,00
Blusão Moletom (MT) Cr$ 44.000,00
Calça Moletom (CL) Cr$ 40.000,00
Bermuda Moletom (BM) Cr$ 27.000,00
Boné (BO) Cr$ 15.000,00
Manga Curta Simples (MS) Cr$ 18.000,00

- Preços especiais para revendedores
Fone (011) 280-2952

As Bermudas (BM), as Calças (CL) e os Bonés (BO), estão disponíveis na cor preta e nas seguintes referências.

BM_1 - CL_1 - BO_1: Metallica
BM_2 - CL_2 - BO_2: Guns N'Roses
BM_3 - CL_3 - BO_3: Forth No More
BM_4 - CL_4 - BO_4: Iron Maiden
BM_5 - CL_5 - BO_5: Caveiras
BM_6 - CL_6 - BO_6: Skid Row
BM_7 - CL_7 - BO_7: Sepultura
BM_8 - CL_8 - BO_8: Suicidal Tendencies
BM_9 - CL_9 - BO_9: Red Hot Chili Peppers
BM_{10} - CL_{10} - BO_{10}: Ratos de Porão
BM_{11} - CL_{11} - BO_{11}: Slayer

ATENÇÃO!
COMO COMPRAR:

- Envie o cupom ao lado corretamente preenchido para NEW ROCK: R. Capote Valente, 242 CEP 05409 - São Paulo - SP
- "DESPESAS DO SEDEX" Devem vir acompanhadas de seu pedido em forma de cheque nominal à NEW ROCK. Os preços médios do Sedex são de Cr$ 8.000,00 (Região Sudeste) e de Cr$ 12.000,00 (Demais Regiões)". Se as despesas forem maiores que os valores acima, a diferença será acrescentada ao valor total a pagar no correio, ou debatida se as despesas forem menores.
- O correio mandará um "Aviso de Chegada" entre 8 a 15 dias, após o envio de sua carta.
- Você tem até 7 dias para retirar a encomenda, após receber esse aviso

"SÓ ATENDEREMOS SEU PEDIDO SE AS DESPESAS DO SEDEX FOREM ANTECIPADAMENTE PAGAS"

MOD	REF	COR	TAM	MOD	REF	COR	TAM

TOTAL DA COMPRA CR$ _____
NOME _____
END _____
Nº _____
CIDADE _____
CEP _____ EST _____
FONE _____ RG _____

Dá um bico em QUAC!

DISNEY

É de virar a cabeça!

Se você anda louco por novidade, fica frio. Tem uma quentíssima pra você: a nova revista QUAC! A mais chocante, diferente e inteligente. QUAC! tem um visual piradão, supercolorido e sem muito blá, blá, blá. Só em QUAC! você encontra os personagens Disney arrepiando em quadrinhos superlegais e em seções como Anúncios Desclassificados, Passatempos-Armadilhas, Caldeirão da Bruxa e um montão de outras bem radicais!

E aí? Gostou?
Então, leva pra casa!

Abril Jovem

- REVISTA MENSAL
- FORMATO GRANDE
- DÁ UM BICO NA BANCA

BILLY FURY

Como todos os astros do rock'n'roll surgidos em todo canto do mundo, os ingleses não eram mais do que réplicas mal-acabadas dos autênticos rockers americanos. Afinal, os modelos originais eram tão fortes que seria insensatez não imitá-los.

Tommy Steele, Cliff Richard e Marty Wilde eram os principais rockers ingleses quando surgiu Billy Fury, ou Ronald Wycherley, seu nome verdadeiro, o primeiro rocker vindo de Liverpool.

Seu primeiro disco e sucesso, *Maybe Tomorrow*, editado em maio de 59, marcou o início de um longo período em que raramente esteve fora das paradas de sucesso. Foram 27 hits entre 59 e 66, enquanto esteve gravando para a Decca. Seu disco mais sensacional foi o primeiro LP, um 10" editado em 1960 com o sugestivo título *The Sound Of Fury*. Eram dez composições próprias, algumas sob o estranho pseudônimo Wilbur Wilbeforce. Puro rockabilly, com um fantástico desempenho do guitarrista Joe Brown, *The Sound Of Fury* só tem paralelo nos mais selvagens *sides* gravados nos confins do Texas ou em Memphis. Um clássico dos clássicos do rock'n'roll

Já na época da edição de *The Sound Of Fury*, o rock americano tinha perdido toda a força; isso se refletia na Inglaterra, onde as baladas mais suaves escalavam as paradas. Ainda no final de 1960, Fury passaria a gravar covers, começando com "Wondrous Place", pinçada do repertório de Jimmy Jones; depois viriam "A Thousand Stars" (Kathy Young), "Halfway To Paradise" (Tony Orlando), "Jealousy" (Frankie Laine), "Because Of Love" (Elvis) etc. As composições de Fury ficaram relegadas a um segundo plano; geralmente apareciam nos lados b dos singles. Absurdamente, a Decca produziu quase todos os discos de Fury em mono e jamais se importou em divulgá-los fora da Inglaterra.

Fury tinha saúde precária. Cardíaco desde criança, sabia não ter muito tempo para viver. Em 67 assinou com a Parlophone. Editou onze singles em três anos, incluindo "Silly Boy Blue", escrita por David Bowie. Nos anos 70 se retirou para se dedicar a sua verdadeira paixão, a ornitologia.

Em 82 assinou com a PolyGram e iniciou a gravação de seu 1.º LP desde 65. Stuart Colman, então ligado a Shakin'Stevens, iria produzi-lo. O disco nunca foi completado. Devastado pela doença, Fury veio a falecer em janeiro de 83, aos 42 anos de idade. Graças ao seu talento maior e sua grande compreensão sobre as raízes da música americana, Billy Fury injetou vida e credibilidade ao inócuo rock inglês da fase pré-Beatles; foi indiscutivelmente o melhor de sua geração.

RENE FERRI

DISCOGRAFIA SELECIONADA

THE BILLY FURY STORY **(Decca, 76, Inglaterra)**
THE BILLY FURY HIT PARADE **(Decca, 82, Inglaterra)**
O primeiro é um álbum duplo e traz todas as dez faixas do lendário LP *The Sound Of Fury*; o segundo é uma compilação de vinte hits editados entre 59 e 65

CHIC
DINOSSAURO DISCO

Indiscutível: o Chic foi a maior banda dance de todos os tempos. Diamantes *disco* como "Le Freak", "Everybody Dance", "Good Times", "Dance, Dance, Dance" e "I Want Your Love" levam sua assinatura. Uma música poderosa e viciante (e atemporal, como os anos provariam). Um conceito de banda/corporação e de elegância *cool*, dos riffs aos vestidos das vocalistas, que embasbacou e influenciou quase todo mundo que transitou pelo pop na década de 80. O Chic foi a invenção gloriosa de dois músicos excepcionais, o guitarrista Nile Rodgers e o baixista Bernard Edwards.

E atenção para as boas notícias: estes dois homens acabam de lançar um disco novo.

Bernard Edwards está do outro lado da linha em Nova York. Eu o cumprimento pelo primeiro posto na parada dance americana conquistado pelo recente single "Chic Mystique", e ele fica meio bobo agradecendo. Quem diria que em 92 eles estariam de volta provocando comoção nas pistas do mundo?

Exatamente como em 76 quando o Chic foi concebido.

"Quando começamos queríamos fazer um grupo com cordas, metais, uma orquestra de dance. O vestuário do grupo era o que se usava nos clubes da época — ternos, roupas sofisticadas etc. A intenção era fazer uma banda de dance elegante, algo bem sofisticado." (Nile Rodgers declarou que o glamouroso Roxy Music foi uma de suas principais influências.)

Aí o Chic governou a terra durante os últimos anos da década de 70. O single de "Le Freak" vendeu quatro milhões de cópias e ficou seis semanas em primeiro nos EUA. "Good Times", "Dance, Dance, Dance" e "I Want Your Love" venderam todos mais de meio milhão. O grupo se tornou o recordista de vendas da gravadora Atlantic (que tem Aretha Franklin e Led Zeppelin no seu cast). Nessa época

criariam ainda sublimes clássicos dance para Sister Sledge e Sheila & B. Devotion.

Juntos eles produziram o fabuloso *Diana* para Diana Ross, o último grande disco dela. Também fizeram *Koo Koo*, o primeiro solo de Debbie Harry, e a melhor música que Carly Simon já gravou, "Why?".

Separados, eles também não deixaram barato. Nile devolveu Bowie às paradas com *Let's Dance*, converteu Madonna em mega com *Like A Virgin* e arrumou a casa para gente como Duran Duran, B-52s, Grace Jones e Mick Jagger. Em 84, formou com Robert Plant, Jimmy Page e Jeff Beck os Honeydrippers, gravando o disco *Volume One*. Bernard por sua vez ergueu para as paradas Robert Palmer, ABC e Rod Stewart. Também produziu o Power Station, com John e Andy Taylor, do Duran Duran, Robert Palmer e o ex-baterista do Chic, Tony Thompson.

Nesse meio tempo, Nile e Bernard também lançaram discos solo, mas que afundaram sem deixar rastro. Um dos motivos que levou a separação, segundo eles, foi o interesse cada vez maior de cada um por esses projetos individuais. Os dois também entraram fundo nos desfrutos narco-sexuais das altas rodas do pop.

Mas por volta de 90, deu um comichão. Durante uma festa, Nile encontrou Bernard. Certa hora, eles resolveram fazer uma jam com a banda da casa. Tocaram "Good Times", "Everybody Dance" etc., e o público da festa enlouqueceu. Nile e Bernard ficaram à deriva na

felicidade suprema da lembrança. Um deve ter olhado para a cara do outro e se perguntado: "Que é que estamos fazendo longe um do outro?" Bernard: "Não entendo como ficamos tanto tempo sem trabalhar juntos. A química é tão infalível e instantânea".

E os outros membros? Para começar, Tony Thompson, uma força furiosa com um controle sobre duas baquetas nunca visto. Segundo Bernard, Tony está em outra. Mora na Califórnia e tem sua própria banda. E as luxuosas vocalistas Norma Jean Wright e Alfa Anderson continuam trabalhando em sessões de estúdio, e Luci Martin parou, se casou e está para ter um filho.

Nile e Bernard fizeram testes com mais de cem vocalistas para o novo Chic, inclusive com Alfa e Norma. Mas foram duas novatas

"Dançar? Não sou muito disso. Tenho esposa e crianças"

(Bernard Edwards)

que acabaram pegando o cargo: Sylver Logan Sharp e Jenn Thomas. "O tipo de voz que se usa na dance hoje é muito diferente do que Norma, Alfa ou Luci faziam. É tudo mais poderoso, *funky* e gritado", diz Bernard

O resultado, *Chic-ism*, é excepcional. Consegue recuperar os ritmos impiedosos mais os arranjos ricos do Chic dos bons tempos com o suficiente de atualização para que nada soe como mero saudosismo. Nile disse à *Billboard* que quando ele e Bernard resolveram remontar o Chic houve muitas dúvidas quanto ao tipo de som que deveriam fazer.

"'Chic Mystique' foi uma das primeiras que fizemos. Mas aí começamos a ouvir muito rádio e percebemos que não tinha nada a ver com o som que se faz hoje. Pensamos: 'Quem é que vai querer ouvir nossa música?' "

"Então fizemos tudo diferente com samplers, eletrônica. Mas não ficou com cara de Chic e sim de Technotronic." Bernard conta que quase não encostou a mão nas cordas de seu baixo. "Aí fomos entender que aquilo que havíamos feito em 'Chic Mystique' era o correto, éramos nós."

O que você achava da cena *disco*?

"Era muito legal. *(entusiasmado)* As pessoas ficavam ansiosas pelo sábado. Todo mundo se produzia para sair e dançar, era um ambiente muito divertido. As roupas eram demais."

Qual a diferença entre as pistas de dança e os clubes de hoje com os tempos da *disco*?

"Hoje é tudo mais intenso, menos frívolo. As pessoas parece que entram a fundo na música. Existem várias facções, clubes de hip hop, tecno, house. Uma coisa legal é que ninguém repara no outro e as pessoas não precisam se produzir. Só vão para dançar mesmo. A luz e os efeitos são fortíssimos e envolventes. Eu acho muito legal."

Você sai muito para dançar?

"Não sou muito disso. Estou com esposa e crianças, então fico em casa e trabalho. Nile é o festeiro, ele é solteiro, então sai muito."

Você gosta do que toca nas pistas de hoje?

"Gosto muito das coisas de hip hop. Não gosto muito de house, tecno e acid, não há muitas canções. E algo que só dá para aproveitar no clube. Em casa é impossível de ouvir."

As linhas de baixo eletrônicas de house não têm o mesmo efeito que as tocadas manualmente?

"Não em mim. Algumas são muito boas, mas no geral não bate muito, é meio cansativo. Gosto de ver a coisa variar mais e ser explorada."

Realmente ver o Chic de volta é um sonho que vira verdade. Quanto vai durar esse sonho?

"Teoricamente queremos que dure para sempre. Pretendemos fazer uma turnê e tocar muito. Acho que enquanto tiver gente querendo nos ouvir vamos continuar."

O MELHOR DE NILE RODGERS E BERNARD EDWARDS

CHIC
"Dance, Dance, Dance"
"Good Times"
"Everybody Dance"
"I Want Your Love"
"Le Freak"

NILE E BERNARD
"He's The Greatest Dancer"/"We Are Family" SISTER SLEDGE
"Spacer" SHEILA & B. DEVOTION
"Upside Down"/"I'm Coming Out" DIANA ROSS
"Why?" CARLY SIMON

NILE
"Material Girl"/"Like A Virgin" MADONNA
"Let's Dance" DAVID BOWIE

BERNARD
"Addicted To Love" ROBERT PALMER

NAS PISTAS

"2V231" **ANTICAPPELLA** (Next Plateau)
A resposta italiana ao Bizarre Inc.

"Are You Ready To Fly? **ROZALLA** (Pulse 8)
Será que ela já deu o que tinha que dar? Se depender de músicas como essa (*igual* a anterior!), já!

"IOU" **ARTHUR BAKER** feat. **NIKEETA** (RCA)
Um ultraclássico remodelado para agora. Novos vocais e uma roupagem garage com um bom pé na *disco*.

"A Watcher's Point Of View" **PM DAWN** (4th & Broadway)
Todd Terry lima os vocais e dá uma cara garage a essa excelente faixa. Em alguns 12", a música está como lado B de "Reality Used To Be A Friend Of Mine".

"Everybody In The Place" **EP PRODIGY** (XL)
BPM altíssimo, som de platéias em delírio e o refrão entoado histérica e repetidamente. Território tecno, em outras palavras.

PARADA

EUA Billboard 4/4/92

"Don't Lose The Magic" SHAWN CHRISTOPHER *Arista*
"Remember The Time" MICHAEL JACKSON *Epic*
"Moira Jane's Cafe" DEFINITION OF SOUND *Cardiac*
"Make It Mine" SHAMEN *Epic*
"Hear The Music" GYPSYMEN *E-Legal*

INGLATERRA Music Week 28/3/92

"Sweet Harmony" LIQUID *XL*
"Take My Advice" KYM SIMS *Atco*
"Den" DEMON BOYZ *Tribal Boss*
"Finally" CE CE PENISTON *A&M*
"Always" URBAN SOUL *Cooltempo*

CAMILO ROCHA

AO VIVO

ROLLINS BAND
RED HOT CHILI PEPPERS

Brixton Academy, Londres

Henry Rollins, para quem não sabe, é o cara que um dia subiu no palco durante um dos primeiros shows do grupo californiano Black Flag e acabou ficando como cantor/gritador/performer. E isso tem tudo a ver com 1992, porque Rollins, ao invés de abandonar o hardcore, se enveredou ainda mais nele e foi achar uma nova identidade neste velho gênero

Henry — um metro e setenta de músculos, tatuagens e fúria — canta sobre a dor. Sobre o pai que lhe batia todos os dias até que saiu de casa, sobre relacionamentos que chegam a um amargo fim. Descalço, vestido apenas de short preto, ele se atira pelo palco com tamanho vigor que ninguém ousa tentar um stagedive. Enquanto isso, a banda — alguns dos melhores músicos do rock — pinta o pesadelo de negro com uma precisão assustadora.

Ele é um paradoxo fascinante: seu glamour masculino é questionado/quebrado/reconstruído, como em "Obscene", em que canta "estou tão confuso que já não reconheço os limites entre aquilo que uso e aquilo que abuso".

Aos membros do público que pedem velhos números do Black Flag, Rollins sugere que peçam seu dinheiro de volta. Prossegue cantando música por música de seu novo disco, *The End Of Silence*. Tudo termina numa orgia de rancor e ódio: em "Just Like You", Henry Rollins finalmente se olha no espelho e vê seu — tão odiado — pai. É simplesmente a experiência mais intensa do ano

E isso foi só o show de abertura. Como é que os Red Hot Chili Peppers vão superar *isto?*

Bem... o fato inegável é que os Chili Peppers estão tendo problemas hoje à noite. Mas vamos ao lado positivo primeiro. Uma coisa permanece a mesma: quando Anthony, Flea, John e Chad sobem ao palco, dá para sentir o cheiro de testosterona no ar. Músculos à vista! E as músicas! Quem é que pode permanecer parado quando os Chilis mandam ver com "Higher Ground" ou "In The Woods"? Quando Anthony solta seu cabelo e o sacode, todas nós suspiramos. Pensamos em ter o seu bebê... e ele, california boy que é, sabe disso. Então, você me pergunta, qual é o problema?

Esta noite — ou melhor, esta turnê, se resolvermos acreditar nas opiniões que flutuam no ar da Brixton Academy —, os Chilis estão totalmente fora de foco, sua música diluída. Quando eles começam "Give It Away", há cinco segundos de pura magia — mas logo depois nos vemos de volta ao marasmo. Não adianta Anthony Kiedis plantar bananeira durante "Blood Sugar Sex Magik", não adianta tocarem "Nobody Weird Like Me".

Flea tenta manter o espírito da coisa fazendo piadas e tocando magnificamente como sempre. Mas nada esconde que eles parecem desconfortáveis com o material do último disco (que tocam pouco) e entediados com o show em geral.

Você quer fofocas quentes? Pois bem. Dizem que os Chili Peppers estão tendo problema com o guitarrista John Frusciante. Que estão tendo problemas uns com os outros. Que alguns deles ainda estão se recuperado de um gripe fortíssima.

Seja o que for, é difícil ignorar a persistência e a fonte dessas histórias. Me corta o coração pensar que talvez estejamos assistindo ao fim de uma das melhores bandas de nossa época. Mas, como sou velha fã deste grupo irresistível, prefiro botar a culpa na data. Afinal, era noite de sexta-feira, 13

ANAMARIA G. DE LEMOS

Stein

SOLANO STAR & HERBERT VIANA

SESC Pompéia, SP

Ano novo, via nova. Bem-sucedido em 91, o Via Paulista inaugurou a edição deste ano pisando firme no rock. Sensível ousadia. Afinal, foi investindo em gêneros mais amenos que o evento lucrou seus louros: um álbum-síntese da temporada e o prêmio Associação Paulista dos Críticos de Arte.

O show de estréia do Via 92 repetiu a receita, mudando os ingredientes. Juntou um líder de banda carismático, popular e populista — Herbert Vianna — ao *guitar hero* Edgard Scandurra e a um quarteto roqueiro desconhecido e inviável — o Solano Star. A mistura esgotou os quatrocentos lugares.

Chegamos ao ponto. Se o teatro lota, a proposta deu certo. O Solano Star (do qual Edgard já participou oficialmente) tem a chance de encarar um público trazido pelo apelo de Herbert e de seu encontro com Scandurra. E pode até arrebanhar público para shows futuros. Teatro lotado, risco de quem pagou para ver. Se o show for ruim, azar — e foi

O Solano entrou primeiro, apresentando "Isadora", sua homenagem aos travestis (bisada no final à revelia do público, que clamava por hits do Ira!, dos Paralamas e até de Scandurra solo). Já na segunda música, Edgard e Herbert, humildemente, empunhavam suas guitarras. Otimo, pensei. E até que veio coisa boa.

Só que a fusão de um show do Solano Star com um tributo a Jimmy Page, Jimi Hendrix, Eric Clapton — e aos proprios guitarristas sobre o palco, diga-se de passagem — resultou numa mixórdia, pendurada entre "a noite do Herói Da Guitarra" e a esculhambação sacal do oportunismo malévolo

Quando resignada aos vocais do repertório que compõe, a *eterna ex-Gang 90* Taciana até que não incomoda. Já cantar como Robert Plant, por exemplo, é o tipo de esforço de que suas cordas vocais desistem antes mesmo de achar o tom

A platéia é testemunha: "Mensagem De Amor" foi o melhor achado da noite. *CELSO MASSON*

Os bangers tradicionais resolveram expandir seus horizontes. Para apaziguar suas consciências cabeludas, decidiram chamar tudo — de Jane's Addiction a Faith No More a Living Colour — de metal.

Vamos supor que rótulos não interessem. Chegamos ao show do Urban Dance Squad — que apesar de holandês, não fica no tamanco e nos moinhos: a mistura de sangues indonésios e surinameses é o forte da receita.

Com o disco *Mental Floss For The Globe*, eles iniciaram bem o que promete ser uma carreira brilhante. No novo, *Life And Perspectives Of A Genuine Crossover*, alcançaram uma riqueza inédita. Para os metal-funkeiros, o Squad parece a escolha ideal.

Até que eles começam a tocar. É meio decepcionante. Talvez porque estejamos tão acostumados com o produto antisséptico e infalível da música gravada. As músicas começam bem, botam todo mundo para pular. Mas logo depois o que era contagiante vira familiar e até descuidado. Tres Manos, um ótimo guitarrista, parece desconhecer economia e moderação. Seus solos, riffs e licks voam por toda parte.

O problema principal, porém, parece ser gerado justamente pelo ponto forte da banda. A diversidade de estilos se perde ao ser passada para o palco. O que eram detalhes importantes, fornecidos pelo DJ DNA — de cantos gregorianos a citara — no show viram uma massa disforme.

Apesar disso tudo, o UDS continua a ser uma das bandas mais interessantes do momento. Talvez um bom engenheiro de som resolvesse o problema ao vivo, deixando o Squad livre para cuidar da alquimia. E quem sabe, quando o mundo já estiver enjoado do onipresente funk-metal, o Urban Dance Squad seja um dos poucos sobreviventes.

ANAMARIA G DE LEMOS

URBAN DANCE SQUAD
Astoria (Londres)

Rui Mendes Azul

Entrando no Aeroanta o que se vê é uma massa de cabeludos e malucos, bem diferente do público habitual. Estão zoando ao som coeso e violento do Korzus, que se mostra cada vez mais profissional.

A mixagem ao vivo também está ajudando mundo. Tudo bem claro e pesado. Coisa difícil de se ver. O stagedive rolando solto, sem tretas, com seguranças que sabem muito bem que a aparente violência não passa de diversão da moçada.

Mas o verdadeiro combustível para a detonação é a massa sonora promovida pelo Korzus. Os caras são a prova de que não adianta ficar se remoendo por falta de condições e crises de mercado.

Depois de lançar o bem produzido *Mass Ilusion*, ainda independente mesmo com o longo percurso percorrido pelos caras, eles jogam a bola pra cima e matam no peito. Sabe aquele tipo de show que levanta cadáver? — e eu era quase um quando cheguei no Aeroanta.

Baixo e bateria furiosos fazem cama para as guitarras da suprema de Silvio Golfetti e Marcelo Nicastro, complexas na medida de não estragar a crueza da pancadaria. Pompeu segura os vocais e a frente do palco com nítida experiência. Só dá umas escorregadas tentando chamar do público uns "êee ô" de baiano. Inútil também é fazer uma versão pesada de "Inútil", do Ultraje, banda do produtor do disco Roger Moreira. Tudo bem como homenagem ao cara, mas soou muito sem sal.

Quando acaba o show é que se revela um novo fenômeno do metal. Os cabeludos suados desaparecem como que por encanto e a casa lota das mais cheirosas e bem torneadas menininhas. Perfeito!

CARLOS EDUARDO MIRANDA

É a vingança dos bastardos. Quando se pensa em "rock carioca", a primeira coisa que vem à cabeça é algo palhaço, do tipo Evandro no Circo Voador, Doutor Silvana na Urca, ou coisa pior. Tem? Não duvide: que tal O Espírito Da Coisa no Canecão?

Pois quando o motorista do táxi (e não há nada mais malaca que motorista de táxi no Rio) me perguntou se eu ia mesmo naquela quebrada perigosa perto da Praça Da Bandeira ("Fui lá uma vez *de dia* e achei esquisito"), comecei a desconfiar da existência de outra cidade, outro tempo. Outro rock.

Certíssimo. A tal Garage parece mais um celeiro dos cafundós do Tennessee (na verdade era uma oficina de motocicletas). Só tem cerveja vagabunda (porém gelada, fundamental naquele abafamento), vinda de uma geladeira barulhenta numa saleta coberta com cartazes do Freddy Kruegger. Chegamos no meio de uma briga — daquelas em que ninguém se machuca —, e no fim do show os falantes do PA estavam estourados pelo excesso de volume.

Ou seja, uma MARAVILHA!

Fizemos uma noitada excelente. Fora a abertura — a cargo de uma bandeca cujo nome me esqueci —, Second Come e os paulistas Pin Ups me deram a sensação de estar vendo, depois de muito, muito tempo, um show de rock de verdade. Rumoroso, escroto, rápido e rasteiro.

O Second Come, um quarteto corretamente feio e desleixado, fez um set absurdo, emendado de ponta a ponta pelo feedback da guitarra de Fábio L. Coube até uma versão surpreendente de "Justify My Love". Fábio divide os vocais com o baixista Francisco Kraus e o *guitar noise* com Fernando Kamache. O baterista novo, Kadu, segura a onda, e a banda cumpre todas as promessas das suas magníficas demos. Arrasaram.

A essa altura do campeonato, eu já estava escrevendo este texto na cabeça. E me preparando para detonar, comparativamente, os Pin Ups, que em geral são dados a viadagens indie-anglofilas. Mas não é que os caras me foderam?

Com notáveis mudanças de atitude do vocalista Luiz Gustavo (que deixou de onda) e da baixista Alê (que aprendeu a mexer a bundinha, fumar e tocar com uma mão só, tudo ao mesmo tempo), os Pin Ups começam a fazer jus à guitarra-mestra do Zé Antonio. Falta o talento para a composição que o Second Come esbanja. Mas ao vivo, definitivamente, o ruído dos Pin Ups faz sentido. *ALEX ANTUNES*

Sérgio Vegas Azul

SEU PROGRAMA JÁ ESTÁ NAS BANCAS!

ESPECIAL

CINEMA

LETRAS DE ROCK

AVENTURA E NATUREZA

A EDITORA AZUL SEMPRE TEM UMA REVISTA COM A SUA CARA.

Discos

JOVENS TARDES DE DOMINGO 25 ANOS DE JOVEM GUARDA

Volumes I, II e III

☺ ☺ ☺

Roberto Carlos
Erasmo
Wanderléia
Renato & Seus Blue Caps
e outros

(CBS/Sony) ☹ ☽

José Antonio

Erasmo Carlos, Wanderley Cardoso
Eduardo Araújo, Martinha
Wanderléa e Roberto Carlos

Diz a lenda que tudo começou com a proibiçao da transmissao ao vivo de futebol nas tardes de domingo. Para tapar o buraco, a TV Record passou a levar aos lares a "Festa De Arromba" — nome inicial do programa, inspirado no sucesso autocelebratório de Erasmo: "Vejam quem chegou de repente... Roberto Carlos em seu novo carrão..."

O Tremendão sabia do que estava falando. O chamado "iê iê iê" conquistara em dois anos a garotada brasileira com o mesmo apelo que a garotada universal, paralelamente, era seduzida pelos Beatles, pelos Beach Boys (os mais próximos, pelo lema "carros e garotas"), e pelos bailinhos de arromba da Motown.

Há algo estranho na matemática do subtítulo desta coletânea. O programa de TV, rebatizado "Jovem Guarda", estreou 27 anos atrás, em setembro de 65. Roberto e Erasmo já eram sucesso desde 63, ano de lançamento dos compactos "Parei Na Contra-Mão" e "Terror Dos Namorados" Quando uma agência de propaganda bolou o programa de TV — com merchandising e tudo, incluindo a celebre calça Calhambeque —, Roberto Carlos era Rei e sua corte, grande o bastante para Erasmo declarar, anos depois: "Um monte de gente veio reclamar de não ter sido incluída na letra de 'Festa de Arromba!' "

Os três volumes de *Jovens Tardes De Domingo* ainda não são a antologia definitiva de uma era dourada para o pop brasileiro. Faltam basicamente mais volumes, que incluíssem dos compactos de Roberto e Erasmos citados acima até esquisitices esquecidas, como "Férias Na Índia", de Newton César, e "Obrigado, Deus", de Ed Carlos. Mas... três discos de Jovem Guarda remasterizados digitalmente! Nos dias de hoje, quem pode reclamar?

A antologia cobre o auge febril de 63 a 67, e tem para todos os gostos. As deliciosas "Beatles covers" de Renato & Seus Blue Caps. Grupos vocais com sabor doo wop (os fabulosos Trio Esperança e Golden Boys). Sergio Reis com fuzzbox ("Coração De Papel"). Jerry Adriani, o presleyano exaltado ("Ninguém Poderá Julgar-Me"). Muitos riffs sublimes de uma das últimas modas inglesas: o órgao Hammond. E muita ATITUDE nos manifestos de Carlos Imperial: "O Bom", para Eduardo Araújo, e "Garota Do Roberto" para a *one hit wonder* Waldirene ("... e tenho mil razões pra ser assim, a minissaia fica bem em mim...")

A trindade Rei-Tremendão-Ternurinha leva, claro, a maior fatia. Da furia de "Quero Que Va Tudo Para o Inferno", "Querem Acabar Comigo" e "Eu Sou Terrivel" à angústia de "Esqueça", Roberto Carlos Braga honra cetro e coroa. O gênio de Erasmo brilha das originalissimas baladas semibossa "O Caderninho" e "Gatinha Manhosa" — que introdução de órgao, que percussão! — à adrenalina nitroglicerinada de "Vem Quente Que Eu Estou Fervendo". E Wandeca — as coxas que, para toda uma geração, obscureceram os joelhos de Nara Leão — supera o melodramalhão de "Pare O Casamento" com os urros, entre guitarras distorcidas, da chamada-na-chincha que é "Prova De Fogo"

É isso aí, crianças! Como dizia o poeta: "Saudade não tem idade!" Tirando alguns momentos inspirados (e *long gone*) de Lulu Santos e Guilherme Arantes, parece que o Brasil desaprendeu a fazer pop. O espirito sobrevive em Leandro & Leonardo, mas isso deixa vocês revoltadas, não?

JOSE AUGUSTO LEMOS

AVALIAÇÃO
☺ **INDISPENSÁVEL** ☺ **BOA PEDIDA** 😐 **VALE CONHECER** ☹ **NÃO FAZ FALTA** ☹ **MANTENHA DISTÂNCIA**

DISPONIVEL EM
CASSETE **COMPACT DISC**

BRUCE SPRINGSTEEN
Human Touch
Lucky Town
(CBS/Sony)

"Dias melhores estão brilhando lá adiante", garante Bruce Springsteen em meio ao refrão com melodia de hino que marca "Better Days". É a faixa de abertura de *Lucky Town*, um dos dois novos álbuns que lançou simultaneamente, e a primeira vez que grava sem a E Street Band.

Em contrapartida, numa das outras 23 faixas inéditas, "Souls Of The Departed", incluída no álbum *Human Touch*, Bruce narra amargo a tragédia real de um garoto de sete anos assassinado no pátio de sua escola em Compton, bairro barra-pesada de Los Angeles. "Quando ponho meu filho na cama, só consigo pensar 'e se tivesse sido ele?' ".

Aos 42 anos, Bruce Springsteen, o artista que relutou até *The River* (79) para gravar uma canção francamente alegre; o mesmo que usou 99% de sua vasta discografia observando a dor da condição humana, admite, pela primeira vez, que está feliz. O casamento com a vocalista Patty Scialfa e o nascimento dos dois filhos do casal provocaram em Bruce uma mudança. Pela primeira vez em sua carreira ele abriu a guarda e deixou que seu lado esperançoso e apaixonado falasse mais alto, com canções como "Human Touch", "Real World" ("Estou vivo e me sentindo bem/ Só eu e você/ E o amor que estamos trazendo para o mundo real")

Mas mesmo feliz, Springsteen permanece alerta e não se deixa capturar pela domesticidade absoluta que a vida familiar pode trazer. Na letra da gozadora "57 Channels", Bruce diz que mora "numa casa burguesa nas colinas de Hollywood" para inventar uma história sobre como destruiu seu aparelho de TV a tiros de Magnun, "em nome de Elvis".

Musicalmente, também, a receita dos dois álbuns é mais variada, embora em nenhum momento radicalmente diferente do que ele havia feito até então com a E Street Band. Ele até compôs *rockers* faiscantes — "The Long Goodbye", "All Or Nothing At All", "Roll Of The Dice" — que, apesar do cast de músicos ser outro, não diferem da E Street Band.

Mas sem os E Streeters — apenas o pianista Roy Bittan e o organista David Sancious participam dos discos —, Bruce sente-se à vontade para gravar uma canção como "With Every Wish", com violão e trumpete. *JOSÉ EMILIO RONDEAU*

nóis toma umas com os amigos". Um patético bando de barbies. A maravilhosa Ginger Lynn, minha porn-star predileta, pisa na bola emprestando dois minutos de gemidos em "Ginger Snaps".

Já o Noiseworks é hard rock "honesto", "pé no chão" (dá para notar pelos cabelos curtos dos caras) e com letras "de protesto". Chatíssimo, portanto. *A.F.*

COISA DE ACENDER
Djavan
(CBS/Sony)

As nove faixas desse novo disco do cantor e compositor alagoano confirmam o que todos já sabem. Djavan é um bom melodista que insiste em transformar suas idéias em canções pegajosas e intermináveis, com letras em excesso e de conteúdo enfadonho. Entre baladas tristes como "A Rota Do Individuo (Ferrugem)" e funkinhos convencionais ("Boa Noite"), essa *Coisa de Acender* não é nenhum petardo. Mas deve fazer alguma fumaça graças à co-produção-padrão do americano Ronnie Foster *J.Y.N.*

DAVE STEWART AND THE SPIRITUAL COWBOYS
Honest
(RCA/BMG-Ariola)

O ex-Eurythmics está obcecado com David Bowie/Lou Reed dos idos de 72 (tipo *Transformer* e *Ziggy Stardust*). O resultado é que nem cópia de fax: apagada e cheia de imperfeições. Engraçado Stewart insistir na atitude de "estar com uma banda". Afinal foi com um tecladinho barato — mais a musa Annie Lennox — que ele criou alguns singles clássicos dos anos 80 ("Sweet Dreams"). *C.R.*

DAVID BYRNE
Uh-Oh
(Luaka Bop/Warner)

Se em seus projetos solo anteriores — marcadamente o último, *Rei Momo* — Byrne fazia questão de enfatizar as diferenças, e não as semelhanças, entre a sua cabeça e os Heads, em *Uh-Oh* ele dá o primeiro passo conciliatório entre o universo de possibilidades que ele vem explorando e a estrutura rock'n'roll que, aparentemente, ele havia relegado aos seus anos com os T-Heads.

Certo, há elementos "exóticos" — metais salseros, batucados, Tom Zé espirrando —, mas, essencialmente, o que temos aqui é o velho e bom pop naif de Byrne para os Talking Heads. *A.M.B.*

DANGER DANGER
Screw It!
NOISEWORKS
Love Versus Money
(Epic/Sony)

O Danger Danger dá novo significado ao termo "baixaria" ao se posicionar sonora e ideologicamente como um sub-Warrant, naquela linha "o importante na vida é ter um exército de minas para cair de boca na gente enquanto

LITA FORD
Dangerous Curves
(Atlantic/Warner)

Tá certo que a moça é uma gostosona. Mesmo que passadinha. Mas o metalzinho baba que ela anda praticando deve dar uma vergonha danada nas antigas colegas do lendário grupo punk Runaways, de onde também saiu Joan Jett. Lita até que abre

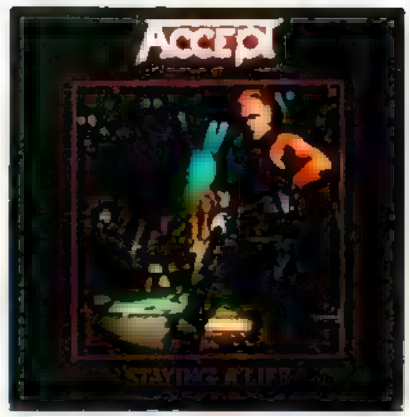
o disco com duas músicas passáveis da leva. O resto é jogo duro. Só valia mesmo se trouxesse de brinde um poster. *E O*

NANDA ROSSI
(Philips/PolyGram)

A prova de que as Patotinhas constituem uma influência musical! Confira a voz, o jeito de cantar e as melodias da mocinha aqui. A produção — com tentativas de dance — funciona... do mesmo modo burocrático que um arquivo serve para guardar pastas. Um clássico de Maxine Nightingale ("Right Back Where We Started From") vira "OK Está Tudo Bem", num processo equivalente a fazer uma esmeralda virar uma jujuba. Fábio Fonseca na produção? Tsk, tsk, mais uma reputação cremada no atual pego para capar do pop brasileiro. *C.R*

WAR BABIES
(Epic/Sony)

Disco de estréia do quinteto, que faz um hard rock burro de fazer gosto. Na cidade escura e chuvosa, ando solitário procurando minha baby etc. Bem-arranjado/gravado e tudo mais, mas a banda — como tantas outras lá e aqui — não tem nada que a diferencie da turba. Com uma chateação adicional: o cantor Brad Sinsel tem umas quedinhas para Ian Astbury ("In The Wind" até lembra "Rain"), só que sem o senso de humor. *A F*



ACCEPT
Staying A Live
(Epic/Sony)

Duplo ao vivo do veterano quinteto heavy alemão, liderado por Udo "anãozinho de jardim nazi" Dirkschneider. Gravado em Osaka, em 85. Tem todos os principais hits — "Breaker", "Screaming For A Love Bite", "Son Of A Bitch" etc. Mas, tirando a voz esquisita de Udo, o Accept nunca teve uma marca pessoal. O duplo acaba se tornando monotono, coisa que a principal influência da banda — o Judas Priest, para quem eles abriram no início da carreira — nunca foi. *A F.*

NUCLEAR VALDEZ
Dream
Another Dream
(SBK/Sony)

Não tem ninguém parecido com esses caras. Dá para imaginar rock *mainstream* bem moderno, cheio de teclados e letras sentimentais; com percussão e sotaque latinórios; mas bem bom de tocar em FM? É o próprio — e às vezes até caem para a dance music! Bon Jovi *meets* John Cougar *meets* Gipsy Kings (a moçada da banda é chicana) *meets* Julio Iglesias. Não é mau — o NV é muito bom no que faz, mesmo você considerando que eles são os únicos no estilo. *A.F*

CANDY SKINS
The Space I'm In
(Geffen/BMG-Ariola)

As músicas deste LP definem direitinho o espaço que o Candy Skins ocupa: nenhum. O ônibus do revival psicodélico esta lotado de bandas pop inglesas perdidas entre wah-wahs e batidas caracteristicas. Em meio a guitarras limpinhas ("Never Will Forget You"), chupando Echo & The Bunnymen ("Submarine Son") ou na interessante cover de Stephen Stills ("For What It's Worth"), eles mostram certo punch. Mesmo assim, não deixam de parecer replicação vinda de Manchester. E sem serem de lá. *J J E S*

THE CLASH
The Singles
(Epic/Sony)

Esta coletânea é o meio mais econômico e acertado de se levar o supra-sumo do Clash. Afinal, a caixa *Clash On Broadway* só é em conta para quem costuma comprar CDs de Harry Connick Jr., e a compilação *The Story Of The Clash* tem omissões imperdoáveis.

O disco traz todos os compactos do grupo até "Should I Stay Or Should I Go" (82). É a maneira perfeita de recapitular a carreira de uma banda como o Clash, que saiu do punk/new wave, a última vez que o rock vestiu a camisa do pop (o single como expressão definitiva da música e bandas que não se importavam se sua carreira não durasse até o primeiro álbum). Foi também a última vez que o rock em massa disse algo de relevante — hoje isso só acontece em casos isolados.

O irônico é que, embora o Clash tenha sido um dos representantes mais fervorosos dessa classe, foi um dos poucos a consolidar uma carreira. A culpa deve ser de Joe Strummer: um rapaz que achava que sempre ia ter muito a dizer sobre e para o mundo.

O contrapeso era Mick Jones, louco de pedra que determinou a incursão da banda por muitos outros gêneros. Mick sabia que mensagens eram importantes, mas, se não der para viajar com a música, nada feito. Graças a essa atitude aberta, o Clash escapou da "dinossaurização" e auto-imitação. Por isso, "The Call Up" (81) soa tão inquieto e arrojado quanto o primeiro single, "White Riot" (77).

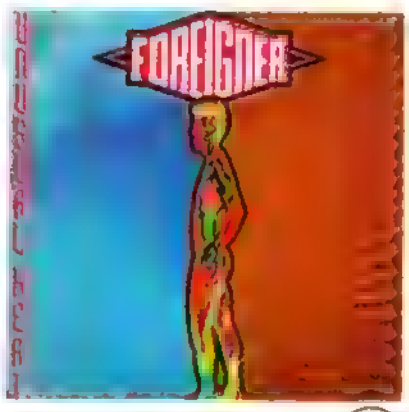
É uma coleção e tanto, mesmo com algumas pisadas. Mas para cada "Should I Stay..." (sub-Stones travado) existem várias "London Calling" (um dos melhores climas de final-dos-tempos já gravados).

O Clash na sua época era mais uma grande banda duma excelente safra. Hoje, três ou quatro grupos com a mesma atitude e qualidade ajudariam a tirar o rock do tédio, do barulho e da postura "viseira de cavalo" em que se encontra.

CAMILO ROCHA

MARKY MARK AND THE FUNKY BUNCH
Music For The People
(Atlantic/Warner)

O rapaz aqui é bem melhor que Vanilla Ice e não finge que é do gueto. "Good Vibrations" é um bom single e ele tem músicas razoáveis, como "I Need Money" e "On The House Tip". O que entedia é que o álbum abusa de samples, conceitos e soluções já bem sambados na dance e no rap ("Uh! Yeah!", "Âáâiyeee", "Such A Good Vibration!"). Por mais que se esforce na seriedade e cara feia, Marky Mark só será reconhecido como rapper autêntico por meninas adolescentes. Ainda assim resta a dúvida: estarão comprando o disco pela mensagem e *groove* ou "só se interessam pelo seu corpo"? *C.R*



FOREIGNER
Unusual Heat
(Atlantic/Warner)

Fico imaginando que tipo de gente é capaz de dispender uns cruzeiros para comprar um disco tão babaca quanto este. Esses caras já deviam ter requisitado a aposentadoria há muito tempo atrás. O pior é que em vez de pendurar as chuteiras os sujeitos não se deixaram abater com a saída do antigo cantor, Lou Gramm (hoje no Shadaw King), e descolaram um novo testa-de-ferro — Johnny Edwards. *E.O.*

THE LAST CONCERT TOUR
Marvin Gaye
(Giant/Warner)

Vamos ser claros: este disco vale por "Sexual Healing". Para quem tinha fobia de palco e só caia na estrada em caso de extrema necessidade financeira, Marvin Gaye não sofre de escassez de gravações ao vivo. A melhor ainda é *Live!*, de 74, mas vale conferir *Live At The London Palladium* (77) ou, então, o video *Greatest Hits Live*. Esta gravação amadora em dois canais é de sua última turnê. Seu biógrafo, David Ritz, a descreve como uma triste autoparódia, movida a montanhas de cocaína: "Não sei por quanto tempo ainda estarei fazendo isso, talvez seja a última vez que me vêem no palco", é sua despedida à platéia. Um pouco de perda para compensar a magia, como diz o velho Lou. Mas este *souvenir* é só para quem já tem em casa toda a discografia do Grande Gaye. *J.A.L.*

FRENÉTICAS
As Mais Gostosas Das Frenéticas
(Warner)

Foi uma boa idéia recuperar essa turma no presente revival dos anos 70. Este álbum compila seus hits mais duas inéditas. Bem lá em cima está o monumento *disco* "Dancin' Days" Um pouco abaixo, ("O Preto Que Satisfaz", "Perigosa") e no nível do solo, muito pastiche infame ("Crisi Darling"). As novas são inomináveis: "Le Fudez Vouz" já diz tudo no título e "Perigosas Peruas" é tão indecente quanto Silvia Pfeiffer atuando. *C.R*

CLIVILLES AND COLE
Greatest Remixes Vol 1
(Columbia/Sony)

Não sei se eu sou a única pessoa a ficar diariamente maravilhada com as ironias da história. Que, por exemplo, a discoteca — tida e havida como a pior praga a assolar o universo pop desde a invenção de crianças-prodígio — seja, hoje, com outros nomes e menos purpurina, uma das mais importantes forças motrizes de cena que, em tese, ela deveria ter destruído há coisa de uns treze, quatorze anos.

Porque, a não ser que se seja inteiramente surdo ou desmemoriado, por qual outro nome deveria ser identificada a batida monolítica, contagiante, salpicada de brilhos e efeitos e cascatas de cordas sampleadas que faz a glória da house? E, entre muitos outros, a fama e a fortuna de David Cole e Robert Clivilles, mais conhecidos como C+C Music Factory?

A diferença, típica do vale-tudo fim-de-século, é que, onde a disco padrão tinha o tchac-tchac-bum insistente da apressada produção em massa, a pop house high tech de Cole e Clivilles tem o rico bordado tecno-artesanal da mistureba contemporânea, engrossada pela geléia geral, real, da tecnologia de ponta. Ouvir o dance gospel que a dupla teceu em "A Deeper Love" é se perguntar, entre outras coisas, como ninguém conseguiu explorar antes com este vigor essa óbvia conexão — nem Hammer e Michael Jackson, que andam muito religiosos e muito chatos ultimamente.

Mas existe a ponte entre pop, disco e hip hop de "Two To Make It Right" (do Seduction), uma recriação de uma canção de Chaka Kahn de 80 ("Clouds"), a luxuosa "Let The Beat Hit 'Em", de Lisa Lisa And The Cult Jam,ou ainda a faixa-estrela de *Greatest Remixes*, a superirônica "Pride", do U2, cuja pompa e circunstância aparecem deliciosamente superdimensionadas pelo gênio remixador de Cole e Clivilles. Imagino os gritos de "profanação" e "blasfêmia" que a insolência high tech de C+C vai provocar. Mas não é de revisões, profanações e blasfêmias que se faz o balanço irônico da história do pop? *ANA MARIA BAHIANA*

LUTHER VANDROSS
The Power Of Love
(Epic/Sony)

Ah, o amor... Tema mais batido que bolinho de arroz no ano-novo japonês, mas continuará na boca e no coração das pessoas *ad eternum* Vandross, que faz parte da turma Competência 10, Originalidade 0, faz seu oitavo LP idêntico ao motivo que trata: mainstream total, mas ain-

da assim atraente. O problema é a tecnologia. Se tivesse optado por um soul mais acústico, até "Don't Wanna Be A Foll", a mais fraquinha, teria ficado ótima. *J.J.E.S.*

GARCIA & GARCIA
Mr. Fire
(Blade)

COMANDO NEGRI
(CBS/Sony)

Sabe lá o que dá na cabeça dos executivos das gravadoras de lançarem uma tranqueira como esse Comando. E com tanta banda boa perdida por aí... A cantora Vera Negri é um aborto de Janis Joplin. Liber Gadelha, o produtor, já quase assassinou o disco do Cassiano. Tem solos de sax daqueles. Para compensar as guitarras são decentes. Será que compensa?

Já o Garcia & Garcia, que podia ser muito legal, se afunda com uns teclados entre Rick Wakeman e Keith Emerson. Aaaaaaaaaargh! As guitarras são nota dez. As músicas, na sua maioria, são metal tradicional de dar gosto. *E.O.*

CAPA
EM
PRODUÇÃO

MOLEQUE DE RUA
(CBS/Sony)

O aguardado disco de estréia da rapaziada de Vila Santa Catarina é uma das boas surpresas de 92. Mas decepciona um pouco a quem já presenciou a paulada que é este grupo da periferia paulista "batendo lata" ao vivo.

A produção — assinada pelo Titã Charles Gavin — optou por arredondar os timbres ásperos da cozinha do Moleque. Assim, o peso metálico da percussão, um dos principais trunfos do grupo, foi colocado num contexto que beira o convencional. Isso deixou as músicas mais "radiofônicas" (mesmo sem descaracterizá-las), mas arrefeceu um bocado da energia bruta do Moleque.

O mérito maior, porém — o pique malandro e bem-humorado dos caras —, resistiu incólume até o final. Faixas como "Rap Do Moleque", a já conhecida "Herodes" e "Fim De Feira" gingam entre a irreverência e o escárnio.

E letras como a de "O Sósia" ("O guarda era sósia do ladrão/Esse ladrão matou o guarda... Bem depressa, se ligou que ser meganha era tão divertido/É que atrás da farda, ele não deixou de ser bandido") ou a de "Assaltar Papai Noel" ("É noite de natal e eu fico olhando o céu/Esperando a hora de assaltar Papai Noel") só comprovam o refrão de "Ensaio Geral": "O Moleque chegou e cantou!" *C.P.*

CHIC
Chic-Ism
(Warner)

Está na hora de alguém botar isso no papel: o período *disco*, ao lado do auge Stax/Motown/Atlantic nos anos 60, foi a fase mais rica — no sentido de clássicos brilhantes saindo pelo ladrão — da história do pop. "Boogie Oogie Oogie", "Disco Inferno", "Ain't No Stoppin' Us Now", "Rock Your Baby", "Shame", "Last Dance", "Young Hearts Run Free", "You Make Me Feel"... eu poderia ficar até amanhã.

E ali, bem no topo dessa magnífica conjuntura, reinava o Chic, uma nave-mãe de grooves massivos. Em 83, o grupo acabou e seus cérebros (o guitarrista Nile Rodgers e o baixista Bernard Edwards) passaram a emprestar seus talentos a quase todo mundo que importou no pop/rock dos anos 80.

Mas agora eles estão de volta com um disco comparável à sua fantástica trilogia dos 70, *Chic, C'est Chic* e *Risqué*. Peças raras, em que uma aula de música pop divide espaço com uma lição de ritmo, é auxiliada por um banho de virtuosismo instrumental e de quebra esbanja cinismo fino e sutil.

Chic-Ism atualiza com sucesso a elegante fórmula Chic. O grupo conseguiu assim o improvável: um comeback no ultra-acelerado mundo da dance music que não soa datado e mantém ao mesmo tempo toda a personalidade original.

O single "Chic Mystique" (desde já, uma das músicas do ano) é o exemplo perfeito da genialidade Chic. É o tipo da música que *constrói:* cada parte que entra entusiasma mais que a anterior. A batida diabólica massacra, Nile entra tirando faísca das cordas, os violinos gritam, o baixo entra bombando e o refrão fulmina.

"Your Love" e "Chic-ism" são da mesma escola de deixar ouvidos atônitos. Espalhados pelo disco, há funks com andamento mais devagar, algumas faixas com rap e duas baladas. Baladas? Claro, para quem não sabia o Chic também sempre foi ótimo nas músicas lentas (como "My Forbidden Lover").

Pode esfregar bem os olhos e se beliscar, o Chic está de volta... tinindo!!!

CAMILO ROCHA

LOVE/HATE
Wasted In America
(Columbia/Sony)

Dá para imaginar um gênero mais execrável que o metal farofa da Califórnia? O pior é que a droga vende. O Love/Hate é uma das novas estrelas do meio — abriu os shows de Ozzy nos EUA — e faz jus ao status: cabelão bem tratado, gritaria naquele timbre de Bruxa Má, instrumentos que parece que foram tocados com luvas cirúrgicas e riffs tão clichezados que teria sido mais fácil samplear as fontes. (Ver também Danger Danger). *C.R.*

EUROPE
Prisoners Of Paradise
(Epic/Sony)

O Europe é tão chavão, tão chavão, que sugere uma paródia — mesmo caso do Roxette e de quase todas as bandas escandinavas, por alguma razão. Hard rock feito por controle remoto: permanentes oxigenadas, vocalista musculoso com cara de moça (chamado Joey Tempest, "joãozinho tempestade", quá, quá, quá), tecladeira épica, baladas derramadas. Tudo parece tirado de algum "Manual Para Grupos De Rock Que Querem Tocar Em FM". *A.F.*

uma década de LOU

Between Thought And Expression: The Lou Reed Anthology é uma caixa tripla lançada nos EUA. Ela abrange os dez primeiros anos da carreira do ex-Velvet, período em que esteve ligado à RCA e ao selo associado, Arista.

São 45 canções, que vão desde o primeiro disco solo (*Lou Reed*, de 72) até *Blue Mask* (82), passando por álbuns clássicos (*Transformer*, *Berlin*), pela zoeira de *Metal Music Machine* e muito material ao vivo. O próprio Reed colaborou ativamente na escolha do repertório e na remasterização do pacote, que contou com a co-produção e com um longo texto histórico do especialista Rob Bowman — nomeado para o Grammy por suas *liner notes* para a caixa de nove CDs da Stax/Volt, editada em 91.

A atração especial da antologia de Lou fica por conta das faixas inéditas. São duas *early versions* do álbum *Street Hassle* — "Downtown Dirt" e "Leave Me Alone", feitas três anos antes, durante as gravações de *Coney Island Baby* — e um *outtake* do disco *Growing Up In Public* ("America"). Tem também duas gravações ao vivo: "Here Comes The Bride" (78) e uma performance de "Heroin" realizada para uma rádio de Los Angeles em 76, com a presença de Don Cherry no trompete.

Para completar a volta no *wild side*, só mesmo o livro homônimo lançado um pouco antes desta caixa, compilando letras e textos de Reed.

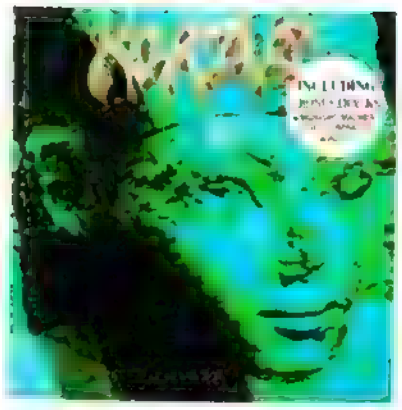
CELSO PUCCI.

O OUTRO LADO DA *WAVE*

O **THIS HEAT** foi provavelmente o único grupo de vanguarda a emergir da new wave inglesa sem influências do Cabaret Voltaire. Contemporâneo dos primeiros experimentos dos Cabs (bem chatinhos, aliás), o trio de multiinstrumentistas Charles Hayard, Charles Bullen e Gareth Williams apareceu em seu LP de estréia, em 79, com um trabalho já maduro, violentamente minimalista. Uma espécie de *art punk*.

Deceit (83), o segundo disco, deriva mais para o canto e a melodia. Sem abrir mão, no entanto, de uma total aversão a qualquer clichê musical. Hayward, baterista expoente da escola *free*-energetica de Wyatt e Cutler, seguiria depois com o Camberwell Now e solo. Relançados em CD, *This Heat* e *Deceit* são distribuídos pela ReR Brasil, Cx. Postal 108435, São Gonçalo — RJ, tel fax 021-712-3714, que também remete catálogo gratuito.

A.A.



A GENTE SOMOS DIGITAL

O valente Chicão, da Devil Discos, bancou a reedição em CD de um dos melhores LPs do metal nacional no ano passado. É **Mass Illusion**, do **KORZUS**, incluindo duas *bonus tracks*.

Uma delas, "Inútil", em português, é mal-gravada e soa apenas como brincadeira de estúdio com o produtor Roger, do Ultraje. Mas "Midnight Madness/The Illuminated", puxada pelas guitarras de Marcelo Nicastro e Silvio Golfetti, não fica devendo nada para o *thrash* poderoso do grupo. *R.M.*

CRESCENDO O CHIFRE

O selo californiano Rhino, especializado em relançamentos de raridades de blues, rock'n'roll e soul, fechou no mês passado um acordo de distribuição internacional com o conglomerado Warner Elektra Atlantic. Além de ampliar imensamente seu raio de ação, a gravadora de Santa Monica passa a ter acesso a uma importante parte do acervo da Atlantic, inédito em CD, que inclui o catalogo da Stax Volt. Da primeira lista de lançamentos constam duas compilações duplas (**WILSON PICKETT** e **SOLOMON BURKE**) e duas simples (**CLARENCE CARTER** e **PERCY SLEDGE**). Mas já estão previstos para breve discos de **WILSON PICKETT**, **BOOKER T. AND THE MG'S**, **CARLA THOMAS** e **THE BARKAYS**, além de coletâneas duplas com **THE RASCALS**, **J.GEILS BAND** e dois álbuns do **MC5** (**Back In The USA** e **High Time**). *C.P.*

A ESTRELA SOBE

Quando Alex Chilton — ex-líder dos Box Tops, aqueles do hit "The Letter" — juntou-se ao parceiro Chris Bell em 71 para formar o **BIG STAR**, nem imaginava que a efêmera trajetória do grupo pudesse exercer tamanho impacto na cena musical. O motivo? Um rock básico com inflexões de soul (cortesia maior dos vocais de Chilton), teimando em nadar contra a maré de excessos e virtuosismos que assolava o rock da época

Com isso, o quarteto de Memphis angariou um séquito fiel de cultuadores, que vão dos Cramps (cujos dois primeiros discos foram produzidos por Chilton) ao R.E.M. (Peter Buck é fã declarado do BS).

Esta seleta claque é que deve aplaudir o lançamento de **Third Sister Lovers**, **Big Star Live** e do álbum-solo de **CHRIS BELL**, **I Am The Cosmos**.

O terceiro disco do BS só veio a ser editado em 78, três anos depois do fim do grupo. Como o par de álbuns que o antecedeu — *#1 Record* (72) e *Radio City* (74) —, ele atesta a excelência da banda e especialmente da performance de Chilton, aqui num de seus momentos mais inspirados. De quebra, a edição traz ainda duas faixas-bônus.

O disco ao vivo é outra raridade, com nove versões inéditas do grupo gravadas em 74, já sem a presença de Chris Bell. Ele morreria quatro anos depois, num acidente automobilístico. Mas uma bela parte da herança musical que legou se preserva em seu disco-solo. Um belo trabalho, ainda que sem o brilho perene da "grande estrela". *C.P.*

CD: A REVANCHE

VALE QUANTO PESA: Já disseminadas no Japão, as edições especiais em CD que usam ouro no lugar do tradicional alumínio começam a aparecer nos EUA. Junto à propalada superioridade sonora em relação ao CD convencional, existe a vantagem de o ouro não se oxidar, o que torna sua vida útil virtualmente infinita. Único senão: os salgados 25 dólares por unidade

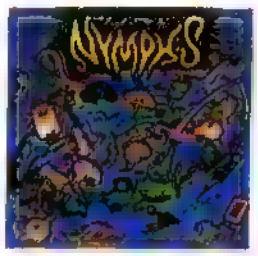
QUESTÃO DE LEITURA: A velha briga entre o CD e o LP já vai para dez anos, com os defensores deste último sempre defendendo que o vinil traz "o som real", que o CD "não tem graves" etc. Esta questão pode não ser problema do disquinho e vai encontrando resolução com o desenvolvimento de novas tecnologias de leitura. Uma delas é a do conversor digital: um artefato que adaptado ao *CD player* funciona como um pré amplificador nos sistemas analógicos convencionais. Assim, não só a leitura do disco como a própria transformação do código de *bits* em ondas analógicas são feitas completamente de forma digital. O que, segundo os usuários até aumenta as "vantagens" imputadas anteriormente ao vinil

UM, DOIS, TRÊS... GRAVANDO: Que tal você mesmo gravar seu próprio CD? Sim, a tecnologia de gravação em discos digitais está chegando ao nível doméstico, com os aparelhos se popularizando pelo lançamento de novos modelos com preços mais acessíveis. Por enquanto, não a ponto de alcançar o audiófilo comum, mas o CD-R (Compact Disc-Recorder) já começa a rivalizar com o DAT (Digital Audio Tape) na preferência dos pequenos estúdios do Primeiro Mundo. Apesar do receio comercial das grandes companhias — afinal, qualquer CD copiado pelo CD-R num disco virgem é exatamente igual ao original — e da concorrência de novos protótipos como DCC (Digital Compact Cassette) e o MD (Mini-Disc), parece que esta ideia vai pegar. *C.P.*

BOLSA DE DISCOS

DISCO DO MÊS: **LOU REED Magic And Loss** (Sire/Warner)

Seria a morte um bom tema para um álbum? **Magic And Loss** provou que, nas mãos certas, até um assunto sinistro como esse pode render ótimas canções. Situado em algum ponto entre *New York* (89) e *Songs For Drella* (a homenagem a Andy Warhol em parceria com John Cale, de 90), o disco une a crueza do rock'n'roll a versos emocionados e emocionantes. Resultado: a disparada média de 9,17, com a maluquete Inger Lorrie e seus capangas, lado a lado a *Bandwagonesque*, do Teenage Fanclub, no segundo lugar.

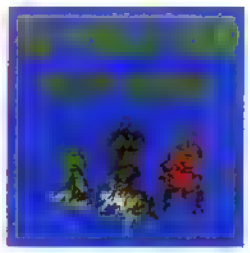


THE NYMPHS
(Epic/Sony)

TEENAGE FANCLUB
Bandwagonesque
(Creation/BMG-Ariola)

INFECTIOUS GROOVES
The Plague That Makes...
(Epic/Sony)

JOHN MELLENCAMP
Whenever We Wanted
(Mercury/PolyGram)



THE WAILERS
Majestic Warriors
(A&M/Po yGram)

[illegible] BARCINSKI	8	5	7	2	3	0
[illegible] FORASTIERI	10	8	8	6	4	4
ARTHUR [illegible] COUTO DUARTE	10	8	–	6	8	6
[illegible]	10	8	6	5	6	5
[illegible]	10	8	6	8	3	2
FABIO MASSARI	8	8	7	7	6	–
FERNANDO LUPAN	9	6	6	5	7	4
[illegible]	10	6	10	8	7	6
LUIZ HENRIQUE ROMANHOLI	8	7	6	8	5	6
MAURO BETING	10	8	8	7	6	7
ROBERTO MAIA	9	8	9	8	5	7
[illegible]	8	–	7	7	4	6

CLASSIFICAÇÃO GERAL

ARTISTA/DISCO	MÉDIA
1 LOU REED	
Magic And Loss (Sire/ Warner)	9,17
2 THE NYMPHS (Epic/Sony)	
TEENAGE FANCLUB	
Bandwagonesque (Creation/BMG-Ariola)	7,27
4 INFECTIOUS GROOVES	
The Plague That Makes Your Body Move... It's Infectious Grooves (Epic/Sony)	6,42
5 JOHN MELLENCAMP	
Whenever We Wanted (Mercury/PolyGram)	5,33
6 THE WAILERS	
Majestic Warriors (A&M/PolyGram)	4,82
7 THE MIST	
The Hangman Tree (Cogumelo)	4,20
8 ENYA	
Shepperd Moons (Warner)	4,08
9 BG THE PRINCE OF RAP	
The Power Of Rhythm (Epic/Sony)	
SARCOFAGO	
The Laws Of Scrouge (Cogumelo)	4,00
11 VÁRIOS	
Raul Seixas: "O Início, O Fim E O Meio" (Epic/Sony)	3,45
12 BARRY WHITE	
Put Me In Your Mix (A&M/PolyGram)	3,33

Quem acha que o R.E.M. é a primeira e única coisa genial a sair do Sudeste americano precisa rever seus conceitos e lembrar que junto ou antes deles saíram da mesma região outros desbravadores. Como o Big Star — banda anglófila nascida em Memphis nos anos 70 — e **CHRIS STAMEY**, guitarrista e vocalista da Carolina do Sul e um talentosíssimo artesão pop.

Esse **Fireworks** reúne Stamey com seus antigos companheiros do seminal dB's — o multiinstrumentista Peter Holsapple — e de Golden Palominos (Anton Fier) —, mais os compatriotas celebres Mitch Easter e Peter Buck (guitarrista do R.E.M.)

JOSE EMILIO RONDEAU

Toda a violência e complexidade que o **SOUNDGARDEN** tinha alinhavado no seu disco de estréia, *Louder Than Love*, ainda pela independente Sub Pop, se concretizam plenamente em **Badmotorfinger**. Já contratados por uma gravadora grande, a A&M Records, mostraram que não são meros filhotes de Black Sabbath. São, isto sim, legítimos herdeiros do que de melhor se fez no metal nos anos 70. Até mesmo influências do Grand Funk, que eram quase execrados na época, são depuradas com maestria por essa moçada de Seattle. Se seu negócio é peso com consistência e você já está de saco cheio de tantas promessas fajutas de revivalismos setentistas como The Cult, Alice In Chains e outros tantos, experimente Soundgarden de olhos fechados e ouvidos atentos. E torça para que a PolyGram (distribuidora deles no Brasil) se digne a lançá-los por aqui

CARLOS EDUARDO MIRANDA

Uma sauna psicodélica com o que há de melhor nos subterrâneos ácidos do planeta. É esta a idéia da compilação **A Psychedelic Psauna (In Four Parts)**, feita pelo selo Delirium, que estampou o capricho sonoro do pessoal do fanzine inglês Freakbeat. Assim, reuniu num álbum duplo os nomes mais cobiçados de uma cena colorida, doidona e que não pára de gerar anomalias

Destaques: o mantra rasgado do **SUN DIAL**, que abre a festa com a sugestiva "Mind Train Jam", além dos freaks australianos do **TYRNAROUND** e da loucura sarcástica do **DIMENTIA**.

FABIO MASSARI

Que tal uma coletânea só de guitarras de noise bands? **Guitarrorists** (Caroline Records) traz 26 dos mais variados guitarristas do planeta.

Desde o alienígena cyberpunk **HELIOS CREED** (ex-Chrome) ou o famigerado **STEVE ALBINI** (Rapeman Big Black) até **SONIC BOON** (Spaceman 3) e **PAUL LEARY** (Butthole Surfers). Exemplos de guitarras arrasadoras podem ser conferidos nos solos de **THURSTON MOORE**, **KIM GORDON** e **LEE RANALDO**, todos do Sonic Youth

Outra presença marcante é a de **KAT BJLLEND**, do Babies In Toyland, fazendo uma balada acústica, insólita e cáustica. Mas o melhor solo é o de **RICK McCOLLUM**, dos Afghan Wigs: "Spider Plum".

LEANDRO FORTINO

House Of Boris, o novo EP do **WRECK**, é o antídoto perfeito para a invasão funk-metal galinácea que ora nos aporrinha. Curto e grosso (seis faixas, vinte minutos), ridiculamente aspero e sem gracinhas (cortesia do produtor Steve Albini), é branco até o talo. O trio de Chicago é tão azedo que consegue enquadrar "Atomic Dog", tornando irreconhecível a faixa do sacolejante George Clinton. E aí, *Al-Jolsons* do metal, vamos dar um tempo?

ALEX ANTUNES

Os ingleses do **THEE HYPNOTICS** sempre foram chamados de clones dos Stooges, aliás com muita razão. *Liver Than God* e *Come Down Heavy*, seus LPs anteriores, viviam sob a sombra da máquina de esporro de Iggy Pop. Não que isto seja ruim, afinal uma cópia malfeita dos Stooges é melhor do que uma réplica perfeita do Cult. Mas a coisa não tinha nenhuma originalidade. Agora, em **Soul Glitter And Sin** (Beggar's Banquet), os caras finalmente conseguiram se libertar um pouco dessa síndrome e fizeram um som bem mais pessoal Nem mesmo o uso de sopros e outros instrumentos não necessariamente ligados ao rock tirou o peso das músicas. Até o saxofone, instrumento que deveria ser banido da face da Terra, ficou bem em "Shakedown". Thee Hypnotics continuam sendo um bom som pra festa: barulhento, cheio de guitarras e com um pé na garagem Compre.

ANDRE BARCINSKI

VÍDEOS

ELVIS PRESLEY
The Echo Will Never Die
Direção: Casey Kasem. 1991. (50 min., hi-fi stereo, SMV)

Documentário apaixonado mas pobrezinho sobre Elvis. Inclui cenas de arquivo do cantor (como uma coletiva em que ele diz que fez questão de ser tratado como qualquer soldado no Exército) e depoimentos de Sammy Davis Jr., Ursula Andress, Tom Jones, amigos da família Presley em Memphis e do brilhante crítico Dave Marsh. O problema é que não contém quase nada de música de Elvis Presley, e o texto do narrador principal (Casey Kasem, veterano apresentador do programa *Top 40*) é uma aula de clichês e sentimentalismo, embora em certos momentos consiga um certo distanciamento crítico. Bem, nada que um *Globo Repórter* não consiga fazer. C.R.

JOHN LENNON
Live in New York City
Direção: Carol Dysinger e Steve Gobhardt. 1972-85(55min., hi-fi stereo, PMI)

Yoko abriu-lhe os olhos, mas tapou-lhe os ouvidos. A Plastic Ono Elephant's Memory Band, incluindo duas baterias e dois baixos, faz um som anos-luz à frente dos Beatles, em peso e ataque.

Vestidos como guerrilheiros, operários ou Jesus Cristo, eles detonam "Power To The People", "Instant Karma!", "Mother", "Imagine", "Cold Turkey" e "Hound Dog" com energia, rebatendo tudo com a leitura de um discurso... de Hitler! Platéia atônita.

O diabo é quando a mulher abre a boca para cantar. Fica lá especada no meio do palco, rangendo como um mastro na tempestade... Não deve ser à toa que é o último show dos dois juntos. A.A.

THE DOORS
Direção: Oliver Stone. 1991. Com Val Kilmer e Meg Ryan (LK-Tel Video)

Bela — ainda que maneirista e muitas vezes burra — introdução ao mito de Morrison. A câmera alucinatória de Robert Richardson, a montagem bebum de David Brenner, a delícia cremosa Meg Ryan, a música magnífica e o clima geral de putaria qualificam *The Doors* como um dos melhores filmes de rock desde sempre. A.F.

BEE GEES
One For All Tour
Direção: Adrian Woods & Peter Demetris. 1989. (112 min., hi-fi stereo, SMV)

Os irmãos Gibb da forma mais caidaça possível, num show gravado na Austrália, em 89. Numa apresentação precisa, mas gelada, eles interpretam com arranjos sem sal dos seus melhores clássicos até as baboseiras que fizeram nos anos 80. Se resolver encarar, atenção para o falso final no meio da fita, com créditos e tudo. Passando isso, o show recomeça. C.R.

PET SHOP BOYS Videography
Direção: vários. 1991. (Hi-fi stereo. PMI)

Se já é um prazer único reviver os hits dos PSB, fazer isso através dos clips é melhor ainda. Apesar de a dupla não ter nada a oferecer na tela (não sorriem, não dançam, não se mexem), eles não costumam medir limites nas suas viagens do camp ao surreal. Da angústia sem perspectivas de "Suburbia", passando pela estética Vegas de "What Have I Done To Deserve This?" até o *chiquismo* P&B de "Being Boring" (dirigido pelo fotógrafo Bruce Weber), é para ver muitas e muitas vezes. C.R.

IMPORTADOS

MADNESS *Divine Madness* (Inglaterra, 1979-1991, Virgin Vision) Boa música e clipes engraçados de uma das grandes bandas pop da decada passada. Histórico • **RED HOT CHILLI PEPPERS** *Funky Monks* (EUA, 1991, Warners) Cenas da gravação de *BloodSugarSexMagik* e da intimidade do Peppers • **CREAM** *Strange Brew* (Inglaterra, 1991, A-Vision) Inclui trechos de apresentações ao vivo, o "clip" de "I Feel Free" e entrevistas recentes com membros do grupo. C.R.

OUTROS LANÇAMENTOS

Tinha muita coisa prometida para o mês de abril e tem muito para maio. Se as promessas forem cumpridas, as lojas já devem ter recebido vídeos ao vivo de **Sinéad O'Connor, Eurythmics** e **Bon Jovi** (*The Year Of The Horse, Live 1987* e *Access All Areas*, todos PolyGram), mais coletâneas de clips de **Roxette, Hammer** (*The Videos* e *Please Don't Hurt'Em*, EMI/PMI), **Tears For Fears** (*Tears Roll Down*, PolyGram), **Living Colour** (*Time Tunnel*, Sony) e **Eurythmics** de novo (*Greatest Hits* BMG). Investindo no mercado trintão (que também é gente!), a Sony deve lançar ainda neste primeiro semestre vídeos de clássicos como Ten Years After, Status Quo, Black Sabbath, Deep Purple e o *Magical Mistery Tour* dos Beatles. A.F.

PARADA

LEITORES

1 (4) *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora* **Titas** Warner
2 (6) *Metallica* PolyGram
3 (10) *Achtung Baby* **U2** Warner
4 (14) *Blood Sugar Sex Magik* **Red Hot Chili Peppers** Warner
5 (1) *V* **Legião Urbana** EMI-Odeon
6 (15) *Nevermind* **Nirvana** BMG-Ariola
7 (11) *Varias Variaveis* **Engenheiros Do Hawaii** BMG-Ariola
8 (R) *Arise* **Sepultura** Eldorado
9 (N) *Greatest Hits II* **Queen** EMI-Odeon
10 (N) *Dangerous* **Michael Jackson** Sony
11 (N) *Marina Lima* **Marina** PolyGram
12 (3) *Use Your Illusion II* **Guns N'Roses** BMG-Ariola
13 (9) *Pornograffitti* **Extreme** PolyGram
14 (N) *Spellbound* **Paula Abdul** EMI-Odeon
15 (13) *The Best Of R.E.M.* **R.E.M.** EMI-Odeon
16 (N) *Descivilização* **Biquini Cavadao** PolyGram
17 (R) *The Immaculate Collection* **Madonna** Warner
18 (R) *Goo* **Sonic Youth** Warner
19 (R) *Tudo E Permitido* **Kid Abelha**
20 (R) *Appetite For Destruction* **Guns N'Roses** BMG-Ariola

LOJAS

1 (1) *Nevermind* **Nirvana** BMG-Ariola
2 (3) *Blood Sugar Sex Magik* **Red Hot Chili Peppers** Warner
3 (2) *Metallica* PolyGram
4 (N) *Ten* **Pearl Jam** Sony
5 (14) *Face Lift* **Alice In Chains** Sony
6 (5) *Achtung Baby* **U2** Warner
7 (10) *No More Tears* **Ozzy Osbourne** Sony
8 (11) *Shepherd Moons* **Enya** Warner
9 (6) *Pornograffitti* **Extreme** PolyGram
10 (4) *Slave To The Grind* **Skid Row** Warner
11 (R) *Greatest Hits I* **Queen** EMI-Odeon
12 (N) *Prove You Wrong* **Prong** Sony
13 (19) *Parabolicamara* **Gilberto Gil** Warner
14 (N) *Stars* **Simply Red** Warner
15 (R) *Diamonds And Pearls* **Prince** Warner
16 (N) *Real Love* **Lisa Stansfield** BMG-Ariola
17 (N) *Apocalypse 91...* **Public Enemy** Sony
18 (N) *Real Life* **Simple Minds** EMI-Odeon
19 (N) *Thelma & Louise* **Trilha Sonora** Warner
20 (8) *Discography: The Singles Collection* **Pet Shop Boys** EMI-Odeon

Titãs

Leitor, Sua participação e importante! Escreva para ' BIZZ — *Parada Dos Leitores*' , Av Nações Unidas, 5777 CEP 05479, São Paulo, SP dizendo quais os discos que você comprou este mes Se possivel acrescente seu telefone para que voltemos a consulta-lo quando necessario

EUA

LPs

1 *Wayne's World* **Trilha Sonora** Reprise
2 *Ropin' The Wind* **Garth Brooks** Liberty
3 *Nevermind* **Nirvana** DGC
4 *As Ugly As They Want To Be* **Ugly Kid Joe** Mercury
5 *No Fences* **Garth Brooks** Liberty
6 *Metallica* Elektra
7 *Achtung Baby* **U2** Island
8 *Funky Divas* **En Vogue** Atco
9 *Classic Queen* **Queen** Hollywood
10 *Time, Love And Tenderness* **Michael Bolton** Columbia

Compactos

1 "Save The Best For Last" **Vanessa Williams** Mercury
2 "Tears In Heaven" **Eric Clapton** Reprise
3 "Masterpiece" **Atlantic Starr** Reprise
4 "Remember The Time" **Michael Jackson** Epic
5 "Make It Happen" **Mariah Carey** Columbia
6 "Breakin' My Heart" **Mint Condition** Perspective
7 "I Can't Dance" **Genesis** Atlantic
8 "I'm Too Sexy" **Right Said Fred** Charisma
9 "Ain't 2 Proud 2 Beg" **TLC** Laface
10 "Bohemian Rhapsody" **Queen** Hollywood

LPs College

1 *Spooky* **Lush** 4AD
2 *Magic And Loss* **Lou Reed** Warner Bros
3 *Somewhere Between Heaven And Hell* **Social Distortion** Epic
4 *Stick Around For Joy* **Sugarcubes** Elektra
5 *Achtung Baby* **U2** Island

GB

LPs

1 *Human Touch* **Bruce Springsteen** Columbia
2 *Lucky Town* **Bruce Springsteen** Columbia
3 *Up* **Right Said Fred** Tug
4 *Stars* **Simply Red** East West
5 *Divine Madness* **Madness** Virgin
6 *Tears Roll Down (Greatest Hits 82-92)* **Tears For Fears** Fontana
7 *Real Love* **Lisa Stansfield** Arista
8 *High On The Happy Side* **Wet Wet Wet** Precious Organisation
9 *The Very Best Of...* **Frankie Valli Four Seasons** PolyGram
10 *Simply The Best* **Tina Turner** Capitol

Compactos

1 "Stay" **Shakespear's Sister** London
2 "Let's Get Rocked" **Def Leppard** Bludgeon Riffola
3 "To Be With You" **Mr. Big** Atlantic
4 "Deeply Dippy" **Right Said Fred** Tug
5 "Finally" **Ce Ce Peniston** A&M
6 "Why" **Annie Lennox** RCA
7 "Tears In Heaven" **Eric Clapton** Reprise
8 "Breath Of Life" **Erasure** Mute
9 "Joy" **Soul II Soul** Ten
10 "I Love Your Smile" **Shanice** Motown

LPs Independentes

1 *Heavenly Hardcore* **Varios** Dino
2 *Bleach* **Nirvana** Tupelo
3 *The White Room* **KLF** KLF Communications
4 *Let Me Come Over* **Buffalo Tom** Situation Two
5 *Stick Around For Joy* **Sugarcubes** One Little Indian

Fontes *Cash Box* e *Billboard* (EUA) de 21 03 92 a 4 04 92, *Melody Maker New Musical Express* e *Music Week* (GB) de 14 03 92 a 28 03 92 Para a *Parada Dos Leitores* foram consideradas as cartas receb das ate 14 02 92 Lojas consultadas Cambio Negro e Cogumelo Disco (Belo Horizonte) Pop Som e Casa Coelho (Porto Alegre) Moder Sound, New Sound e Sub Som (Rio de Janeiro), Temptation Discos e Jukebox (Curitiba) 220 Volts (Campinas), Beratos Alins, Bossa Nova Musical Box Wop Bop e Woodstock Discos (Sao Paulo), em 14 02 92

Convenções: (N) Novidade (R) Retorno ( ) Posição anterior

Alice In Chains

MAN IN THE BOX

(Letra: Staley/Música: Cantrell)

HOMEM NA CAIXA

I'm the man in the box, buried in my shit	*Sou o homem na caixa, enterrado na minha merda*
won't you come & save me, save me?	*você não virá me salvar, me salvar?*
(refrão)	*(refrão)*
Feed my eyes	*Alimente meus olhos*
can you sew them shut?	*você pode fechá-los com linha e agulha?*
Jesus Christ, deny your maker	*Jesus Cristo, negue seu criador*
he who tries will be wasted	*aquele que tentar será liquidado*
feed my eyes	*alimente meus olhos*
now you've sewn them shut	*agora você os fechou com linha e agulha*
I'm the dog that gets beat	*Sou o cachorro que leva surra*
shove my nose in shit	*empurre meu nariz dentro da merda*
won't you come & save me, save me?	*você não virá me salvar, me salvar?*
(repete refrão 2x)	*(repete refrão 2x)*

EDITORA
AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

FAMA
Musica e Idolos

FLUIR
Surf

BOA FORMA
Ginastica, Esporte e Saude

SAUDE E VITAL
Prevenção e Saude

CARICIA
Comportamento Jovem

HORÓSCOPO
Astrologia - Esoterismo

SET
Cinema e Video

SET-1000 VIDEOS
Seleçao dos Melhores Videos

AÇÀO GAMES
O Mundo dos Games

CONTIGO
Atualidades - TV

SEMANARIO
Variedades

SOM SERTANEJO
Musica Sertaneja

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo
Redaçao e Correspondencia, av Nações Unidas 5777, CEP 05479, Tel. (011) 211-7866 Telegramas Editabril Abrilpress
Rio de Janeiro
Rua Marechal Camara, 160 - 15 º andar s 1533 34 CEP 20020 Tel (021) 532-0313, Telex (021) 36890 Fax (021) 532-1486
Los Angeles (EUA)
1840 N Beverly Glen Dr - 90077, Phone (213)474-7851
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N Y 10165 Phone (001212) 557-5990 5993, Telex (00) 237670 FAX (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris Phone (00331) 42 66 31 18 Telex (0042) 660731 ABRIL PA FAX (00331) 42 66 13 99
PUBLICIDADE
Sao Paulo: Av Brig Faria Lima, 1541 - 16" andar CEP 01451, Fone (011) 814-7211, FAX (011) 212-0664
Brasilia-DF: Espaço Com Integrada e Cons Ltda Fones (061) 223 2134 226 3644 FAX
Belo Horizonte: M A M Public e Repres Ltda rua Timbiras, 1560, conj 1904, Ed City Center CEP 30140 Fone (031) 224-9534, FAX (031) 226 2059
Regiao Sul: Print Sul - Av da Azenha, 1502, cj 206 CEP 90060 Fone e FAX (051) 223-9528, Porto Alegre - RS, (0482) 44 8224 Florianopolis - (0474) 33 6186 - Joinville - SC (041) 234-0439 Curitiba PR

EDITORA
AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Divisão: Carlos C. Arruda

REDAÇAO

Diretor: Jose Augusto Lemos
Redator-Chefe, Andre Forastieri
Editores: Alex Antunes (RJ), Camilo Rocha, Celso de Salles Pucci
Editor de Arte: Richard Kovacs
Chefe de Arte, Maria Amelia de Azevedo
Diagramadores: Antonio Fernando Morra e Renato Yada
Coordenador de Produção: Marcelo de Castro
Colaboradores — Textos: Andre Barcinski, Carlos Eduardo Miranda Celso Masson, Evil Otto Hagamenon Brito Nogueira Israel do Vale Neto, Jean Yves de Neufville Jose Julio do Espirito Santo **Fotos:** Ricardo Siqueira Roberto Price Rui Mendes **Arte:** Silene Pereira de Miranda So Hi Kim **Correspondente (Londres):** Anamaria G de Lemos

PUBLICIDADE

Diretor: Claudio Martins
Gerente: Rosangela Cassilo
Contatos: Arthur Oliveira Neto Silvia Lima
RJ-Contato: Lidia Camarati
Coordenação: Wladimir Xavier de Almeida e Jose Soares A Santos

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: Andre Felipe D Amato
Gerente de Promoçoes: Fabio Bueno

EDITORA AZUL

PUBLICIDADE:
Diretor do Rio de Janeiro: Eduardo Rosa
COMUNICAÇAO:
Diretor: Rogério Rahier
SERVIÇOS EDITORIAIS
Azul Press-Gerente: Benjamin S Gonçalves
Estudio Fotografico-Gerente: Fabio Cabral
Abril Press-Gerente: Judith Baroni
Dpto. de Documentaçao-Gerente: Suzana Camargo
Correspondentes (Los Angeles): Ana Maria Bahiana Jose Emilio Rondeau
Diretor Administrativo e Financeiro, Pedro Frazão
Diretora Responsavel: Liege de Lima Dona Castelli

BIZZ 82 e uma publicaçao mensal da Editora Azul S A **São Paulo - Redaçao e Correspondencia:** Av Nações Unidas 5777, tel (011) 211-7866, CEP 05479 Caixa Postal 66254 CEP 05389 Telex (011) 83178 Fax (011) 813-9115 **Telegramas**, Editabril Abrilpress **Rio de Janeiro:** R Marechal Câmara 160 - 15 º andar S 1533 34 CEP 20020 Tel (021) 532-0313 Telex (021) 36890 Fax (021) 532-1486 Telegramas Editabril Abrilpress **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicaçoes Lda , Quinta Pau Varais Azinhaga dos Felais 2685, Camarate Lisboa **Assinaturas:** valor da capa multiplicado pelo numero de edições anuais A Editora Abril garante aos assinantes desta publicaçao que a interrupção na entrega dos exemplares contratados sem que para isso tenha dado motivo o proprio assinante implicara a restituição, em cruzeiros da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que nao forem entregues devidamente corrigido de acordo com as disposiçoes legais em vigor sobre a materia Ao fazer sua assinatura exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal Com sua assinatura seu nome é automaticamente incluido no cadastro da Editora Abril o qual poderá ser cedido a empresas idoneas para fins unicamente de divulgaçao e promoçao de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante cujos telefones constam desta revista Data de circulação maio 92 **Numeros atrasados:** ao preço da ultima edição em banca por intermedio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade Distribuida com exclusividade no pais pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicaçoes São Paulo **Serviço ao Assinante:** tel (011) 823 9222

ANER

Fotolito Fotoline Ltda
IMPRESSA NA DIVISAO GRAFICA DA EDITORA ABRIL S A

KUBIKULUM ROCK

TUDO EM CDS

KUBIKULUM ROCK
R. 24 de Maio, 62 — 2.º and., conj. 351
CEP 01014 Fone Fax (011) 221-5010

Studio Tan
Compact Disc

LOCAÇÃO
Mais de 6000 titulos em CD de todos os gêneros musicais.
Mais de 300 titulos em Video Laser.

VENDA
Trabalhamos com todos os mercados.
Lançamentos simultâneos.
Aceitamos encomendas.
Vendas para todo o Brasil via SEDEX.
Ouça nossos programas na BRASIL 2000 107,3 FM- SP- aos sábados as 14:00 h. e nas segundas as 23:00h.

DISTRIBUIÇÃO
Representante exclusivo
SUB na America do Sul.
POP Vendas por atacado (preços a consultar).
Encomendas para todo o Brasil.
QUALQUER CD A 18 US$ NO BALCÃO

Al. Joaquim Eugênio de Lima, 1220
Jardim Paulista - São Paulo - CEP: 01403
Fone: (011) 887-9082
Distribuidora FAX: (011) 884-9524

CARTAS

CRÍTICAS, PIADAS E DESCULPAS

Sr. Diretor,
Recebemos com indignação o texto de Alex Antunes que, a pretexto de criticar o disco *Parabolicamará*, de Gilberto Gil, investe contra um artista e cidadão de comportamento público e privado exemplares, de forma autoritária, preconceituosa e racista.
É amplo e irrestrito o direito — pelo qual sempre lutamos, arcando com graves conseqüências em tempos mais duros — de cada um dizer o que bem quiser e como quiser. Este direito fundamental tem como contrapartida o dever de cada um assumir a responsabilidade por suas informações e opiniões. Assim, é necessário que o jornalista explique o que o leva a taxar de "francamente odioso" um artista e seu trabalho, chamando-o de "estadista de província" e acusando-o de produzir "falsa música de raiz e protesto" visando a ECO-92 (?!?).
O que significa "transpira aquela baianidade escrota"? Preconceito de alguns paulistas contra os nordestinos que engrandeceram a cultura brasileira e tanto ajudaram a construir a grandeza de São Paulo? Seria "baianidade escrota" homenagear um inquestionável patrimônio de arte brasileira como Dorival Caymmi?
Toda obra artística é questionável, ela existe também para isso, mas é intolerável que em uma "crítica musical" Gilberto Gil seja acusado de forma grosseira de ter feito uma música para "fazer" a Xuxa e só mesmo um racismo invejoso pode explicar que, no caso, "Pelé tem argumentos mais sólidos".
Alex Antunes não foi apenas infeliz em seus (pre) conceitos sobre o trabalho de um artista que teve unânime reconhecimento de seus colegas e de toda a crítica especializada das mais diversas tendências, mas também agiu de forma leviana e irresponsável ao expressar-se de forma, aí, sim, francamente odiosa em relação a um artista que honra e enobrece a cultura brasileira e que muito lutou durante 25 anos em defesa desta mesma liberdade de expressão que agora serve para o exercício do preconceito e do autoritarismo que ofendem, não o grande artista, mas a todos nós. E especialmente a quem o expressou.

Warner Music Brasil

José Augusto Lemos responde: "A primeira coisa que vem à mente é uma antiga edição do *Planeta Diário*, que trazia um teste de múltipla escolha sobre esoterismo. Uma das alternativas de resposta à pergunta 'O que é magia negra?' dizia: 'O p... do Pelé entrando na b... da Xuxa'. Texto assinado reflete exclusivamente a opinião de seu autor, e a Redação de BIZZ sempre teve liberdade quase irrestrita neste sentido. A robotização 'politicamente correta', eunuca e sem humor, e a baixaria pura e simples são extremos a serem evitados. Nossas desculpas a Gilberto Gil. Não é ele quem assina a carta, mas, se o ofendemos, pedimos que encare esta tentativa de humor como uma daquelas crianças que entram na sala onde estão reunidos os adultos, gritam 'xixi!' e 'cocô!' e saem correndo. A importância histórica de Gil dispensa comentários (o tema já foi tratado em matéria de capa de BIZZ). Se tiver algo a dizer sobre o assunto, será uma honra ter um texto assinado por ele em nossa revista".
No mais, Alex Antunes responde: " 'Odioso' não é uma ofensa, é uma caracterização: 'digno de repulsa'. Exagero do resenhista? Talvez eu não tenha sido suficientemente enfático ao definir Gil como um dos gênios da MPB — não digo o maior para não chamar os devotos de Caetano e Chico à querela. O fã inteligente sempre tenta entender quando o artista o frustra, e Gil vem de um longo e inquestionável declínio. Seu à-vontade nos gabinetes da cultura oficial, suas atividades e declarações políticas são só problema dele, mas também parecem fazer parte desse processo. A 'baianidade escrota' a que me referi é exatamente essa disposição para o *lobbismo* cultural, e daí a referência ao 'presidenciável' Antonio Carlos Magalhães. Foi mais com a paixão do fã aporrinhado do que com o rigor crítico que vi *Parabolicamará* — para mim, insisto, uma tentativa oportunista de varrer para baixo do tapete o funkinho padrão Los Angeles a que Gil vinha se dedicando. Mais uma guinada de circunstância, de quem homenageou o 'punk de periferia' mas não se atreveria a pisar na Freguesia do Ó. E cada vez mais longe da trancendência de, digamos, 'O Rouxinol' ou 'Expresso 2222'. Quanto à questão Xuxa, essa é apenas uma piada. Sexista, racista, chula e politicamente incorreta como só as piadas se permitem ser. Quem não achou graça que não dê risada".

MALAGUETAS MUTILADAS

Os leitores Márcio Konno (São Paulo/SP), Dáfni Marchioro (Curitiba PR), Fábio Marques (Florianópolis) e Rejane Ribeiro (Brasília DF) escreveram apontando erros e omissões na tradução de "Give It Away", dos Chili Peppers, publicada na edição 79 (fevereiro). Além de "daughter" ("filha"), traduzida como "irmã", ficou faltando:

"Realize I don't want to be a miser
confide, with sly you'll be the wiser
young blood is the lovin' upriser
how come everybody wanna
keep it like the kaiser"

"Perceba que não quero ser um
pão-duro / confidencie, com astúcia
você ganhará em sabedoria
sangue novo é o rebelde amoroso
como é que pode todo mundo
querer manter isso como o kaiser"

AUXÍLIO LUXUOSO

Querido André
E com muita emoção que escrevemos esta cartinha. Olha, nós tínhamos horror desta revistinha BIZZ, metida, híbrido de *NME* e *Spin* com pitadas de *The Face*, mas, depois que você entrou como editor, não pudemos conter nossa admiração a você, com sua macrovisão de mercado, colocando novidades na revista. Contudo, o tempo passou... e vejo em você um ser ambíguo e infeliz. Na tentativa de ajudá-lo a se libertar (que é objetivo de nossa liga), vamos lhe ajudar *(sic)*
Nós sabemos que você é "porra-louca", pós-moderno (no bom sentido), irreverente, polêmico (?!), criativo, fã do Paulo Francis (nós sabemos, amor, que você adora o Francis. Agora, nós da liga gostamos mais ou menos, pois ele também precisa de ajuda). Teus textos são muito engraçados, você é inteligente, entrou na USP supernovo (não estamos chamando você de velho, pois você ainda é um mocetão), ouve rock para cacete (matava aula para ouvir Clash), é fã do Supla e, além de tudo, é muito "bonito", esses seus cabelos, querido!
Agora vamos auxiliar você. Antes de você aparecer, o Alex Antunes (beijos para ele, nós o amamos) já era bastante "porra-louca", com coerência e sem ambigüidade. Se você acha que a música pop .. (Rock? Isso já existiu? Nós não sabemos.) Para nós todo mundo sempre foi pop, até você é um ser pop, todo mundo sabe da sua existência Você está bastante famoso, por que não aproveita e participa como jurado no Sérgio Mallandro O Zé Simão foi, você viu?
Desculpe, mas estamos saindo do assunto...
Tua ambiguidade! Por enquanto você ainda é muito mocetão e não tem conhecimento de causa, como o Celso Pucci ou o José Augusto Lemos.
Então a "pop musique" é uma merda? Não tem nada de legal?
Então, se tudo anda sem graça, como você diz, faça da seguinte forma: (1) Suicide-se; (2) Mude de ramo no jornalismo; (3) Mude de gosto (você já está batalhando. Saia da BIZZ e entre na *Som Sertanejo*, a música sertaneja é bastante promissora. E você não terá tédio, pois a cada dia terá lançamentos ótimos). Nós adoramos a música sertaneja (Leandro e Leonardo fazem a linha bofe-cafona de arrepiar, você não acha?). Desculpe toda hora fugirmos do assunto, mas você é "porra-louca" e entende, né?
Pelo que nós pudemos ver nas últimas BIZZ, você só se interessa por metal. Achamos que você sempre gostou, mas isso é porque é esperto(a ?!?)
Olha, se "assumir", vai dar ibope; você é lindo e a bofarada vai ficar louca. Por isso, visto que você é esperto, procurou o metal: 1.") Os metaleiros não são privilegiados de inteligência (vide Barcinski — acha-

nos "chiquérrimas" as influências "literárias" de Ozzy para escrever algumas letras do Sabbath); 2.º) São bonitinhos (nós adoramos ir a shows de metal para fazer pega com os "bofes metais"); 3.º) Juram que são bofes como você (se bem que você não jura, né?); 4.º) Você é jovem e ainda está na pós-puberdade, e metal combina mais. (Não adianta você dizer que gosta de Lou Reed, Pixies, Pin Ups, nós não acreditamos, você é metaleira.) Depois de escrevermos todo esse nonsense, você vai dizer que não entendeu?

Essa sua ambiguidade de opiniões pela indeterminação sexual. Seja bissex, está tão em moda, você talvez tenha medo, inexperiência, é "porra-louca", ama o Francis (lembra do Francis e o Cae, foi bicha para cá, para lá, lembra?). Solte a franga, André. Outro conselho da nossa liga: passe a assinar André "Foras" + "Tiete", na numerologia (nós fazemos, certo!) te dá um futuro melhor. Beijos das suas fãs. Como crítico pop, você entende horrores de caminhão.

Mariete, Odete, Juliete, Marinete e Bernadete
Liga das Bichas do Brasil
Brasília, DF

Na minha opinião, André Forastieri deve ser amante de Camilo Rocha, porque os dois combinam "em tudo".

Rodrigo Leal Lage
Miracema,RJ

Queria ser você, Camilo Rocha, para poder falar com os meus queridos Andy e Vince, do Erasure. Mas tenho esperança que um dia vou conseguir ver e falar com eles.

Achei muito bonito aquilo que você disse, que poucos são machos para sair em defesa pública dos gays.

Danieli Carli Patta
Sta. Rita do Sapucaí,MG

SEPULTURA E BARULHO

Putz! A BIZZ 79 (fevereiro) foi um tesão, em especial pela matéria (até que enfim!) sobre o Ministry.

Sylvio Miceli
São Paulo SP

Estou parabenizando a BIZZ por uma maravilhosa matéria do Sepultura, que o André Forastieri publicou em fevereiro. Está ótima! Para todos os babacas da dance music: se for por mim, morrerão de fome. Sou assinante da BIZZ. Foda-se quem não gostou.

Pedro Paulo F. Silva
São Paulo SP

Pô, até quando quem é gente vai ter de aturar essa maldita revista botar na capa esses trogloditas, cabeludos feios e fudidos. Todos estão sabendo que metal (urgh!) é moda, mas será que até a BIZZ entrou na onda bagaceira do metal (urgh!)?

Vocês críticos e os comuns adoram o som podre e cru da metalurgia. Que decadência!

Tecnopoppers Anônimos
Porto Alegre RS

Caras... Parabéns! A edição 79 estava perfeita. Três entrevistaços: Erasure, Ministry e o grandioso Sepultura, com sua segunda e merecida capa. Estou esperando ansioso pela seqüência de Barulho (grande idéia!), pois a primeira entrevista, com o fudido Ministry, já deu uma amostra do que está por vir. Espero que não se esqueçam de Prong, Holy Terror e Circle Jerks. Valeu!

Marcio Coelho
Cachoeiro do Itapemirim ES

É a primeira vez que escrevo para uma das melhores revistas do país, quero fazer uma reclamação ao Dr. Max Cavalera. Pô, qual é a dele? Meu, o cara só fala palavrão, que coisa chata. Que negócio é esse de que falar de amor é batido demais, é mesmice, a cara dele?

Max, cara! Você nos decepcionou mais uma vez. Por isso que vocês perdem fãs. É cada obscenidade. Meu Deus, o que é isso?

Agora, Max, uma pergunta. Afinal, que negócio é esse de "e aí, filho da puta, vi tua namorada dando o cu ontem"? E outra: que porra é essa de "meto a boca e boa, porque na minha opinião você poderia meter outra coisa"? Não essa boca, de onde só sai porcaria. Pô, cara, eu estou tão decepcionada contigo! Você não presta, mas o pior é que eu te amo. Não só você, mas todos dessa bendita banda que é o Sepultura, a banda de thrash metal que mais amo nessa vida!!...

Te amo, cara, mas vê se pára. Pô, será que você não sente que está magoando, machucando com o sentimento de nós, fãs? Você vai nos perder para sempre e aí eu quero ver como você vai se sentir. Já pensou, o Brasil inteiro vaiando o Sepultura? Só vai te sobrar aqueles estrangeirozinhos. Vê se pára, tá? Fale coisas que tenham mais sentido. Te amo, baby.

Adriana Constantino da Silva
Nanuque/MG

Apesar da edição de fevereiro estar fininha, a capa e as matérias com o Sepultura e da série *Barulho* estão entre as melhores já publicadas. Só faltou citar o nome do livro do André Barcinski, que juntamente com o seu xará Forastieri, são os melhores escribas desta revista.

Ian Mello
Campina Grande PB

André Forastieri responde: "Minha culpa, minha tão grande culpa. Para registro: a) a entrevista com os Ratos de Porão da BIZZ 81 foi feita por Carlos Eduardo Miranda; b) a entrevista com o Ministry da BIZZ 80, a foto de capa da BIZZ 81 e a parte 3 de *Barulho* na BIZZ 82 (incluindo as fotos de Joey Ramone e Jello Biafra) foram realizadas por André Barcinski; são trechos das reportagens completas, que estão no livro *Barulho*. Desculpas aos leitores, ao Miranda e principalmente ao Barcinski."

Fotos André Barcinski Azul

BIZZ

PARA ANUNCIAR

LIGUE

(011)2117866

PREPARE-SE
PARA OUVIR ESTA!

LOCAÇÃO
E VENDA
DE
CD'S.

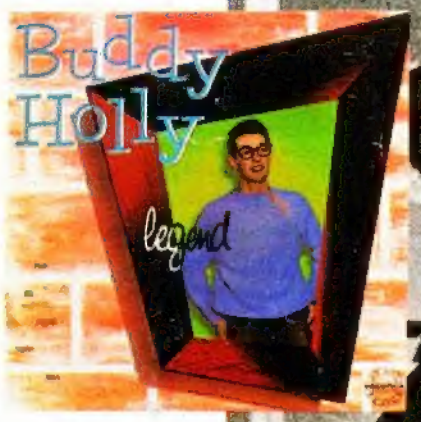
DESPACHAMOS
PARA
TODO O
PAÍS.

INSCRIÇÃO GRÁTIS NA APRESENTAÇÃO DO ANÚNCIO (VAL. ATÉ JULHO/92).

R. CAPOTE VALENTE, 1443 - FONE: (011)872.3113

CLUBE do CD

BUDDY HOLLY
LEGEND (1985)



Toda a obra de Buddy Holly editada em vida resume-se a cerca de 50 canções, distribuídas em 18 singles e três LPs. Seu trágico falecimento, em fevereiro de 59, estimulou um verdadeiro vampirismo do seu legado, e inúmeros discos póstumos foram editados.

Entre compilações e relançamentos dos discos originais, uma quantidade de material inédito foi sendo oferecida ao público, como demos, *outtakes* etc. O melhor desse "Holly inédito" está no álbum *For The First Time Everywhere*, compilado por Steve Hoffman para a MCA em 83. Resumindo, a obra completa de Holly pode ser estimada em cerca de 70 músicas, gravadas entre 1956 e 1958.

O mesmo Steve Hoffman montou esta coletânea *Legend*, editada em 85 nos EUA e mais recentemente no Brasil pela WEA, na série Discoteca Básica. Traz as vinte melhores e mais influentes gravações originais de Holly, tudo com som remasterizado, da melhor qualidade.

A fenomenal infuência dessas músicas no pop/rock/country dos anos 60 em diante pode ser constatada nos revivals dessas músicas quando regravadas com sucesso por outros artistas. A música de Holly não envelheceu, permanece viva, fresca e vigorosa.

Holly era um texano de Lubbock que adorava música country. Acabou criando um estilo de cantar, tocar e compor absolutamente original. Suas primeiras gravações para a Decca são puro country com um toque de hillbilly; depois se autoproduziu gravando rockabilly, como protesto pelas limitações impostas pela Decca. Ao encontrar Norman Petty, que passou a produzi-lo em seu estúdio, em Clovis, New Mexico, Holly achou seu som e seu caminho.

Sem Petty, Holly teria se tornado na melhor das hipóteses um astro da música country, sem maior importância. Ou talvez tivesse radicalizado ao peitar os intransigentes produtores da Decca, e ficasse para sempre garroteado pelos acordes primitivos do rockabilly. Poderia ter se transformado num dos muitos heróis obscuros do rock, como Charlie Feathers, que até hoje vagueia, tocando a *mesma* música de meados dos anos 50.

Tendo Petty como produtor, parceiro e manager, Holly criou os Crickets; mudou constantemente o line-up da banda; liberou sua inventividade; foi gravar em Nem York com novos produtores; rompeu com seus antigos músicos; gravou novos compositores, como Bobby Darin e Paul Anka; e adicionou cordas ao seu som. Quando morreu, planejava gravar um LP inteiro com músicas de Ray Charles.

Legend tem um pouco do melhor de cada fase de Holly, com ênfase no período com os Crickets originais, Joe Mauldin, Jerry Allison e Niki Sullivan. Holly inventou a formação básica dos grupos de rock com duas guitarras, baixo e bateria, que permanece até hoje. Isso deveria bastar para torná-lo imortal.

RENÉ FERRI

Photofest

ADRENALIZE!

PolyGram

É adrenalina demais. Primeiro o baterista perdeu um braço num acidente de carro e não parou de tocar. Depois o guitarrista foi encontrado morto, mas eles não desistiram... Pro **DEF LEPPARD** desgraça pouca é bobagem. Como antídoto, eles batem na madeira e a cada quatro anos lançam um novo disco, cada vez melhor. É o caso de **"Adrenalize"**, rock'n'roll de quem foi até o fundo do poço e voltou para exorcizar tanta bruxa. De uma vez por todas.

CD • LP • MC

ERNESTO BALDAN

sete sete cinco